

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

RENATA LOBATO SCHLEE

**A VIDA, A ARTE E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL
NOS ATRAVESSAMENTOS DE UMA NATUREZA PAMPEANA**

RIO GRANDE, 2018

RENATA LOBATO SCHLEE

**A VIDA, A ARTE E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL
NOS ATRAVESSAMENTOS DE UMA NATUREZA PAMPEANA**

Tese de Doutorado apresentada como requisito parcial à
obtenção do título de Doutora em Educação Ambiental,
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental,
Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

Orientadora: Profa. Dra. Paula Corrêa Henning

Rio Grande, 2018

S339v Schlee, Renata Lobato.

A vida, a arte e a educação ambiental nos atravessamentos de uma natureza pampeana / por Renata Lobato Schlee. – 2018.

225 f.: il. ; 30 cm.

Tese (doutorado) — Universidade Federal do Rio Grande, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Rio Grande, RS, 2018.

“Orientação: Prof.^a Dr.^a Paula Corrêa Heming”.

1. Natureza. 2. Educação Ambiental. 3. Fotografia. 4. Estética da Existência. 5. Pampas – Rio Grande do Sul. I. Título.

CDU: 504:37

Catálogo na Publicação:

Bibliotecário Thiago Lopes da Silva Wyse - CRB 10/2065

Renata Lobato Schlee

**“A vida, a arte e a Educação Ambiental nos travessamentos de uma
Natureza Pampeana”**

Tese aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutora em Educação Ambiental no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Comissão de avaliação formada pelos professores:

Paula Henning

Prof.^a. Dr.^a. Paula Corrêa Henning
(PPGEA/FURG)

Paula Regina Costa Ribeiro

Prof.^a. Dr.^a. Paula Regina Costa Ribeiro
(PPGEA/FURG)

Virgínia Tavares Vieira

Prof.^a. Dr.^a. Virgínia Tavares Vieira
(FURG)

Cleber Gibon Ratto

Prof. Dr. Cleber Gibon Ratto
(UNILASALLE)

Roselaine Albernaz

^{pl} Prof.^a. Dr.^a. Roselaine Albernaz
(IFSUL/PELOTAS)

Dedico esta Tese aos meus filhos Pedro e Ramiro.

AGRADECIMENTOS

Momento especial de agradecer e destacar a gratidão em relação a algumas pessoas que estiveram ou estão mais perto desta pesquisa. Registrar e valorizar sua participação são formas de iniciar um agradecimento que com alguns e algumas ainda se desdobrará em muitos e muitos mates.

Em especial...

Meu primeiro *Muchas Gracias* é para minha orientadora, **professora Paula Corrêa Henning**. Minha amada Paulinha, estar contigo neste desafio foi muito especial. Tem um sabor de amizade cúmplice e sólida, traduzida em irmandade, como gostamos de sentir e falar. Sentimentos e afetos rechearam aulas e orientações e tanto aprendi e continuo aprendendo contigo... Acreditaste em meu doutorado antes mesmo de mim. Só eu sei o quanto tive receio em não corresponder à dedicação e à competência que mereces de uma orientanda. Finalizando esta pesquisa, me sinto ainda mais perto de ti. Encontramo-nos num alegre corredor da escola onde trabalhávamos juntas há um tempo e, “*gracias a la vida*”, nunca mais nos separamos e paramos de *con viver*. Tua alegria, dedicação, coragem e competência que consegues imprimir naquilo que vives me inspiram, ensinam e impulsionam. Como te agradecer? O que eu posso te dizer é que meu desejo é continuar inventando muitos “tempos” para nós, das mais variadas produções, das intelectuais às brincadeiras... sempre com muitas risadas e mate. Acredito que isso seja uma forma de te agradecer, te dizendo que me fazes ter esperança, não só em mim, mas na vida!! Ao te agradecer, trago um aforismo nietzschiano: “*O que você ama nos outros? – Minhas esperanças*”. (NIETZSCHE, 2012, p. 165). **Gracias, Paulinha!** Estamos juntas *siempre...*

Aos **meus filhos Pedro e Ramiro** (Pedro Schlee Soler; Ramiro Schlee Méndez). Amores da minha vida! Pessoas incríveis que me fazem *viva* a cada

instante. A oportunidade de estar junto a vocês é o maior presente desta existência. Adorei conversar com vocês sobre a Tese e agradeço cada carinho e estímulo que me deram. Mas o agradecimento maior é por fazerem parte da minha vida e me proporcionarem e ajudarem a ser *como sou*. Vocês são lindos!
Gracias, amores!

Também agradeço...

Aos professores que compuseram a Banca de Qualificação e a Banca de Defesa: Professor Cléber Ratto; Professoras Paula Ribeiro; Professora Rose Albernaz; assim como o aceite da Professora Virgínia Vieira para compor a Banca de Defesa. Todos muito importantes desde o processo de qualificação, suas sugestões e indicações colaboraram para este resultado. Mergulhei em suas contribuições, aprendi com elas e construí esta Tese a partir do olhar cuidadoso que tiveram com o Projeto de Qualificação. Gracias, Professor! Gracias, Professoras!

Agradeço ao grupo de pesquisa do qual faço parte, Grupo de Estudos em Educação, Cultura, Ambiente e Filosofia – GEECAF-FURG, que me oportuniza estudos, análises e problematizações. A todos(as) colegas, professores e professoras envolvidos. Um grupo que se diferencia na parceria e convivência. Aprendizados, sugestões, leituras, conversas... Sou muito grata a cada um de vocês!

Agradeço aos professores e professoras do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGA / FURG e do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências – CEAMECIM / FURG, do qual participei das suas disciplinas e muito aprendi.

Agradeço a CAPES pelo auxílio no desenvolvimento financeiro desta pesquisa. Aproveito para reforçar o quanto o fato de ser bolsista possibilitou a

realização deste doutoramento e aproveito para reforçar a defesa e importância da manutenção de fomentos dessa natureza, assim como da manutenção da Universidade pública e gratuita neste país.

Agradeço a amizade, irmandade, orientações, parceria, mates, pensamentos, choros, risadas, conselhos, puxões de orelha, significados e trocas que fui consolidando nesse “tempo” com Aninha; Mari; Kekel; Viks; e Serginho (Ana Isabel Corrêa; Mari Fagundes; Raquel Dias; Virgínia Vieira; e Sérgio Pinho). Cada um de vocês, com seus “mundos”, foram fundamentais em minha construção como doutoranda. Aqui vai todo meu reconhecimento e gratidão. Sou muito “sortuda” em ter vocês. Gracias por cada mate, cada momento vivido! Que venham muitos outros momentos...

Agradeço às queridas amigas da “fronteira” Ju; e Bel (Juliana Schlee; e Isabel Marques). Pampeanas que me ajudaram com amizade, apoio e sugestões na realização desta tese. Às queridas Camilinha; Carol; e Gisa (Camila Magalhães; Caroline Bonilha; e Gisele Ruiz Silva), inúmeras vezes e em diversas situações trocamos pensamentos, afetos e boas risadas. Camilinha serás “*prá sempre* minha amiga computadoradora”!

Agradeço ao músico e colega Flávio da Silva Mendes que lindamente interpretou a música de abertura da Tese na data de sua defesa.

Agradeço a amizade e compreensão de minhas ausências às amigas Denise Trilho Otero, Isabella Souza e Patrícia Wincler. Nem sempre consegui estar perto, pois precisava “escrever”, mas, na certa, sempre estive “junto”. Gracias pela amizade e apoio.

A Rosaura (Rosaura Rotta Pereira), que se fez mais que especial neste momento. Contigo, através de teu afeto, profissionalismo e competência construí forças e caminhos neste campo afora. Uma camperizada que extrapolou o apoio

necessário para a construção deste trabalho de pesquisa, mas que me fortaleceu e me proporcionou aprendizados para a vida. Muito obrigada Rosaura, *hoy e siempre!*

E propositadamente por último...

Agradeço à **minha família**, laços de amor que nos fazem ficar perto do jeito que vamos inventando ao longo dos “tempos”. Alguns ainda por aqui, outros já partiram. Todos importantes e fundamentais na minha constituição, significativos em sua maneira de ser e estar junto a mim. **Gracias por tudo!** Sem vocês, não seria assim. Fica aqui meu apertado abraço e beijo, com todo afeto e amor, aos meus filhos (que foram citados acima), e também:

Aos meus pais, Luiza Maria Dias Lobato e José Ilton Schlee. A vocês agradeço as inúmeras *camperizadas* e *tropereadas* ao longo da minha vida. Uma trajetória cheia de amor e de descobertas, na qual cada um de vocês, com seu mundo, me fez querer sempre assumir um posicionamento e buscar *como sou...* Obrigada, queridos. **Gracias pela vida!**

Aos meus irmãos, Jujuba (José Ilton), Rodrigo e Guto (Augusto). Ao longo dos anos, foram inúmeras as vezes em que agradei a existência de vocês. Um *tempo* que se faz nosso. Jujuba e Rodrigo, o *Pampa* que está em mim é fruto do que construímos juntos pela vida *afora*. Um amor ao que somos e que vamos nos tornando sempre juntos, sempre “enfrentando” o que tivermos pela frente... Guto, tua presença em minha vida, fortalece e estimula minha *gana* por uma construção de mundo mais justa, quantas e quantas vezes nos pegamos em intermináveis e apaixonantes conversas sobre as relações de saber-poder? Guris, vocês estiveram presentes em cada linha desta Tese (Jujuba; Rodrigo e Fernanda, sei das inúmeras vezes que vocês pararam com o que estavam fazendo, sem importar dia ou horário, para me ajudar em dúvidas, conceitos, bibliografia, sentimentos...). A cada um de vocês e a cada uma das

gurias – Paula, Fernanda, Mariana, Julia e Luana –, meu muito obrigada pelo amor, afeto, parceria, companheirismo e incentivo. **Gracias, manos amados!!**
Gracias Gurias amadas!

Aos meus avós, Manoel Oscires Lobato e Jacy Dias Lobato. Duas pessoas importantes e fundamentais em minha existência. Amores que a saudade faz viver; saudades que o amor faz viver... Forças de vida que me estimulam em cada amanhecer e que me confortam em cada anoitecer. Cada olhar, carinho, afeto, ensinamentos e *gana* pela vida que me passaram são laços que nos unem e nos permitem estar juntos nesta “*tierra*”. **Gracias, Abuelos!!**

As minhas cunhadas que se fazem irmãs nessa trajetória de vida. Obrigada Fernanda e Paula (Fernanda Valente de Souza; Paula Fonseca Schlee). Vocês são cúmplices em minhas camperizadas em afetos, conversas, consultas... Paulinha, “tamujuntu” sempre... nossas intermináveis conversas, muito me apoiaram e reforçaram momentos significativos para a elaboração deste trabalho. Fernandinha, quantas garimpagens em material; conversas sobre o Pampa; sobre nossas vidas; e incentivos? Perdi a conta! Sei da importância de tudo que trocamos para a realização da tese. Luana (Luana Moraes), se fazendo presente, afetuosa, participativa e estimulando sempre. Gracias gurias, pelo amor e apoio na construção deste *tempo*.

Constantemente interessada nos passos da Tese, me impulsionava para a finalização e me estimulava com conversas e opiniões. Gracias pelo interesse e carinho de sempre Magali Schlee. Muito obrigada pelo incentivo de sempre.

Minha afilhada Mariana (Mariana Fonseca Schlee), “filha de coração” que me entende pelo olhar e tanto me incentiva para a vida e me lança em esperanças... Quantas vezes me perguntou se já havia acabado a Tese... aqui está minha amada. Gracias pelo amor e carinho!

Yaya querida (Josiane de Oliveira). Pessoa mais que especial que entrou para a família, ocupou nossos corações e muito me ajudou. Tua maneira de ser, teus afetos e cuidados com o Ramirinho neste período de doutorado me possibilitaram a necessária tranquilidade para a pesquisa. Gracias pelas conversas, parceria e dedicação com toda minha família.

Tatá amada (Thaís Tabelaio), amiga “filhotinha” que foi chegando com seu jeitinho e conquistando meu ser. Pessoa linda que quero sempre estar perto. Obrigada por seres como és e irradiar tanta vida para quem tem a *suerte* de *con vivir* contigo. Gracias pelo carinho, conversas e incentivos.

Ainda:

Ao meu *precioso mate, compañero* de todos os momentos.

Ao Teia e ao Trótsky, amigos que ao longo do processo de escrita me acarinharam com sua companhia.

A Restinga e Pedras Altas, espaço-tempo de vida e potência de vida que impulsionaram esta Tese *desde siempre*.

Às parcerias de Perotá Chingó; Matilde Campilho; Leon Gieco; Eduardo Aute; Cafrune; Mozart; Jorge Drexler; Mario Quintana; Bach; Cesaria Evora; Charly Garcia; Onda Vaga; Julieta Venegas; Maradona; Paulinho da Viola; Moby; Sona Jobarteh; Athahualpa Yupanqui; Paulinho Martim; Liniker e os Caramelows; Buika; Luis Melodia; Johnny Cash; 4 Pesos de Propina; Despeche Mode; Cayó la Cabra; Chopin; Chango Spasiuk; Nacho Rodriguez y Caracoles; Marisa Monte; Gastón Ciarlo; Pink Floyd; Kevin Johansen; Yes; Vitor Ramil; José Claudio Machado; La Vela Puerca; Natalia Lafourcade; Cassia Eller; Gustavo Santaolalla; Paulinho Moska; Fito Paes; Bomba Stereo; Cigarettes; Gustavo Pena; Spinetta; Los Espiritus; Antonin Artaud; Daniel Drexler; Rubel; Calle 13; Zoe; Vanguard; Nando Reis; Francisco El Hombre; Albert Camus; Led Zepelin; 5 a Seco; Ananda Marga; Érico Veríssimo; Constance Amiot; Bersuit Vergarabat; Tribalistas; Sui Generis; Charles Bukowski; Mercedes Sosa...

Gracias!!

RESUMO: A presente Tese de doutorado em educação ambiental tomou como problema de pesquisa “Como os fotógrafos e suas fotografias fabricam uma natureza pampeana na atualidade?” e percorreu os caminhos teóricos metodológicos de autores da filosofia da diferença, como Friedrich Nietzsche, Michel Foucault, Gilles Deleuze e Félix Guattari. O trabalho apoiou-se em ferramentas da análise do discurso foucaultianas e teve três fotógrafos pampeanos escolhidos como sujeitos de pesquisa, trazendo sua produção fotográfica para o *corpus* empírico. As fotografias registram um retrato de natureza do/no Pampa da atualidade. Além das imagens, a pesquisa contou com entrevistas realizadas com os fotógrafos. A partir do encontro com os referidos artistas, suas imagens foram selecionadas, sendo escolhidas por eles próprios. Tomando a natureza como formação discursiva, a pesquisa analisou uma territorialidade pampeana do sul do Brasil, no Rio Grande do Sul; do Uruguai; e da Argentina. Tomaram-se como questões de investigação: “Como se constitui o sujeito pampeano?”; “Como se estabelece a relação entre cultura e natureza na constituição do Pampa?”; “Como se entrelaçam os ditos e as fotografias pampeanas na fabricação de natureza?”. A Tese está dividida em duas partes. Na primeira parte, houve o aprofundamento e a busca de alguns elementos genealógicos da formação histórica do Pampa, percorrendo referenciais que ajudassem na compreensão da formação discursiva de natureza pelos caminhos da história do presente de Michel Foucault. Foi investigada a fabricação de conceitos de natureza e também da figura cultural do gaúcho. Ditos e não ditos de entrevistas e fotografias evidenciaram três enunciados que foram analisados na segunda parte deste trabalho, sendo eles: “Uma campeira conexão / Uma urbana desconexão”; “Um duplo campeiro”; e “Natureza-Tempo”. O primeiro nos traz os traços de uma modernidade que binariza o sujeito: um humano campeiro conectado à natureza, e seu duplo, um humano urbano e desconectado da natureza. O imagético nos trouxe a necessidade da delimitação da natureza em áreas protegidas. O segundo enunciado apresentou um duplo campeiro, ou um duplo modo de ser campeiro no espaço rural, dentro da problematização do que tomamos por natural e por cultural. Já o enunciado de Natureza-Tempo foi analisado a partir de enunciações que sustentaram um tempo para o Pampa, um tempo como possibilidade de existência estética num exercício em relação ao que é tomado por natureza. Sob a esteira da educação ambiental, houve a análise e problematização desta pesquisa. Uma educação ambiental que foi tomada como filosofia em que existências estéticas puderam ser pautadas e suspeitadas. Uma educação ambiental que se possibilitou enquanto ensaio, num exercício de pensar o pensamento. Um exercício de pensar o presente e permitir-se pensar diferentemente. Assim, esta pesquisa problematizou como o imagético nos provoca a pensarmos na produção de verdades como aquilo que vamos tomando por natureza no Pampa.

Palavras-Chave: Natureza; Pampa; Educação Ambiental; Fotografia; Filosofia; Estética da Existência.

ABSTRACT: This doctoral thesis in environmental education has as its research problem "How do the photographers and their photographs fabricate a Pampean nature today?" and went through the theoretical methodological paths of authors of the philosophy of difference, such as Friedrich Nietzsche, Michel Foucault, Gilles Deleuze, and Félix Guattari. The work was based on Foucaultian discourse analysis tools and had three Pampean photographers chosen as research subjects, bringing their photographic production to the empirical corpus. The photographs register a nature scenario of the/in the Pampa of the current time. Besides the images, the research counted on interviews with the photographers. Parting from the encounter with the mentioned artists, their images were selected and chosen by themselves. Taking nature as a discursive formation, this research analyzed a Pampean territoriality of the south of Brazil, in Rio Grande do Sul; of Uruguay; and Argentina. The research questions prepared are: "How is the Pampean subject constituted?"; "How is the relationship between culture and nature established in the constitution of Pampa?"; "How do sayings and Pampean photographs interweave in the fabrication of nature?". The Thesis is divided into two parts. In the first part, there was a deepening and search of some genealogical elements of the historical formation of the Pampa, using references that help in the understanding of the discursive formation of nature through the paths of the history of the present of Michel Foucault. The fabrication of concepts of nature and of the cultural figure of the gaucho was investigated. Sayings and not sayings of interviews and photographs showed three statements that were analyzed in the second part of this work: "A countryside connection / An urban disconnection"; "A countryside duality"; and "Nature-Time". The first one brings us the traits of a modernity that binarizes the subject: a landsman connected to nature, and his duality, an urban human disconnected from nature. The imagery has brought us the need to delimit nature in protected areas. The second statement presented a countryside duality, or a double way of being a landsman in the rural space, within the problematization of what we take for natural and for cultural. The statement of Nature-Time was analyzed from enunciations that sustained a time for the Pampa, a time as a possibility of aesthetic existence in an exercise related to what is taken by nature. Under the influence of environmental education, there was the analysis and problematization of this research. The environmental education was taken as a philosophy in which aesthetic existences could be ruled and suspected. The environmental education was made possible as an exercise of thinking: an exercise of thinking the present and allowing people to think differently. Thus, this research problematized how the imagery causes us to think about the production of truths as what we are taking by nature in the Pampa.

Keywords: Nature; Pampa; Environmental Education; Photograph; Philosophy; Aesthetic Existence.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

ACENTANDO NO SILÊNCIO.....	16
-----------------------------------	-----------

PARTE 1

CAPÍTULO 1

NA LIDA - A Pesquisadora e a Pesquisa.....	20
Amanunciando.....	22
Invernada.....	29
Largando a campo.....	47

CAPÍTULO 2

TROPEREANDO – A Fabricação de Conceitos de Natureza.....	49
Encilhando.....	51
Remoendo o freio.....	54
Abrindo a cancha – Desnaturalizando a natureza.....	62
Encerrando.....	74

CAPÍTULO 3

CAMPO AFORA - História do Pampa.....	75
Olhando ao longe.....	76
Campo Aberto.....	78
Apeiando.....	104

PARTE 2

CAPÍTULO 4

UNA GIRA – Mirando uma Dupla Posição do Humano no Pampa Frente ao Campo e ao Urbano	107
Introdução.....	109
Uma campeira conexão / uma urbana desconexão.....	112
Considerações finais.....	140

CAPÍTULO 5

RASTREANDO – Seguindo Pistas de um Duplo Campeiro no Pampa	141
Introdução.....	143
Um duplo campeiro.....	144
Considerações finais.....	164

CAPÍTULO 6

GUASQUEANDO O TEMPO – Uma fabricação de Natureza no Pampa	168
Introdução.....	170
Guasqueando o tempo / Natureza-Tempo.....	171
Considerações finais.....	201

CONCLUSÃO

FLOR DE PENSAMIENTO – Considerações Finais da Tese	209
---	-----

REFERÊNCIAS	218
--------------------------	-----

ACENTANDO NO SILÊNCIO
Deixando-se Envolver Pela Tese

INTRODUÇÃO

ACENTANDO NO SILÊNCIO
Deixando-se Envolver pela Tese

ACENTANDO NO SILÊNCIO

Deixando-se Envolver Pela Tese

**Me atrevi perguntar a peonada de prosa,
O que faço da vida...
E entreguei a palavra do meu coração,
Ao violão que aguardava num canto do rancho...**

A questão é saber, se deixar envolver,
Pelo bem, pelo mal mas que tal!
Se o galpão pede lenha, a saudade uma senha,
E a vida um buçal!

**Por meu lado, a tristeza acentou no silêncio
Umás quantas de lua...**

E marcou na paleta, as tropilhas que a dor
Lastimou no cavalo as pechadas da lida!
As razões que se têm, me castiga o chapéu,
De tormenta e suor mas o pior
É cuidar da manada, quando a tropa desgarrá,
Com o focinho no sal!
Amada, apura!... Me serve um mate
Enquanto late a cachorrada...
Lambendo a baba o gado mostra,
Que a vida gosta um pouco mais!

Ademais amor, ademais amor,
A poesia tem planos pra nossa dor!
(MORAES, 2018, grifos meus)

ACENTANDO NO SILÊNCIO

Deixando-se Envolver Pela Tese

Acentando certo silêncio, convido para a leitura desta Tese. Um trabalho de pesquisa em educação ambiental, que trança uma narrativa de natureza entre dizeres e imagens de um Pampa. Em sua produção, foi necessário *acentar* no silêncio, intensificar o silêncio numas “quantas de lua”, como disse Moraes, na música acima. Um necessário silêncio, zona vaga, vazio, *entremeio* para que o pensamento se fizesse pensamento. Esta é uma tese que se propõe pensar sobre o pensamento e se provocar em pensatividade nesse campo de saber.

Em tempos de graves crises ambientais e significativas mudanças comportamentais que trazem o humano em evidência neste jogo de forças, trago a possibilidade de permitir uma zona vaga ao pensamento. Moraes (IBIDEM) se deixa perguntar “o que fazer da vida?”. Assim, também me permiti. Diante de tantas verdades colocadas sobre educação ambiental, ambiente, natureza, Pampa, como nos posicionamos? Como pensamos sobre natureza? Sobre Pampa? Sobre educação ambiental? O autor perguntou ao violão. Eu fui perguntar, fui entregar a “palavra” a artistas do Pampa e suas fotografias.

Entendendo que a “a poesia tem planos pra nossa dor”, a arte vem como potência de vida, e as vidas vão se manifestando em relações estéticas que tratam dores; cores, crises; alegrias; cheiros; prazeres... enfim, processos culturais de um espaço-tempo. Tratando-se do *corpus* desta pesquisa, temos, na fotografia, uma potente prática cultural que nos ensina, que nos provoca e pode nos colocar em pensatividade sobre a vida – uma pensatividade pelos caminhos da educação ambiental, tomada com arte e com filosofia.

A Tese foi dividida em duas partes. Três capítulos iniciais que trazem aprofundamento teórico e metodológico; conceitos de natureza; história do Pampa. Nos três últimos capítulos de análise, evidenciei três enunciados: Uma campeira conexão/uma urbana desconexão; Um duplo campeiro; Natureza-Tempo. A escolha de orientação de página, em modo paisagem¹, ocorreu para que o tamanho e a qualidade das fotografias pudessem ser mais bem demonstrados.

¹ Esta Tese foi homologada pelo Colegiado de Curso em Ata (04/2018) com a determinação de que seu formato deveria ser transformado em Retrato, o que foi feito, modificando seu formato original. No entanto, entendo que muito se perdeu em diagramação e poetização de seu conjunto.

ACENTANDO NO SILÊNCIO

Deixando-se Envolver Pela Tese

As análises exploraram o material empírico na problematização de como uma natureza vem sendo fabricada no Pampa na atualidade. Com ferramentas da análise do discurso de Michel Foucault, ditos e não ditos foram pinçados e analisados. De tal investimento, resultou este trabalho. O desejo foi mobilizar o pensamento para a seara da educação ambiental, tensionando nossos modos de existir e conviver com/no Pampa e em sua natureza. Assim, tratei de questões que trazem a constituição do sujeito pampeano, em como se estabelece a relação entre cultura e natureza no Pampa e como se dá o entrelaçamento entre ditos e fotografias numa fabricação de natureza. Nesses atravessamentos, busquei provocações sobre o modo como pensamos e constituímos nossas verdades. Trazendo o poético de alguns ditos e de imagéticos, esta pesquisa convida a pensar sobre a vida no Pampa, sobre uma natureza no Pampa e suas existências estéticas.

[...] Como fenômeno estético a existência ainda nos é *suportável*, e por meio da arte nos são dados olhos e mãos e, sobretudo, boa consciência, para *poder* fazer de nós mesmos, olhando-nos de cima e de longe e, de uma artística distância, rindo de nós ou chorando por nós; precisamos descobrir o *herói* e também o *tolo* que há em nossa paixão do conhecimento, precisamos nos alegrar com a nossa estupidez de vez em quando, para poder continuar nos alegrando com a nossa sabedoria. [...]. (NIETZSCHE, 2012, p. 124).

Como na música, a “poesia tem planos”, a arte tem planos, nos faz a vida “suportável”, segundo Nietzsche. Minha intenção foi/é fazer uma educação ambiental que nos provoque sobre diferentes formas de existência estética e, ainda, pensar sobre a potência da educação ambiental que pode fazer do pensamento uma experiência. Uma investida na educação ambiental como suspeita, como filosofia. Tomada com poesia, com vida, com arte. Boa leitura!

NA LIDA
A Pesquisadora e a Pesquisa

CAPÍTULO 1

NA LIDA
A Pesquisadora e a Pesquisa

NA LIDA
A Pesquisadora e a Pesquisa

Vivir no es correr,
ni pensar con prontitud;
es desarrollarse em um espacio personalíssimo,
com una función personalíssima,
em um tiempo personalíssimo;
más bien demorarse um poco ´apurarse despacio´
y marchar sin olvidarse de nada.
(ESTRADA, 1996, p. 25)

NA LIDA

A Pesquisadora e a Pesquisa

Amanunciando²

Nos caminhos de Estrada, penso que talvez a vida seja este *espacio personalissimo* de idas, vindas e atravessamentos onde *marchamos sin olvidarse de nada*. Uma marcha que é, também, de memórias – não de um passado distante, mas de um passado no hoje, no presente, que me fazem ser como sou.

Um *olvidarse* contingente, um exercício permanente de pensar-se e procurar-se. Já pensava um dos grandes intercessores desta tese: “Como me torno aquilo que sou?”. A pergunta nietzschiana marcou, de início, o sentido apresentado neste trabalho para pensar minha existência e seus desdobramentos. Minha vida acadêmica, nos últimos anos, foi sendo cada vez mais influenciada pelas contribuições apresentadas pelos estudos pós-estruturalistas. Assim, cheguei neste doutoramento: como processo de continuidade nesse *desarrollarse* em um espaço-tempo determinado, o qual está sempre em construção.

Sin olvidarse de nada, na humildade de pensar o meu presente como uma marcha, foco em objetivos e ousar entendê-los. Ouso me sentir parte da construção do presente... do meu presente, que é atravessado por passado(s) e que me fazem buscar, cada vez mais, entendê-lo(s). Uma compreensão do passado sob o olhar de meu tempo presente. Com esse olhar, me perceber numa história, num *desarrollarse* contingente. Meu espaço-tempo como fabricação. Um espaço-tempo (presente) fabricado. E, na memória desse presente, *sin olvidarse* de pensar no “como ser como sou?”; ou, desta pesquisa, pensar em “como nos tornamos o que somos?”, através do problema e das questões desta tese que serão apresentados neste capítulo.

Começo, então, contando um pouco de minha caminhada. Nisso, me ocorre o que meu avô materno sempre dizia: “a lida do dia tem que começar com um mate”. Acredito que o *sabor* desse mate estava no tempo dispensado para pensar na organização do dia, seu planejamento e organização. Tomei este

² Amanunciando – ato de amansar e dominar um animal com métodos afetuosos e tranquilos, sem a utilização de maus-tratos e técnicas rudes.

NA LIDA

A Pesquisadora e a Pesquisa

primeiro capítulo com este *sabor*. O sabor do tempo necessário para me apresentar e apresentar a tese, indicar seus caminhos metodológicos e sua relevância ao campo de saber educação ambiental – EA. Uma tese de doutoramento da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, do seu Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGA, que versa sobre o Pampa do Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina; analisa uma região onde sempre vivi e *me criei*. Um espaço que escolhi para viver e, hoje, para estudá-lo. *Sin olvidarse*, fui trazendo alguns elementos que me ajudaram na lida, na doma, no manejo desta tese. Os mesmos me fizeram amansá-la e conduzi-la, tendo as rédeas – ou esperando ter – em minhas mãos. Amanunciando o pensamento, amanunciando a escrita...

Numa bela tarde de adolescência, lembro de declarar para minha avó que não estudaria mais. Não tinha a mínima vontade de continuar os estudos depois que terminasse o segundo grau (cursava o segundo ano)... queria ir *para fora*, morar no campo, voltar a ele para ficar, trabalhar na fazenda. Contudo, o segundo grau foi vencido, fazendo o curso de magistério - o que não me ajudou muito na paixão pela docência, pois foi um curso pouco atrativo e instigante. Mas houve uma paixão... minha paixão, nesse período, eram as aulas de literatura, psicologia, sociologia e filosofia. Talvez este encontro com temas e autores tenha me levado a querer mais da vida acadêmica e, assim, querer ingressar na faculdade de Estudos Sociais, com licenciatura plena em História. Aqui, também, houve paixões e encantamentos, especialmente com as áreas de estudos. A vontade de estudar foi aguçada e encarei que teria de “correr atrás”.

Ao mesmo tempo – correndo junto, “cabeça com cabeça” – a saudade do campo. Antes mesmo de concluir a faculdade, ingressei como professora do ensino fundamental e, assim, fui construindo uma trajetória profissional urbana e distante do sonho adolescente de voltar ao campo.

Minha infância e adolescência foram bastante marcadas pelas vivências e lidas campeiras. Meus avós maternos sempre foram ligados ao campo e trabalhavam com isso. Meu avô, na lida dos rebanhos; minha avó, na lida doméstica. Meus primeiros passos foram dados na fazenda da família onde morávamos naquele tempo. Uma fazenda no Pampa e aí fui laçada: laçada por

NA LIDA

A Pesquisadora e a Pesquisa

uma paixão, um amor por essa forma de viver que até hoje se traduz numa forma de constituir-me.

É o som de um vento, é a luz de um amanhecer de geada, é um mate *solita*, é um frio que corta a alma, é uma *campereada*, é o alvoroço numa mangueira, é o gado berrando, é um cheiro de uma calda doce no fogão a lenha, são as coxilhas, é o tilintar das esporas, é olhar ao longe, é o manejo, é o sossego, é a solidão, é o cuidado na perseverança, é o jeito de cuidar de si, é o jeito de cuidar do outro... são fabricações que vou laçando e que, também, vão me capturando. O Pampa, com ventos, frios, luzes, lidas, cheiros, aconchegos e solidões foi fazendo parte da minha vida (às vezes mais perto, às vezes mais distante), e fui me posicionando de forma que ficasse sempre presente.

Nesse momento, sua presença foi significativa nesta tese. Entre o final de meu mestrado em Educação Ambiental e o início deste doutorado, correram vários anos. Desse modo, minha grande expectativa era de fazer o doutoramento com um objeto de pesquisa que obviamente estivesse relacionado ao meu campo de atuação na educação. Mas, para além, meu sonho era de me provocar em paixões e amores antigos, como o Pampa, a natureza e a fotografia. E aí, ressurgiram perguntas... chegaram outras... que Pampa é esse? *Quem* é o Pampa? Quem são os sujeitos do Pampa? Como se constrói esse Pampa? O que constitui o Pampa? Que questões estão em jogo, hoje, no Pampa? E a fotografia, o que mostra sobre o Pampa? Como essas imagens sobre o Pampa são fabricadas?

A temática ambiental vem tomando parte de minhas vivências há muito tempo. Como egressa da campanha,³ passei grande parte de minha vida acompanhando e participando de diferentes atividades desse universo chamado e marcado como rural. Nessa zona da campanha, do sul do RS, chamada de Pampa, em Pinheiro Machado e Pedras Altas, experimentei e me constitui num processo cultural em que a ligação entre as pessoas e o ambiente precisam ser ponderados diariamente. As relações sociais e de trabalho, ao meu olhar durante

³Campanha – Vegetação campestre, estepes características do sul do RS (IBGE, 1992, p.30).

NA LIDA

A Pesquisadora e a Pesquisa

a infância e adolescência, se estabeleciam numa “séria” combinação dentre os elementos que estavam em jogo naquele espaço.

Fui me construindo na inter-relação direta entre o que éramos e o que podíamos - ou conseguíamos - ser naquele espaço. Questionamentos que partiam do básico ao mais complexo (“Chove ou não chove?”/ “Usar ou não agrotóxicos?”) se tornavam uma busca de nossa posição e relação no espaço, atravessando cultura e natureza.

Posso dizer que o interesse pelo estudo da natureza já era presente em minha trajetória antes do doutorado. No final dos anos 80 e início da década de 90, ingressei em um grupo ecológico da região sul do Rio Grande do Sul, a Organização não Governamental (ONG) Centro de Estudos Ambientais (CEA). A década de 90 foi bastante marcada pela militância política e ecológica: sendo assim, realizei vários trabalhos de atuação docente, tanto na educação formal (como professora de história e geografia) como na educação ambiental (ONG), tendo em vista a efervescência do movimento ecológico na época. Houve, também, a necessidade do aprimoramento acadêmico na busca por uma especialização *lato sensu* em Ecologia Humana, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), em 1991. Posteriormente, procurei entender melhor o campo da Educação fazendo outro *lato sensu*, em Educação, na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), no ano de 1992. Não satisfeita, tentei “unir” os dois cursos no aprofundamento dos estudos e iniciação em pesquisa através do *stricto sensu* em Educação Ambiental na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), em 2004.

Desafios que me fizeram constantemente pensar sobre nossas organizações e construções históricas. Associada à docência, na primeira década do novo milênio, eu me desafiei em cargos de gestão e consultoria, estando à frente em cargos de representação que desafiam cotidianamente nossas posições e formas de atuação nos jogos de poder da atualidade. Uma tarefa difícil, mas na qual tive o privilégio de me sentir escolhendo posições e atuando a partir delas: algumas vezes, optando em não participar ou abrir mão de tarefas; outras, sendo voto vencido; por vezes, atingindo objetivos propostos... mas, acima de tudo, amadurecia o sentimento do quanto esses

NA LIDA

A Pesquisadora e a Pesquisa

jogos de poder colocam em xeque ou podem evidenciar como pensamos sobre nós mesmos, como nos percebemos e como nos construímos...

Minhas referências teóricas já não (me) respondiam, já não davam conta das angústias, dúvidas e anseios desse período. Na docência e militância, focava na concepção crítica de mundo e esgotava-me na necessidade de entender melhor nossos processos de organização. Ao mesmo tempo, inquietava-me na busca por aprofundar essas relações “para além do bem e do mal”, como diria Nietzsche (mas ainda não o conhecia de perto). Assim, comecei uma espécie de garimpagem ou “tiro no escuro”, em busca de algo que não sabia muito bem o que era... Michel Foucault, Félix Guattari, Marcos Reigota, Michele Sato, Henri Atlan, Enrique Leff, Hans Jonas... autores que foram sendo conhecidos, selecionados e posicionados – como comento posteriormente –, deslocando o foco de qualquer barreira estrutural. Isso foi me encantando e quis buscar mais de outros campos teóricos e metodológicos. Desafiei-me ao tentar entender e transitar nas diferenças dessa área de estudos.

Terminei o mestrado com a satisfação de ser apresentada a alguns livros de Felix Guattari (1995) e sua Ecosofia, o que me levou a procurar novamente Michel Foucault. Retomei uma leitura que havia começado anos antes e não havia terminado, com a História da Loucura (1978). Foi uma leitura difícil, mas impactante. A partir de então, fui mergulhando em outros títulos, como Microfísica do Poder, Vigiar e Punir, Arqueologia do Saber, Em Defesa da Sociedade entre outros, e esses estudos impregnaram meu ser de forma a decidir por um doutoramento que fundamentasse essa perspectiva.

Lembro Deleuze, que diz:

Quando as pessoas seguem Michel Foucault, quando têm paixão por trabalhar por ele, é porque têm algo a fazer com ele, em seu próprio trabalho, na sua existência autônoma. Não é apenas uma questão de compreensão ou de acordos intelectuais, mas de intensidade, de ressonância, de acorde musical. (DELEUZE 2010, p. 112)

É importante frisar, antes mesmo de pensar ou materializar um doutoramento, o quanto Michel Foucault se fez presente e importante em minha trajetória. Focar nas microrrelações, micropoderes e na potência dessas

NA LIDA

A Pesquisadora e a Pesquisa

discussões para o campo educacional e ecológico me movimentaram e modificaram. Foi uma busca por palestras, seminários, grupos de estudos e leituras que me proporcionassem entender e conhecer melhor sua contribuição.

Também chamo atenção para meu encantamento com a fotografia. Uma paixão que começou na infância e chegou a ter, na juventude, atividades remuneradas nessa área. Até mesmo, para financiar minha paixão (a revelação dos filmes tinha um custo alto na época), precisei lançar mão de “ser fotógrafa” de celebrações, movimentos, passeatas, caravanas, nascimentos, registros... o que fazia com muito prazer. Meu trabalho na educação formal e na ONG sempre esteve associado ao uso da imagem. A imagem como força que fala, que diz daquele espaço-tempo registrado. Mais tarde, na oportunidade do doutorado, meu encontro com os estudos multiculturais e o entendimento do uso da fotografia como artefato cultural que ensina e produz representações me oportunizaram maior encantamento pela área e a certeza de querer pesquisar com o manuseio do imagético.

Fazer o doutoramento em Educação Ambiental na linha de Fundamentos da Educação Ambiental (PPGEA/FURG), sob a orientação da professora Doutora Paula Corrêa Henning, me proporcionou aprofundar e amadurecer no que diz respeito ao entendimento sobre nossos tempos e sobre esse campo de saber. Os fundamentos históricos, antropológicos, sociológicos, filosóficos, éticos e epistemológicos da EA, estudados e discutidos, me possibilitaram ampliar o campo de visão sobre o mundo e minhas perspectivas. Fiz alusão ao Pampa, estando numa campeirada. Coloquei-me em “campo aberto”, mirando num amplo horizonte, em que “olhar ao longe” pode ser o entendimento de que as relações e as verdades se produzem num determinado espaço-tempo. Já não tinha mais as respostas, o que foi tão marcante em meus fundamentos a partir das teorizações críticas, na docência e na luta ecológica. Percebi, também, o quanto a teorização crítica é, ainda, marcante nos fundamentos do campo educacional como um todo e que, sob lentes iluministas e modernas, se assume em verdades totalizantes e absolutas.

Em tal “campo aberto”, tomei as verdades como discursivamente instituídas e, por conseguinte, tomadas provisoriamente em um lugar específico.

NA LIDA

A Pesquisadora e a Pesquisa

Em tal investida, opções e posições foram sendo assumidas: são jogos de relações. Estabelecemos e nos fundamentamos em relações de poder na fabricação de algumas verdades. Assim, instituímos discursos como os de natureza. Esses discursos me interessaram e foram o foco de estudos desta tese. Vi, também, sua relevância ao campo de saber da EA: de que natureza estamos falando? Que natureza estamos estudando? O que tomamos por natureza? Como instituímos esses discursos de natureza legitimados na atualidade?

É um campo de visão que se desloca e, muitas vezes, racha com o que já estava em ordem, pré-determinado para ser estudado, discutido e pesquisado. Nem melhor, nem pior: mas de outra ordem. Pensar na natureza do Pampa, por exemplo, a partir das relações daquilo que ele produz; pensar nos seus sujeitos contingentes e não em sujeitos como essências e, assim, sujeitos que se fazem fabricantes e fabricados pelos discursos.

São questões que muito me inquietaram e, *sin olvidarse*, surgiam pistas já quando criança. Durante a vida na fazenda, tais questões me instigavam em projetos, trabalhos, sonhos e entendimentos, muito influenciada por meu avô. Por exemplo, a tentativa de construir um biodigestor para fornecimento de energia, ou a horta orgânica (já no início dos anos 80). Um pouco mais tarde, um pequeno livro me chegara às mãos através de um dos meus irmãos: Vida Alternativa (GABEIRA, 1985), com a perspectiva ecológica surgindo e, junto a isso, uma família na qual as discussões e posições políticas sempre foram pauta. Família e amigos que, alguns mais de perto, outros mais a distância, mostraram uma diversidade de perspectivas e olhares para o mundo - o que me proporcionou conhecer o desafio e, muitas vezes, o peso de assumir-se de esquerda diante de uma ditadura política, ao sentir a tristeza de perseguições políticas com seus desdobramentos. Por outro lado, também me era proporcionada a convivência com visões mais conservadoras. Essas diferenças faziam meu mundo, e eu optava por ser crítica diante dele, assumindo o campo de esquerda na busca por respostas e tentativas de suas novas construções.

Hoje, valorizo esse percurso pessoal que me proporcionou viver intensamente uma busca por mudanças e transformações. Além disso, também

NA LIDA

A Pesquisadora e a Pesquisa

valorizei muito a oportunidade de ser recebida e orientada no campo dos estudos em Fundamentos da EA. Já não queria mais “uma” resposta, mas, acima de tudo, entender e ser capaz de direcionar questionamentos, de me provocar com perguntas que talvez ainda eu não tivesse feito. Desejei endereçar os questionamentos e perguntas a partir de posições que eu assumisse (ou pudesse assumir) na capacidade de estabelecer o máximo de relações e atravessamentos num problema colocado. Isso me deslocou do eixo - até então confortável e seguro - de grande parte de minha vida acadêmica e profissional.

Pensar a natureza numa perspectiva mais ampla: eis, então, o desafio colocado no doutoramento. Mais que isso, pensar a partir do meu rincão, a partir do Pampa. Pensar a natureza, pensar os seus discursos no Pampa, com seus jogos de relações e materialidades que compõem peculiaridades no cone sul da América do Sul. Foi preciso, então, investir em como operacionalizar uma pesquisa com esse objeto. Diante das perguntas que me impulsionavam, pensar nos sujeitos; pensar nas ferramentas para atuar... foi preciso mergulhar nas contribuições e ensinamentos foucaultianos de análise do discurso. Período para internalizar e amadurecer os objetivos e questões de pesquisa junto ao referencial teórico e metodológico. Em tal etapa, ainda inicial, a reclusão e o mergulho, necessários para as definições e estudos que particularizassem a tese, foram fundamentais. No Pampa, podemos chamá-la de “invernada”, ou seja, tempo/espaço destinados ao cuidado com o rebanho, o qual enfrentará os desafios do período e precisa “engordar”. Diante do contexto, é necessário manejar o rebanho para que engorde. A pesquisa precisou ser invernada.

Invernada

A invernada tem um sentido de reclusão, período no Pampa em que os animais são deslocados aos espaços mais resguardados e adequados para que se mantenham ativos, engordando e crescendo. Diante dos desafios ou adversidades apresentadas, é preciso se preparar, se defender e engordar o rebanho... sob essa metáfora, penso este momento da tese. Foi preciso se

NA LIDA

A Pesquisadora e a Pesquisa

“invernar” em estudos, questionamentos, aprofundar entendimentos sobre o campo teórico e metodológico, criar estratégias para a pesquisa. Esse tempo de invernada foi precioso, necessário e enriquecedor. Apresento um pouco de seu desdobramento:

“Mais nenhum caminho! Apenas abismo e silêncio!” –
Assim você quis! Sua vontade deixou o caminho!
Agora ande, andarilho! Tenha o olhar frio e claro!
Perdido estará, se acreditar no perigo. (NIETZSCHE, 2012, p. 29)

Optar por outros caminhos e outros olhares tem seu custo. Ficamos sem chão, há o abismo do desconhecido, do diferente... “mais nenhum caminho”, diz Nietzsche, acima. Ir ao abismo. Lançar-se em outra perspectiva me jogou na pretensão de pensar sobre os modelos e tendências totalizantes do estruturalismo. Tentar, ainda, através da pesquisa, escapar das possibilidades únicas de ler e entender o mundo. Lançar-se no abismo e no silêncio necessários ao amadurecimento próprio, procurando, enquanto pesquisadora, outros ângulos que ajudassem a pensar sobre o objeto em foco.

Estar no doutoramento de Educação Ambiental veio ao encontro da oportunidade de investigar as inquietações que já se faziam no período do mestrado. Foi no decorrer de meu Mestrado em Educação Ambiental, neste mesmo Programa de Pós-Graduação, que percebi, com mais clareza, a difícil tarefa de nos constituirmos educadores ambientais. Além disso, ao mesmo tempo, notei a dificuldade do próprio campo em saber se fortalecer diante de diferentes entendimentos sobre o que é e ao que se propõe. Reflexões que passaram a reorganizar, na época, meu trabalho pedagógico em sala de aula e na ONG (onde trabalhei até meados da década passada).

Participando do doutorado e do Grupo de Pesquisa Estudos em Educação, Cultura, Ambiente e Filosofia (GEECAF – FURG), tive a possibilidade de ampliar essa reflexão e preocupação, procurando a potência que a educação ambiental apresenta diante de sua área de atuação. Trazendo Reigota, lembro que

NA LIDA

A Pesquisadora e a Pesquisa

[...] entre os desafios que se apresentam à Educação Ambiental contemporânea, está o de ultrapassar os aspectos puramente biológicos (evolutivos) da biodiversidade e incorporar os seus aspectos antropológicos, culturais, econômicos e políticos. (REIGOTA, 2010, p. 546).

Creio que chegar ao problema de pesquisa partiu de um processo existencial que se apresentou como uma necessidade a ser pensada, estudada, resolvida e respondida. Entendo que um problema se apresenta, então, pelo que somos e fazemos, pelas trajetórias e experiências que construímos e que, ao mesmo tempo, nos constroem.

Foi com muita atenção que foquei no Pampa do Brasil, Uruguai e Argentina, nos seus atravessamentos culturais que o constituem e o tornam potente para a análise do campo da educação ambiental.

O bioma Pampa⁴ do RS vem sendo bastante estudado nos últimos anos, sendo também caracterizado em suas diferentes expressões. A problemática ambiental do Pampa gaúcho tem sido pauta de diferentes eventos e instituições através de estudos e trabalhos de cunho científico ou não.

No campo científico, realizei levantamento sobre a temática, junto ao Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO). O tema surge de diferentes maneiras e em diferentes trabalhos. Na busca executada com as palavras-chave Natureza; Pampa; Educação Ambiental; e Pós-Estruturalismo, o resultado, nos dois sítios, foi zero. Não houve a indicação de nenhum trabalho. Quando solicitadas as palavras Natureza e Pampa, foram encontrados 10 trabalhos no Portal CAPES e 03 no SCIELO. Já, Natureza; Pampa; Educação Ambiental, no portal de periódicos CAPES, encontrei 06 trabalhos. No SCIELO, zero. Em comparação, destaca-se o número de trabalhos disponibilizados

⁴ Área de 176.496 km² (IBGE, 2004). Isso corresponde a 63% do território estadual e a 2,07% do território brasileiro. As paisagens naturais do Pampa são variadas, de serras a planícies, de morros rupestres a coxilhas. O bioma exibe um imenso patrimônio cultural associado à biodiversidade. As paisagens naturais do Pampa se caracterizam pelo predomínio dos campos nativos, mas há também a presença de matas ciliares, matas de encosta, matas de pau-ferro, formações arbustivas, butiazais, banhados, afloramentos rochosos, etc. (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE – acesso em 26-10-15).

NA LIDA

A Pesquisadora e a Pesquisa

quando colocadas as palavras Natureza e Educação Ambiental, pois são disponibilizados 192 trabalhos no portal de periódicos e 77 no SCIELO.

A partir dos resumos encontrados nesses sítios, percebi o quanto a temática vincula-se a diferentes olhares e perspectivas teórico-metodológicas em relação a minha tese. Quando solicitado Natureza e Pampa, por exemplo, os trabalhos versam sobre os mais variados assuntos: agricultura familiar; o gaúcho fictício e o gaúcho real; zoneamento geoambiental; patrimônio natural e geoconservação; interdisciplinaridade e formação de professores; turismo. A partir do levantamento com Natureza; Pampa; Educação Ambiental, os trabalhos discutem a formação continuada de professores no interesse da educação em ciências. Surgem, também, trabalhos sobre sustentabilidade e abastecimento de água; a educação física e o cotidiano escolar. Não encontrei nenhum trabalho que pudesse se aproximar do objeto de interesse desta tese. Afirmo que muitos artigos, dissertações e teses foram buscados, lidos e estudados. Muitos, ainda, contribuíram nesta tese; contudo, na associação dessas áreas com o campo pós-estruturalista, o número de trabalhos é irrisório em tais sítios. Sustentando melhor o que digo, demonstro o que segue.

Mesmo quando buscadas as produções a partir de Natureza e Educação Ambiental (em que o número de trabalhos se mostrou maior), a diversidade dos objetos de pesquisa, apresentados por esses estudos, é enorme. Diferentes áreas são contempladas, como formação docente; etnografia; diversidade; saúde; ecoturismo. Contudo, não foi possível observar pesquisas que associassem ou que relacionassem natureza, Pampa e educação ambiental a partir de uma perspectiva pós-estruturalista. Quando os trabalhos foram procurados pelas palavras-chave em separado, surgiram inúmeras produções.

No levantamento de teses e dissertações, a associação entre natureza e educação ambiental é mais frequente. Ressalto que alguns trabalhos desse cunho contribuíram com a pesquisa e serão trazidos no decorrer de minha tese.

Quanto ao Pampa, temos trabalhos elaborados que me remeteram a diferentes dissertações e teses, mas também temos inúmeros trabalhos e instalações artísticas sobre o mesmo. São atravessamentos que me fizeram pensar e questionar a construída dicotomia entre cultura e natureza. O que no

NA LIDA

A Pesquisadora e a Pesquisa

Pampa podemos dizer como natural? O que no Pampa podemos definir como cultural? Entendendo, pois, que são definições e marcações que expressam a natureza do Pampa que é fabricada e produzida.

Minha necessidade no olhar sobre o Pampa gaúcho veio na tentativa de analisar como se constitui um discurso de natureza do Pampa do RS na atualidade. Pude notar, na configuração desse território, traços que são marcados em obras de diferentes teóricos, artistas, estudiosos e pesquisadores.

O que é dito sobre o Pampa? O que é dito sobre natureza no Pampa? O que produzimos sobre a(s) natureza(s) do Pampa? Isso ocorre, também, nas fotografias de alguns artistas que assinalam suas impressões em imagens, dando visibilidade ao que pode constituir a natureza do Pampa. Trouxe imagens para esta pesquisa, visto que elas também nos dizem da representação desse território – imagens tomadas como prática cultural, como forças que nos falam e nos constroem pelas representações de natureza que constituem e fabricam. Entendendo que essas próprias forças (imagética) são ao mesmo tempo constituídas e fabricadas.

Necessário, neste momento, esclarecer o que tomei por discurso, pois venho trazendo minha inquietação sobre os possíveis discursos de natureza no Pampa. Segundo Michel Foucault,

[...] Chamamos de discurso um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva; ele não forma uma unidade retórica ou formal, indefinidamente repetível e cujo aparecimento ou utilização poderíamos assinalar (e, explicar, se for o caso) na história; é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência. [...] (FOUCAULT, 2002, p. 135)

Assim, a partir de ferramentas da análise do discurso de Foucault, busquei a função – e não o sentido – que o objeto discursivo toma no discurso a partir da pesquisa. Quais as condições de existência e as regras para o surgimento desse discurso e não outro? De tal modo, cheguei à importância dos enunciados. O enunciado é tomado “como átomo do discurso” (FOUCAULT, 2002, p. 90). Ainda,

NA LIDA

A Pesquisadora e a Pesquisa

[...] trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui. Não se busca sobre o que está manifesto, a conversa semi-silenciosa de um outro discurso: deve-se mostrar por que não poderia ser outro, como exclui qualquer outro, como ocupa, no meio dos outros e relacionado a eles, um lugar que nenhum outro poderia ocupar. [...] (p. 31)

É preciso definir e questionar as regras de surgimento dos enunciados. Tentar descrever, inclusive, outras unidades possíveis. No jogo das relações de poder em que surgem os enunciados, temos a possibilidade de entender como vimos construindo e fabricando o mundo em que vivemos. Torna-se, assim, segundo os ensinamentos de Foucault (2002), mais produtivo investigarmos e nos questionarmos “o que que tornou possível dizer isto, e não aquilo?”. Tomei o discurso para além dos signos que o constituem e procurei, nesta tese, a constituição de uma natureza do Pampa enquanto prática que é capaz de constituir esse objeto.

Tomando como problema de pesquisa nesta tese “**Como os fotógrafos e suas fotografias fabricam uma natureza pampeana na atualidade?**”, procurarei o discursivo e o não discursivo em meu *corpus* empírico, ou o dito e o não dito. Foucault (2002) mostra que podemos tomar como o discursivo aquilo que é falado e marcado em determinado local. Já, como não discursivo, os acontecimentos culturais, políticos, educacionais, disposições arquitetônicas, imagens, entre outros. Portanto, foi nas tramas da formação discursiva que tomei o discursivo e o não discursivo como inseparáveis, entendendo que o discurso é prática que se produz a partir dessas forças. Quando o autor fala da materialidade do discurso, indica o aspecto complementar que delas vem. Os enunciados vão nos remeter ao domínio do dito e ao domínio do não dito e, como ele mesmo coloca,

[...] o discurso [...] como prática que se dirige a um certo campo de objetos, que se encontra nas mãos de um certo número de indivíduos estatutariamente designados, que tem, enfim, que exercer certas funções na sociedade, se articula em práticas que lhe são exteriores e que não são de natureza discursiva. (FOUCAULT, 2002, P. 188)

NA LIDA

A Pesquisadora e a Pesquisa

Assim, assumi a natureza como uma formação discursiva. Tentei descrevê-la a partir do *corpus* de análise que selecionei para este estudo, qual seja: entrevistas com três fotógrafos e suas fotografias. A formação discursiva, segundo Foucault (2002), se mostra:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações) [...] (FOUCAULT, 2002, p. 43)

Foucault (2008) nos ensina que a verdade é discursivamente instituída. Verdades que podem ser evidenciadas e colocadas sob suspeita; entendimentos, relacionamentos e posições de sujeito que, através do dito dos fotógrafos e do não dito de suas fotografias como prática cultural, constroem e são construídos em suas verdades. Evidenciar a natureza do Pampa, tomando-a, então, como formação discursiva e sua fabricação a partir desse *corpus* de análise: ou seja, diante da temática e do problema apresentado, trabalhei com o *corpus* empírico de entrevistas e fotografias. Essas narrativas me trouxeram passado e presente do Pampa, em enunciações que se ligam e se tornaram potentes para a análise da formação discursiva em estudo – a natureza.

Os fotógrafos selecionados são do Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina. Respectivamente, o brasileiro Zé Paiva, com o livro de fotografias chamado “Natureza Gaúcha” (2008); o uruguaio Luis Fabini, com o livro de fotografias “Gauchos” (2012); e a argentina Celine Frers, com o livro de fotografias “Tierra de Gauchos” (2012). Esses fotógrafos têm um extenso trabalho sobre a temática do Pampa, narrando tal território pelo imagético. Percebi, aí, a possibilidade de cenas enunciativas que poderiam dar visibilidade ao discurso. São fotógrafos que fui conhecendo nos últimos anos através do interesse pela fotografia e da indicação de alguns trabalhos a partir de artistas que trabalham com a temática do Pampa.

Ainda sobre o não discursivo, trago mais uma vez Foucault, quando nos ensina que, por mais que se diga o que se vê, o que se vê não se instala no que se diz. Além disso, por mais que se faça ver o que se diz – por uma imagem, por

NA LIDA

A Pesquisadora e a Pesquisa

exemplo – o lugar onde essas imagens se evidenciam não está nos olhos, mas nas sucessões das sintaxes que o definem... assim, considere uma pesquisa de tese sob esta vertente, como um “meter-se no infinito da tarefa”... (FOUCAULT, 2007, p. 12). Pretendi colocar em evidência alguns enunciados, definir as regras que os constituem mais potentes entre outros dentre as condições sociais, ambientais, econômicas. Minha intenção foi chegar ao discurso através desses enunciados, considerando-os como suas partículas. Enfim, entender, a partir desse *corpus*, como a natureza se forma no Pampa. Foucault nos alerta (2002, p. 24):

É preciso pôr em questão, novamente, essas sínteses acabadas, esses agrupamentos que, na maioria das vezes, são aceitos antes de qualquer exame, esses laços cuja validade é reconhecida desde o início; é preciso desalojar essas formas e essas forças obscuras pelas quais se tem o hábito de interligar os discursos dos homens; é preciso expulsá-las da sombra onde reinam. E ao invés de deixá-las ter valor espontaneamente, aceitar tratar, apenas por questão de cuidado com o método e em primeira instância, de uma população de acontecimentos dispersos.

Foi preciso “meter-se” no discurso, tomá-lo no infinito da tarefa, como disse acima. Foi necessário entender como se formou e como se tornou verdadeiro na sociedade, trazer em evidência as condições de possibilidades e os atravessamentos aí colocados. No domínio da descrição, evidenciar as relações de poder que produzem tal discurso dentro da preocupação de ficar no seu próprio nível (FOUCAULT, 2002). Trazendo ferramentas da análise do discurso como método de trabalho, segui na busca do entendimento dessa formação discursiva. No narrar das entrevistas e no foco das fotografias do Pampa, pretendi evidenciar modos em que se fabrica a natureza. Justificando a importância dessa discussão para o campo da Educação Ambiental, fiz minhas as palavras de Veiga-Neto (1996), quando salienta o valor de trabalharmos com Foucault:

E, assim desnudado nosso pensamento e destravada nossa ação, a Filosofia de Michel Foucault é capaz de nos oferecer espaços até então impensados porque impensáveis dentro dos esquemas tradicionais que nos aprisionavam. De certa maneira, então, podemos compreender o método em Foucault como uma atividade de desprendimento e, talvez, de libertação, segundo uma teorização capaz de indicar os melhores caminhos. Isso nada tem a ver com a

NA LIDA

A Pesquisadora e a Pesquisa

noção de “método como caminho para a liberdade”; nem com a noção de *método* como experiência, como ação, como prática, como acontecimento; e com a noção de *teoria* como organização do mapa que nos mostra como é possível trilhar da melhor maneira o caminho, de passar da melhor maneira pela experiência. (VEIGA-NETO, p. 45)

Dessa forma, investiguei os processos pelos quais inventamos uma natureza no Pampa e apontei como questões desta pesquisa o que segue abaixo:

Questão 1: “Como se estabelece a relação entre cultura e natureza na constituição do Pampa?”

Através do dito e do não dito, procurei como se constrói e legitima a relação entre cultura e natureza no Pampa. O que fabricamos como cultura? E o que fabricamos como natureza? Que forças são essas que vamos tomando por verdades em nosso tempo? Foi nas potentes dizibilidades e visibilidades do material empírico que tive elementos para pensar, junto ao campo teórico, que relações se fabricam entre cultura e natureza no Pampa do RS, do Uruguai e da Argentina.

Considerando que “a história torna-se história daquilo que os homens chamaram as verdades e de suas lutas em torno dessas verdades” (Veyne, 2008, p. 268), desenvolvi, no capítulo 2, um olhar que fundamentasse a perspectiva e o entendimento de história para este trabalho, uma história do presente nos ensinamentos de Michel Foucault. Tal questão é fundamental para a tese e importante para a discussão da própria invenção de natureza. Ou seja, para além da materialidade do discurso, a natureza será, ou é, aquilo que dizemos dela. Assim, vemos que o conteúdo parece modificado ao longo dos tempos. A natureza será uma verdade dada a certo tempo, produto histórico e fabricação de um espaço-tempo.

Desenvolvi a escrita pautando um pouco da história de natureza no ocidente e apresentando elementos do dito e do não dito de Zé Paiva. Este entrevistado, no seu dito e no seu não dito, ajudou a compor o capítulo. Houve, aqui, um pequeno exercício de análise, na tentativa de problematizar esse discursivo e não discursivo nas tramas de uma história de natureza e seus atravessamentos culturais.

NA LIDA

A Pesquisadora e a Pesquisa

Questão 2: “Como se constitui o sujeito Pampeano?”

Entendendo que o sujeito é uma função do discurso, procurei as posições, situações de sujeito assumidas e que concebem, transformam, fabricam esse discurso. Quem fala? Que lugar assume? Que posições ocupa? Não se tratou de buscar a unidade de um sujeito. Tratou-se de tentar ver, no discurso, “um campo de regularidade para diversas posições de subjetividade” (FOUCAULT, 2002, p. 61). Ainda,

[...] não era nem pelas palavras, nem pelas coisas que era preciso definir o regime de objetos característicos de uma formação discursiva; da mesma forma, é preciso reconhecer, agora, que não é nem pelo recurso a um sujeito transcendental, nem pelo recurso a uma subjetividade psicológica que se deve definir o regime de suas enunciações. (IDEM, p. 62)

Nesta tese, foram evidenciadas a formação histórica do Pampa e a constituição peculiar do sujeito pampeano, trazido como gaúcho ou *gaúcho*, uma formação cultural que caracteriza parte do Rio Grande do Sul no Brasil, o Uruguai e parte da Argentina. Lembrando sempre do caráter contingente desse sujeito e de sua territorialidade, foram explorados aspectos (no capítulo 3 desta pesquisa) em que esse sujeito gaúcho é visto como uma invenção, estando sempre sujeitoado e assujeitado a práticas discursivas e não discursivas.

Questão 3: “Como se entrelaçam os ditos e as fotografias pampeanas na fabricação de uma natureza?”

As imagens fotográficas e as entrevistas trouxeram componentes necessários para pensar sobre a fabricação desse discurso. Que natureza é produzida nessas imagens? Como esse registro nos relaciona a ela? O que dizem os fotógrafos a respeito de natureza e de Pampa?

As noções fundamentais de história do presente atravessaram o corpo dos capítulos atrás da compreensão de como se fabrica uma natureza no Pampa. Considerei, também, que

Certamente a história há muito tempo não procura mais compreender os acontecimentos por um jogo de causas e efeitos na unidade informe de um grande devir, vagamente homogêneo ou rigidamente

NA LIDA

A Pesquisadora e a Pesquisa

hierarquizado; mas não é para reencontrar estruturas anteriores, estranhas, hostis ao acontecimento. É para estabelecer as séries diversas, entrecruzadas, divergentes, muitas vezes, mas não autônomas, que permitem circunscrever o “lugar” do acontecimento, as margens de sua contingência, as condições de sua aparição. (FOUCAULT, 1996, p. 56)

Não fui ao encontro de uma história totalizante: o material empírico me provocou em suspeitas. Os acontecimentos discursivos não têm formas permanentes e universais e, portanto, não tiveram, a partir deste trabalho e seus referenciais, compreensões totalizantes.

Os três fotógrafos que têm seus trabalhos desenvolvidos no Pampa foram escolhidos após o conhecimento de suas fotografias em seus respectivos livros, e todos têm atuação profissional no Pampa. Para o processo de qualificação da tese, foi escolhido o fotógrafo brasileiro Zé Paiva como o primeiro a ser entrevistado. Com o aceite dos outros dois fotógrafos, Luis Fabini e Celine Frers, houve a realização das outras entrevistas em período após a qualificação. É importante dizer que os respectivos livros de fotografias de cada um dos fotógrafos, compondo o não dito do *corpus* discursivo da tese, foram escolhidos pelos próprios fotógrafos a partir de uma solicitação minha. Ou seja, tomando conhecimento de suas obras, entrei em contato, apresentando-me e apresentando a pesquisa. A partir daí, solicitei entrevista e pedi a indicação, da parte de cada um, de uma obra sua (livro de fotografias do Pampa) que pudesse compor o *corpus* desta pesquisa de doutoramento.

O encontro com cada um dos fotógrafos ocorreu em tom de conversa, na qual eles comentavam, contavam e mostravam suas fotografias. Junto a isso, respondiam sobre as inquietações da pesquisa e também selecionavam e destacavam fotografias que pudessem ser incorporadas ao *corpus*. Com Zé Paiva e Luis Fabini, a entrevista se deu de forma presencial em Florianópolis (BR) e Montevideo (UY), respectivamente. Com Celine Frers, o encontro só foi possível via Skype. Todas as fotografias trazidas para a tese faziam parte dos livros dos autores – com exceção da fotografia de Frers, utilizada no capítulo 5, p. 144. Com todos eles, tive a preocupação de perguntar se havia alguma fotografia, em especial, que me indicariam para compor o material empírico.

NA LIDA

A Pesquisadora e a Pesquisa

Apenas Frers indicou a foto citada acima. Zé Paiva e Fabini apontaram seus livros como os indicados para minha pesquisa. Fabini ainda reforçou que todas as suas fotos eram como filhas, não sendo possível selecionar uma em especial.

Todas as entrevistas trouxeram vivências dos fotógrafos com o Pampa durante sua infância e adolescência, bem como seus objetivos de fotografar esse espaço por entendê-lo como lugar de natureza a ser registrada e conservada, de uma cultura que deve ser mantida – a cultura gaúcha. Além disso, cabe ressaltar que os livros desses fotógrafos compõem imagens produzidas nos últimos 20 anos.

A idade dos fotógrafos variava entre 35 e 56 anos até o fechamento deste trabalho. No momento das entrevistas, Zé Paiva estava vivendo em Santa Catarina – BR; Luis Fabini residia na América do Norte e seguidamente deslocava-se ao Uruguay; Celine Frers disse residir em Buenos Aires – AR. Os três artistas contaram que vivem constantemente viajando, em função da produção de suas fotos, podendo ficar muitos meses num determinado ambiente para realizar seus projetos fotográficos.

Suas vidas profissionais como fotógrafos tiveram início a partir de produções fotográficas para o turismo. Zé Paiva ainda teve passagem pela fotografia jornalística. Os três lançaram outros livros de fotografia, sendo os de natureza e que incluem o Pampa um dos seus últimos trabalhos. Esses livros trazem inúmeras imagens, além de registros escritos de profissionais ligados à ciência e que ressaltam visões antropológicas, geográficas, biológicas, ecológicas e gestoras sobre o ambiente do Pampa.

Muito embora não tenha sido o foco desta pesquisa, me chamou atenção o fato de que suas produções fotográficas sobre o Pampa não tenham registrado, em seus livros, nenhuma fotografia que traga mulheres. As fotos são sempre de paisagens e, quando entra o elemento humano, é sempre o homem que aparece. Nos seus ditos, os três reforçaram que o Pampa é um ambiente “ainda” muito masculino; contudo, consideram que as mulheres no Pampa têm modificado suas maneiras de viver e participado mais desse espaço.

Zé Paiva, antes de trabalhar como fotógrafo, havia concluído o curso de Engenharia; Celine Frers havia feito curso de Direção de Fotografia em Cinema

NA LIDA

A Pesquisadora e a Pesquisa

e trabalhado com isso antes de iniciar um trabalho mais independente em fotografia; Luis Fabini desde a adolescência se descobre numa viagem, numa exploração de si mesmo, a qual o levou à fotografia.

Como diria Deleuze (2010, p. 124), “é preciso pegar as coisas para extrair delas as visibilidades”. Pegar as coisas, pensar sobre elas, pensar sobre o pensado sobre as coisas, na preocupação constante de buscar o maior campo de visibilidades possíveis; pensar e extrair os jogos e as vontades de poder que organizam saberes e interessam ao estudo. Novamente, lembrei-me do abismo de Nietzsche (2012), ao qual fiz referência anteriormente: numa perspectiva foucaultiana de análise do discurso, pensei ser fundamental esse “lançar-se no abismo”, pois não interessa assumir nenhuma metanarrativa transcendente.

O discurso vai ser dado como prática social, se fabricando através das forças de poder exercidas. Não reside na mentalidade nem na consciência de ninguém, mas é força constituinte e constituída por todo um campo discursivo. Assim, Fischer nos diz que o discurso “apresenta regularidades intrínsecas a si mesmo, através das quais é possível definir uma rede conceitual que lhe é própria” (2012, p. 75). Importante ressaltar que sempre estamos inseridos em relações de poder e saber, em um vai e vem constante de forças discursivas e não discursivas que vão constituindo nosso mundo e o atualizando.

Nisso, a análise da fabricação de natureza para o campo de saber da educação ambiental pode ser uma contribuição interessante para pensarmos nosso próprio tempo. A educação ambiental, enquanto campo de saber, vem firmando-se na atualidade. Embora esta tese não se proponha a analisar este campo em si, encontra-se mergulhada em seus fundamentos. Entendo a educação ambiental como um campo de saber importante e que, nas últimas décadas do século XX, mostrou-se crescente em diversos países. Muito atrelada de início à pauta apresentada pelos movimentos ecológicos, foi assumida pelas forças governamentais e, hoje, demarca-se por diferentes perspectivas e olhares. Está presente, também, tanto em instâncias governamentais como em não governamentais, é exibida nas mais diferentes mídias e corresponde a diferentes atuações e participações sociais. As instituições de ensino também atuam nesse sentido com cursos, trabalhos, projetos, disciplinas específicas de

NA LIDA

A Pesquisadora e a Pesquisa

educação ambiental e cursos estritos para a fundamentação dessa área. As instâncias sociais, políticas e econômicas passam a atender os chamados da educação ambiental – um chamado que é criado por uma força social. São atuações variadas das pessoas, nas quais o entendimento de natureza é central.

Desde a primeira Conferência de Educação Ambiental, em Tbilise (1977), temos (entre as finalidades dessa área do saber) a compreensão das interdependências que se estabelecem na natureza e a aquisição de conhecimentos, valores e atitudes para a proteção ambiental (DIAS, 1992). A partir de 1999, temos, no Brasil, a Lei 9795, a qual instituiu a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA, 2015) - marco legal que, com outras legislações pertinentes, pauta o discurso de educação ambiental que construímos historicamente nos últimos anos no Brasil. Esses instrumentos legais vêm provocando comportamentos e atitudes em relação à natureza; formas de nos relacionarmos no mundo, que se estabelecem através dos modelos em que vamos justificando nossas relações e inter-relações. Cabe salientar o quanto a educação ambiental é um produto da modernidade e vem atrelada ao modelo de desenvolvimento cultural que instaura e potencializa uma crise jamais vivida pela humanidade, trazendo consequências incertas e devastadoras aos mais variados seres e ambientes.

Penso que a educação ambiental é um campo preocupado em estabelecer olhares para o estudo da crise ambiental na qual estamos mergulhados e, assim, estabeleci a relação com o que determinamos de natureza. Em tempos de modernidade líquida – metáfora utilizada por Bauman (2001) quando se refere a nossa incapacidade de nos contentarmos com as promessas da modernidade – quando suspeitamos dessas verdades estabelecidas, a educação ambiental pode mostrar-se como uma perspectiva diante da vida, deslocando nossa posição de sujeito, possibilitando revisões na dicotomia entre natureza e cultura, questionamentos, novas invenções em relação ao dito sobre a crise ambiental e ao dito sobre natureza.

NA LIDA

A Pesquisadora e a Pesquisa

Estudando vários artefatos midiáticos⁵ – fotografia, cinema, revistas de variedades, histórias em quadrinhos, campanhas publicitárias e letras de músicas – com foco na produção discursiva da educação ambiental, vi a recorrência do tema relacionado à problemática ambiental. Nas últimas décadas, a produção artística (seja ela musical, cênica ou visual) tem pautado de forma contundente a temática ambiental.

Percebo a arte como uma fabricação cultural, na qual cada grupo social vai sugerir um valor e uma definição particular. Assumo a ideia de que é no arranjo histórico de uma composição cultural que os sujeitos, em espaço-tempo definido, se fazem ser enquanto potência criativa. A partir de Nietzsche, entendo a arte como uma grande provocação à própria vida:

[...] enriquecemos todas as coisas com nossa própria plenitude: o que enxergamos, o que queremos, enxergamos avolumado, comprimido, forte, sobrecarregado de energia. Nesse estado, o ser humano transforma as coisas até espelharem seu poder – até serem reflexos de sua perfeição. Esse ter de transformar no que é perfeito é – Arte (NIETZSCHE, 2006. p. 68).

Assim, fui entendendo a arte como potência da ordem da vida, em que os gestos mais diferentes e cotidianos podem verter o artístico. Na perspectiva proposta pelo filósofo alemão, descrevo a potencialidade da arte enquanto possibilidade de contrapor as verdades instituídas. Nesse sentido, trago a educação ambiental como estratégia para focarmos o olhar diante das nossas mais diferentes manifestações. Quis, com isso, colocar em discussão a arte - enquanto potência de vida - em diálogo com o campo de saber da educação ambiental, que se propõe a pensar e analisar o contexto ambiental através de nossas formas de organização cultural.

Independente do espaço-tempo a que podemos nos referir, entendo que o ato de viver pode ser traduzido como arte, na medida em que há sempre uma relação estética. A vida vai transformando-se e manifestando-se em relações estéticas e comunicativas. Cotidianamente, exercitamos nosso olhar em gestos

⁵Pesquisas desenvolvidas pelo Grupo de Estudos Educação, Cultura, Ambiente e Filosofia – GEECAF/FURG.

NA LIDA

A Pesquisadora e a Pesquisa

que podem ser caracterizados como Arte: diferentes processos culturais com diferentes olhares ou diferentes construções artísticas. O filósofo Michel Foucault, trazendo a possibilidade de existência estética, questiona o entendimento de arte instituído na cultura ocidental:

O que me impressiona é o fato de que em nossa sociedade, a Arte se tenha tornado algo relacionado somente a objetos e não a indivíduos, ou à vida. Esta Arte é algo especializado ou fornecido por “experts” que são os artistas. Porém, a vida de cada pessoa não poderia se tornar uma obra de Arte? Por que a lâmpada ou a casa pode ser uma obra de Arte e a nossa vida não? (FOUCAULT, 1995, p. 50, grifo do autor).

Nessa esteira, me inquietei sobre o que a arte nos provoca e, explorando o sentido dela no atravessamento ao campo da educação ambiental, cheguei à seguinte indagação: para que serve a arte? Partindo da forte presença da cultura na constituição de sujeitos, na produção e no consumo, bem como na regulação das condutas sociais, tomei as produções culturais enquanto artefatos. Esses artefatos culturais carregam em si uma pedagogia, no sentido de ensino. Tal ensino pode ser discutido a partir de algumas ferramentas da análise do discurso proposta pelo filósofo Michel Foucault. Somando esse exercício analítico ao entendimento da arte como prática cultural, pode-se pensar sobre a forte presença que essas formações discursivas têm sobre a temática ambiental.

Nesse sentido, problematizar algumas verdades instituídas, buscando ampliar as possibilidades de entendimento sobre natureza e cultura, tornou-se desafiador nesta tese - tema que vem se constituindo de forma marcadamente dicotômica. Ampliar essas possibilidades equivale a colocar algumas dessas verdades instituídas em suspenso; extrapolar a relação simplista feita sobre a figura do homem e do ambiente que comumente é apresentada nos mais variados artefatos culturais.

Com o aumento da população e com os avanços no conhecimento tecnológico, temos um cenário mundial de crise. Essa situação, somada à necessidade de convívio mais estreito entre culturas e, ainda, à presença efetiva de máquinas de toda ordem no cotidiano, traz à tona o debate de questões relacionadas ao desenvolvimento, à natureza e à cultura.

NA LIDA

A Pesquisadora e a Pesquisa

No processo cultural dado pela modernidade, nossa forma ser e estar – contemporâneo e ocidental – caracteriza-se na crença de transformar o mundo, entendendo-o e dominando-o através da razão científica. Assumimos, assim, uma posição de sujeito que está pouco interessado ou não disponível ao modo de ser e estar numa perspectiva estética com a vida. Contudo, ela está presente. A arte, como prática cultural, também institui formas de ser e estar no mundo, colocando em funcionamento uma operação de poder em que algumas enunciações vão tornando-se potentes para a análise de formações discursivas como natureza.

A fotografia, através do imagético, proporciona um movimento de poder, de expressão e de abertura a muitas possibilidades. Assim, é possível transformá-la em ferramenta para pautar as questões de nosso tempo, expressando e questionando as relações em determinado ambiente, questionamentos que fundamentam a razão da própria EA.

Esse campo de saber pode propor um olhar analítico e provocativo. Mais do que prescritiva nos questionamentos, assumimos uma EA que tenderá preferencialmente a deslocar o interesse por respostas e verdades e, na contramão, ficará atenta ao quanto nos percebemos e nos constituímos através dos discursos. Pergunto-me: de que forma a potência da arte nos ensina sobre ambiente, sociedade, natureza e cultura? Ou ainda: que ensinamentos sobre natureza e cultura estão em jogo dentro do material de análise desta pesquisa?

Mais uma vez, percebi e associei aqui os ensinamentos de Foucault (2002) na importância da problematização de como se constituem os discursos; através do visível e do enunciável, dar visibilidade ao discurso de natureza. Tornou-se pertinente entender como a natureza se formou no Pampa e como se tornou verdadeiro na sociedade. Enfim, evidenciei algumas condições de possibilidades e atravessamentos aí colocados, destacando algumas relações de poder que participam de tal construção narrativa.

Assim, a arte pode ser entendida como uma provocação política em que os sujeitos se fabricam a partir das relações com os discursos instituídos. Nos atravessamentos artísticos com as questões ambientais, trouxe a educação

NA LIDA

A Pesquisadora e a Pesquisa

ambiental enquanto um olhar possível para problematizar os discursos de natureza, cultura e ambiente.

Ainda sobre a pertinência da educação ambiental, aproveitei o que Guattari (1995) nos ensinou. O autor nos desafia a pensarmos nossas relações a partir de uma proposta ecosófica. Nela, provoca-nos em novas produções de existência humana, em novos contextos históricos, numa recomposição das práticas sociais e individuais, agrupadas segundo três rubricas complementares: a ecologia social, a ecologia mental e a ecologia ambiental. Vejo que a educação ambiental pode problematizar nossa existência a partir dos atravessamentos que possam estar em jogo sob essas três rubricas. A recomposição de nossas práticas, segundo elas, não se mostra como algo simples e, assim, torna-se um grande desafio ao campo de saber da educação ambiental. É Henning quem vem ao encontro de tal proposta e me ajudou a pensar sobre isso:

Penso ser necessário olharmos com desconfiança tais discursos tão propagados e que auxiliaram, decisivamente, para colocar a educação ambiental na pauta das discussões atuais. A nós, professores e pesquisadores interessados por este campo de saber, caberia travar alianças potentes para que provoquemos os sujeitos desse mundo a pensar em micropolíticas possíveis para continuarmos a viver neste planeta. Uma escuta da vida, uma escuta do mundo que possibilite espaços de resistência e criação diante da crise ambiental que se instala. Talvez seja necessário pensar em pequenas ações diárias que nos provoque a olhar para o mundo de uma forma não aterrorizante, como muitos discursos se apresentam para nós, mas como possibilidades de compormos um pensamento minoritário para educação ambiental. Não falo de um projeto de todos em prol do futuro do planeta, mas pequenas ações que possibilitem a cada um uma ética política para pensar o futuro do planeta. (HENNING, 2012, p. 8)

Pensar sobre as contribuições trazidas por autores como Guattari e Henning me atentou a pistas do quanto a educação ambiental possa estar se atualizando. Afinal, nosso entendimento de EA, por muitos anos no Brasil, foi confundido com o ensino de ciências. Para além desse conceito, procurei ficar atenta aos princípios e critérios nos quais os trabalhos de educação ambiental vêm se firmando e de que forma ou olhar vão se expressando. A educação ambiental pode ser inventada, construída e avaliada por aqueles que a experimentam. A mesma, articulada à potência da filosofia, traduz-se como ato

NA LIDA

A Pesquisadora e a Pesquisa

político; assume, em cada trabalho, posições que são mais ou menos capazes de análises profundas e qualificadas de nossa realidade ambiental e sua crise. O desafio ao qual Guattari, citado acima, nos impulsiona implica pensarmos a vida e nossa atuação de forma a assumirmos posição naquilo que construímos – e aqui procurei atender a esse chamado, pensando em como fazer pesquisa no campo da educação ambiental. São olhares e perspectivas que podem ser procurados, lançados e indicados. Como Henning apontou (IBIDEM), talvez valesse recompormos o pensamento numa perspectiva de atuação cotidiana, *sin olvidar* o estímulo e ensinamento do grande intercessor desta tese, Michel Foucault, que nos diz da possibilidade da fabricação de nossas vidas enquanto obra de arte.

Largando a campo

Depois de amanunciar, domar e invernar, neste momento, eu me larguei a campo. Encerrando este capítulo, fui em busca dos outros e, sendo assim, foi um lançar-se a campo, uma expressão do Pampa que se refere à soltura dos rebanhos em campos mais abertos e maiores, depois do manejo. Anteriormente, neste capítulo, indiquei o que será trabalhado nos próximos, sendo assim, fui concluindo com o que segue abaixo.

Fechando, reforço novamente minha problemática de pesquisa. Meu problema versou sobre a formação de um discurso de natureza no Pampa gaúcho do Brasil, do Uruguai e da Argentina. Investiguei a fabricação desse discurso sobre o olhar da educação ambiental, pensando sobre uma natureza que construímos. Discurso no qual se constroem representações dessa natureza e em que algumas passam a ser mais válidas do que outras.

Foi um exercício filosófico que me permitiu pensar a partir do que o dito e o não dito puderam trazer para a análise; um trabalho de pensar a história do Pampa e seus sujeitos em suas fabricações de verdades. Além disso, olhar a fabricação de natureza pelos fotógrafos e suas fotografias na atualidade do Pampa do Brasil, Uruguai e Argentina se fez na intenção de suspeitar dessa própria fabricação. Pôr em evidência algumas verdades, mas delas suspeitar, se

NA LIDA

A Pesquisadora e a Pesquisa

tornou um exercício que pôde colaborar na compreensão do que e como as estamos construindo.

Então, nesse jogo de verdade e em suas relações de poder implicadas, a questão esteve em como se fabrica uma natureza no Pampa. Abre-se, assim, um campo de possibilidades para a educação ambiental enquanto potência do pensamento que, longe de estabelecer “receitas”, pôde ser lançada a um jogo de pensar o pensamento, como nos ensina Foucault. Mais como fabricação de experiências e pesquisas do que de consolidação de verdades. Menos como receitas... mais como devir...

TROPEREANDO
A Fabricação de Conceitos de Natureza

CAPÍTULO 2

TROPEREANDO
A Fabricação de Conceitos de Natureza

TROPEREANDO

A Fabricação de Conceitos de Natureza

Aquí el campo es extensión
y la extensión
no parece ser otra cosa
que el desdoblamiento
de un infinito interior,
el coloquio con Dios del viajero.
Sólo la conciencia de que se anda,
la fatiga y el deseo de llegar,
dan la medida de esta latitud
que parece no tenerla.
Es la pampa; es la tierra
en que el hombre está solo
como un ser abstracto
que hubiera de recomenzar
la historia de la especie —
o de concluir la.
(ESTRADA, 1996, p.3)

TROPEREANDO
A Fabricação de Conceitos de Natureza

Encilhando



FABINI, 2012

TROPEREANDO

A Fabricação de Conceitos de Natureza

Com as “rédea na mão”, neste capítulo me situei em referenciais teóricos que sustentaram meu olhar nesta tese em relação à história da natureza. É uma buena tropereada⁶, então, convido o leitor a acompanhar a tropa. Levando adiante meu problema de pesquisa, busquei leituras, estabeleci conversas, assisti às aulas e fui bastante provocada nos encontros do grupo de pesquisa do qual faço parte, o Grupo de Estudos em Educação, Cultura, Ambiente e Filosofia (GEECAF). Nessa *tropereada*, o capítulo foi se construindo. Como *tropeira*, me lancei na condução dessa jornada, percorrendo os referenciais e cercando meu objeto de pesquisa. Busquei a compreensão da formação de discursos de natureza no Pampa, em suas histórias e atravessamentos políticos, ambientais, sociais, econômicos e culturais. Percorri um território peculiar de fronteiras políticas, que são três; e de fronteiras linguísticas, que são duas. *Tropereando*, me deparei com histórias produzidas por homens e mulheres que vivem em um quase extremo do continente sul-americano. Há o Pampa, com sua cultura típica e suas histórias, as quais nos colocam frente ao campo e ao urbano, com suas vidas numa perspectiva de movimento e construção. Foram buscas que me proporcionaram o encontro com textos poéticos, como o citado acima de Ezequiel Estrada. Um espaço em que a poesia nos mostra a fusão onde se confundem natureza, terra, homem, deus, solidão... Uma literatura poética, atualizada nas experiências, nas vidas das pessoas que hoje habitam o Pampa. A foto de Luis Fabini (2012) atualiza e nos provoca pensamentos sobre essa territorialidade. Que Pampa é esse? Que sujeito é esse? Que campo é esse? Que natureza é essa? Um atravessamento entre natureza e cultura? Pensei, então, na história como fundamental e ajudando a entender essas relações.

Em “**Encilhando**”, fiz a introdução ao capítulo. Montei e iniciei a *Tropereada*. Com o título de “**Remoendo o freio**”, abarquei questões sobre a história do presente em Michel Foucault. Os ensinamentos do autor foram basilares, entre outros autores apresentados nesta parte, para situar o entendimento desta pesquisa sobre narrativas históricas, construção de verdades e dos discursos como verdades provisórias.

⁶ Tropereada – termo regional do Pampa do RS. Refere-se a percorrer uma distância determinada na condução de uma tropa de animais.

TROPEREANDO

A Fabricação de Conceitos de Natureza

Já, na terceira parte do capítulo, em “**Abrindo a Cancha – desnaturalizando a natureza**”, a intenção foi problematizar alguns olhares para o entendimento de natureza. Para isso, busquei apoio em autores e estudiosos do campo e trouxe para a discussão algumas passagens dos ditos e não ditos da entrevista feita com o fotógrafo Zé Paiva, meu primeiro entrevistado, juntamente com fotografias de seu livro chamado Natureza Gaúcha (2008). Por fim, concluindo, mesmo que provisoriamente, mas com o sentimento de fechamento das ideias apresentadas, temos “**Encerrando**”.

TROPEREANDO
A Fabricação de Conceitos de Natureza

Remoendo o Freio



AMORIM (2016)

TROPEREANDO

A Fabricação de Conceitos de Natureza

Na região sul-americana, ocorre o Pampa, o qual abarca todo o Uruguai; grande parte do Rio Grande do Sul, no Brasil; parte da Argentina, incluindo as províncias de Corrientes, Entre-Rio, Santa-Fé, Córdoba, San Luis, La Pampa e Buenos Aires (PILAR, 2009). Além disso, alguns autores incluem parte do Paraguai como Pampa. Nesta tese, me baseei nos conceitos de Pilar (IBIDEM) e em seu recorte geográfico que será apresentado na página 90 do capítulo três.

Neste Pampa, temos fronteiras e suas diferenças. Notei, também, as identidades comuns; uma construção de sujeitos similares tão fortes e significantes, que são capazes de desconstruir a percepção ou o entendimento que muitas vezes temos quando nos referimos às divisões fronteiriças. Fronteira não só como divisão, separação, distinção e diferença, mas, também, como ponto de união, de reunião, de entrelaçamento de traços e práticas culturais.

A fotografia acima pode ser um exemplo. Muito embora as fronteiras, esta imagem pode ser encontrada por todo o Pampa. Nela, vejo a figura masculina sobre o cavalo com aperos⁷ de couro, soga⁸ e lã. Montado em seu cavalo, segurando as rédeas, traz as boleadeiras,⁹ a faca e o poncho¹⁰. Corresponde a uma imagem comum ao Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina. É uma ideia atual, a qual nos remete às provas, às exposições e/ou às competições que ocorrem e que envolvem grande número de participantes, movimentando a economia e os interesses culturais dessas regiões. Esse instrumento, anteriormente, era usado para caçar; hoje, é utilizado como elemento expositivo, como algo a ser mostrado, exposto, pesquisado e analisado.

Quando eu me refiro ao território do Pampa, quero mapear uma terra que extrapola essas fronteiras políticas, linguísticas e geográficas – o Pampa, como territorialidade, é entendido para além dessas fronteiras. É Guattari (1995) quem ajuda a refletir sobre esse conceito, quando nos convida a reexaminá-lo a

⁷ Aperos – preparos e indumentárias que servem para montaria.

⁸ Soga – tiras de couro.

⁹ Boleadeiras – utensílio de caça originário dos indígenas da região do Pampa na América do Sul. Espécie de funda com 3 esferas de pedra.

¹⁰ Poncho – vestuário característico do Pampa da América do Sul. Geralmente confeccionado em lã. De formato retangular, possui uma abertura no centro para enfiar a cabeça.

TROPEREANDO

A Fabricação de Conceitos de Natureza

partir de conjuntos que atravessam a relação entre o indivíduo e a subjetividade, trazendo-o como modos de viver padronizados. Exploro essa territorialidade pampeana como uma composição histórica, como um conjunto de diferentes fatores que incluem maneiras de ser, de pensar e de viver já uniformizadas; maneiras de constituir discursos de natureza. Neste capítulo, evidenciei a história de natureza numa provocação que me possibilitasse cruzá-la no processo de análise (que virá posteriormente na leitura da tese), ou seja, aos ditos e não ditos da pesquisa, evidenciando sujeitos fotógrafos e suas fotografias, fabricando uma natureza no Pampa. Isso tudo apenas faz sentido se for para pensarmos em quem somos e como nos constituímos. Como afirma Foucault,

Meu projeto não é o de fazer um trabalho de historiador, mas descobrir por que e como se estabelecem relações entre os acontecimentos discursivos. Se faço isso é com o objetivo de saber o que somos hoje. Quero concentrar meu discurso no que nos acontece hoje, no que somos, no que é nossa sociedade. Penso que há, em nossa sociedade e naquilo que somos, uma dimensão histórica profunda e (...) os acontecimentos que se produziram há séculos ou há anos são muito importantes [...] Em um certo sentido não somos nada além daquilo que foi dito há séculos, meses, semanas. (FOUCAULT, 2006, p. 258).

Assim, encaro a natureza como um discurso. Um discurso que tem seu tempo, uma verdade que se estabelece numa legitimidade de forças que compõem um espaço-tempo, um tempo histórico. No Pampa, a natureza se constrói, também, como discurso, e entender que discursos são esses nos possibilita pensarmos em quem somos e como nos atualizamos nessas fabricações históricas.

O desafio em entender a história não é simples. Nos caminhos de Foucault, comecei perguntando sobre o que ela é. Colocar a posição que assumo no entendimento sobre a história passou a ser estratégico para que os passos percorridos nesta pesquisa ficassem mais claros. Tal fato me levou também a querer salientar, de início, o quanto é provocador escrever sobre esses aspectos.

TROPEREANDO

A Fabricação de Conceitos de Natureza

Quando falamos de história, o mais comum é pensarmos em acontecimentos passados que podem ser relatados em nosso presente, tendo a capacidade de retratar esse passado exatamente como ocorreu em tempos idos. Os fatos vão sendo contados e construídos como verdades absolutas e, assim, vamos construindo entendimentos sobre o que passou, tomando esses acontecimentos como revelados, desvendados e desvelados.

Sobre um outro olhar para os acontecimentos, penso em nossos próprios limites quando estudamos e analisamos um determinado tempo histórico. Entendo que fazemos e construímos narrativas sobre esses tempos por meio de documentos e testemunhos. Sendo assim, há sempre uma incompletude a ser considerada. Como nos lembra Veyne (2008), há sempre uma defasagem entre a reflexão da narrativa histórica e as vivências, próprias do tempo em que ocorreram. A análise histórica, na capacidade e potencialidade expressada, evidencia posições e escolhas que vamos assumindo na construção dessa narrativa. São seleções documentais e de testemunhos que vamos executando e produzindo; são narrativas que expressam olhares, tramas e atravessamentos selecionados de um espaço-tempo. É como se pinçássemos os elementos que formam nossa narrativa e, ao fazermos isso, selecionássemos, entre outros elementos, aqueles com os quais queremos trabalhar nas análises. Por isso, é possível dizer que a história é feita, também, de escolhas e renúncias.

Atuei, na análise histórica, assumindo posições. Procurei assumir a posição de sujeito que anuncia de qual lugar parte seu olhar. Acredito que, em um processo de análise histórica, assumimos posição nas tramas e jogos de poder que são aí evidenciadas. A narrativa histórica evidencia os jogos de poder pinçados sobre um espaço-tempo, sendo que essa narrativa é, por si só, uma seleção em que eu, pesquisadora desta tese, selecionei e, ao fazer isso, assumi posições. São relações de poder que estão em evidência.

O problema é ao mesmo tempo distinguir os acontecimentos, diferenciar as redes e os níveis a que pertencem e reconstituir os fios que os ligam e que fazem com que se engendrem, uns a partir dos outros. Daí a recusa das análises que se referem ao campo simbólico ou ao campo das estruturas significantes, e o recurso às análises que se fazem em termos de genealogia das relações de força, de

TROPEREANDO

A Fabricação de Conceitos de Natureza

desenvolvimentos estratégicos e de táticas. Creio que aquilo que se deve ter como referência não é o grande modelo da língua e dos signos, mas sim da guerra e da batalha. A historicidade que nos domina e nos determina é belicosa e não linguística. Relações de poder, não relação de sentido. A história não tem “sentido”, o que não quer dizer que seja absurda ou incoerente. Ao contrário, é inteligível e deve poder ser analisada em seus menores detalhes, mas segundo a inteligibilidade das lutas, das estratégias, das táticas. [...] (FOUCAULT, 2008, p. 5)

Desloquei o entendimento da história como desveladora das verdades do passado. Entendo que não revelamos verdades, mas assumimos uma seleção e, assim, compomos uma narrativa histórica. Construímos essa narrativa em meio a seleção que vamos executando. Construímos verdades? Sim, construímos verdades em nosso tempo. Construímos, nessa perspectiva, verdades entendidas como provisórias. Portanto, as verdades históricas são temporárias e sujeitas a revisões, novos olhares e perspectivas, estando sujeitas a novos pinçares, seleções, entendimentos e análises.

Deste modo, como podemos sustentar com Foucault (IBIDEM), o poder na ordem da produtividade estabelece, induz, forma saberes e, assim, constrói discursos. Daí a importância de analisarmos sua mecânica, problematizarmos como se dá essa produção de discursos em regimes de verdade.

O importante, creio, é que a verdade não existe fora do poder ou sem poder (não é – não obstante um mito, de que seria necessário esclarecer a história e as funções – a recompensa dos espíritos livres, o filho das longas solidões, o privilégio daqueles que souberam se libertar). A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, em “sua política geral” de verdade: isto é, os tipos de discursos que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro. (p.12)

De tal modo, tomo a história como campo de possibilidades. É no pinçar das fontes, no seu manuseio, nas tramas e entrelaçamentos que vamos construindo, de acordo com nossos critérios, o que chamamos de história.

TROPEREANDO

A Fabricação de Conceitos de Natureza

Então, falar da história do Pampa do Brasil, Uruguai e Argentina, com seus discursos de natureza, se mostrou como campo de possibilidades para destacar algumas tramas e entrelaçamentos. Foi um pinçar construído pela pesquisa. No manuseio das fontes, procurei a história do presente e as especificidades que se apresentam em jogos, lutas, estratégias e táticas de poder.

Encarei a história do Pampa como plural e sujeita a diferentes perspectivas. Fui recortando as ações humanas em perspectivas temporais e espaciais, montando uma narrativa. A história se dá, dessa forma, como campo de possibilidades de problematizações, sendo, portanto, subjetiva.

A todo momento, dão-se acontecimentos de toda espécie, e o nosso mundo é o do vir a ser; é crer-se que alguns desses acontecimentos teriam uma natureza particular, seriam 'históricos' e constituiriam a História. Ora, a questão inicial que o historicismo colocava era a seguinte: o que é que distingue um evento histórico de um outro que não é? Como logo se tornou evidente que não era fácil fazer-se essa distinção, que não se podia confiar na consciência ingênua ou na consciência nacional para fazer a separação, mas que não se conseguia fazer melhor do que ela e que o objeto do debate escapava por entre os dedos, o historicismo concluiu que História era subjetiva, que ela era a projeção de nossos valores e a resposta às perguntas que houvéssemos por bem fazer-lhe. (VEYNE, 2008, p. 37)

Procurei, na narrativa histórica do Pampa, explicar que ela não é natural, sendo construída e produzida em relações e interações. Esse fato (VEYNE, 2008) é um cruzamento de vários itinerários possíveis, vindo como resposta às nossas perguntas e questionamentos. Portanto, há um limite. Essa narrativa responde aos questionamentos produzidos; narra tramas, que são itinerários selecionados e traçados pela pesquisa.

É a descrição dessas tramas que interessa, é a descrição desses traçados que compõem a narrativa histórica que interessam. Entendo, pois, que os fatos vão existir justamente nessas relações, produzidas e selecionadas na trama. Poderíamos dizer que trama são descrições através de caminhos selecionados pelo pesquisador, que tais descrições e traçados configuram o fato histórico. Nessa trama e cruzamento, há inúmeras possibilidades que reforçam o quanto essas narrativas se fazem em subjetividades. Assim, na esteira de

TROPEREANDO

A Fabricação de Conceitos de Natureza

Veyne (2008, p.47), podemos dizer que “acontecimentos não são totalidades, mas núcleos de relações”. Ou seja, os discursos de natureza são invenções e, no caso desta tese, o que fui selecionando como um discurso de natureza no Pampa deu-se como resultado de um jogo, de um embate de forças, um confronto entre forças com seus efeitos. Além do mais, pensar em acontecimento, aqui, foi pensar nas possíveis rachaduras, rompimentos e rupturas desses discursos. O acontecimento pode ser tomado, então, enquanto efeito de atos e estratégias, como resultado de relações de poder, em que “o historiador separa, nas testemunhas e documentos, o acontecimento tal como ele o escolheu; é por esse motivo que um acontecimento jamais coincide com o cogito de seus atores e testemunhas” (IBIDEM).

Com Foucault (2008b), lembramos que a história pode ser analisada numa perspectiva não linear. A história do presente se faz sem a correspondência imediata de causas e efeitos hierarquizantes, preocupando-se em estabelecer séries e as condições de sua aparição.

As noções fundamentais que se impõe agora não são mais as da consciência e da continuidade (com os problemas que lhe são correlatos, da liberdade e da causalidade), não são também as do signo e da estrutura. São as do acontecimento e da série, com o jogo de noções que lhe são ligadas; regularidade, causalidade, descontinuidade, dependência, transformação; é por esse conjunto que essa análise dos discursos sobre a qual estou pensando se articula, não certamente com a temática tradicional que os filósofos de ontem tomam ainda como a história “viva”, mas com o trabalho efetivo dos historiadores. (FOUCAULT, 2008b, p. 56 e 57)

Escolhendo pesquisar sobre o Pampa, sua cultura, sua natureza e os sujeitos que aí se constituem e vão, ao mesmo tempo, constituindo esses discursos, fui selecionando e construindo uma possibilidade de olhar histórico, dando a devida atenção aos cruzamentos de itinerários que se apresentaram como possíveis no processo de pesquisa. Lembrando de meu problema de pesquisa “como os fotógrafos e suas fotografias fabricam uma natureza pampeana na atualidade?”, procurei evidenciar e tencionar algumas forças que se apresentaram nesse espaço-tempo.

TROPEREANDO

A Fabricação de Conceitos de Natureza

Também busquei, através da trama histórica, a constituição de natureza no Pampa, entendendo e assumindo a posição de fabricação desse discurso através de sujeitos contingentes, fabricados na e pela história. Foucault (2008) nos ajuda a trabalhar sobre tal aspecto quando diz:

Queria ver como estes problemas de constituição podiam ser resolvidos no interior de uma trama histórica, em vez de remetê-los a um sujeito constituinte. É preciso se livrar do sujeito constituinte, livrar-se do próprio sujeito, isto é, chegar a uma análise que possa dar conta da constituição do sujeito na trama histórica. É isto que eu chamaria de genealogia, isto é, uma forma de história que dê conta da constituição dos saberes, dos discursos, dos domínios do objeto, etc., sem ter que se referir a um sujeito, seja ele transcendente com relação ao campo de acontecimentos, seja perseguindo sua identidade vazia ao longo da história. (FOUCAULT, 2008, p. 7)

Assim, tomei a genealogia como uma forma de história que me ajudou a olhar e estudar o Pampa com seus discursos de natureza. Um olhar que veio na tentativa de problematizar e analisar como ela se constitui na atualidade, notando, na configuração desse território, traços que são marcados através do dito e não dito, que se estabelecem em uma formação discursiva. Como o discurso de natureza no Pampa do Brasil, do Uruguai e da Argentina vem se constituir como legítimo? Como se constrói essa legitimidade? Que forças provocam e constituem um discurso e não outro como legítimo? Como vamos naturalizando os discursos, inclusive os discursos de natureza?

TROPEREANDO
A Fabricação de Conceitos de Natureza

Abrindo a cancha - Desnaturalizando a natureza



Paiva (2008)

TROPEREANDO

A Fabricação de Conceitos de Natureza

Por vezes, tomamos os discursos como tão óbvios e naturalizados, que já não nos provocamos mais com eles em novas experiências. O discurso de natureza - bastante presente e que a foto acima nos ajuda a pensar - pode ser um exemplo do tipo. Sendo assim, meu interesse foi de que a tese me ajudasse (nos ajudasse) a pensar sobre isso. Na fotografia de Zé Paiva, temos um registro de natureza, uma paisagem lírica e sublime. Há uma figura humana mirando essa paisagem; o homem está em primeiro plano, acima, no enquadramento. Encontra-se imóvel, mirando, contemplando. Há uma forma de representação de natureza do Pampa nesta fotografia. Como nos lembra Flusser (2009), as imagens produzidas por aparelhos – que ele vai chamar de imagens técnicas – diferenciam-se das imagens tradicionais, no sentido de que as primeiras vão conceber imagens que vão imaginar o mundo. “O que vemos ao contemplar imagens técnicas não é ‘o mundo’, mas determinados conceitos relativos ao mundo, a despeito da automaticidade da impressão do mundo sobre a superfície da imagem” (p. 14-15). Também, ainda desse autor, as fotografias são vistas como imagens, como superfícies que transcodificam o processo em cenas (p.15).

Entendo a fotografia como um elemento que participa de estratégias discursivas históricas e, portanto, colabora na legitimação ou não de alguns discursos tomados como verdades. Sobre a imagem acima, de Zé Paiva, eu me inquieto, pensando em como a mesma nos ensina e em que condições se fabrica. Na perspectiva foucaultiana, esta fotografia me remeteu a uma construção discursiva e, assim, busquei descrever relações (abaixo), definir unidades, identificar elementos. Um trato com o documento fotográfico numa perspectiva de história do presente:

O documento, pois, não é mais, para a história, essa matéria inerte através da qual ela tenta reconstituir o que os homens fizeram ou disseram, o que é passado e o que deixa apenas rastros: ela procura definir, no próprio tecido documental, unidades, conjuntos, séries, relações (FOUCAULT, 2002, p. 7).

TROPEREANDO

A Fabricação de Conceitos de Natureza

Que natureza é trazida nesta fotografia? Zé Paiva nos coloca diante do imagético, em que uma paisagem pouco modificada pelo ser humano é destacada. Ainda, temos a figura humana num plano superior e, ao mesmo tempo, a imagem nos reporta ao imenso de uma paisagem diante da figura do humano. O homem, na figura masculina, observa a imensidão desse Pampa, dessa Natureza Gaúcha, como é o título do livro em que a foto faz parte. O homem faz parte dessa natureza? Ou está como observador (apartado e superior)? Diria que ele compõe essa natureza, mas é significativa sua posição na imagem. A posição assumida pelo ser humano diante da condição de ser natureza é trazida por vários autores que vêm estudando a história de natureza.

Thomas (1988) apresentou um aprofundado estudo sobre a relação entre homem e natureza. Focando na modernidade, traçou as transformações e as diferentes percepções e classificações que as sociedades foram distribuindo ao dito mundo natural. Nisso, vai destacando, em seu extenso livro, que a relação ou posição que o ser humano vai assumindo diante das plantas e animais se coloca como condição na sua atuação histórica. O foco de estudo desse autor era a sociedade europeia, que foi analisada em sua atuação diante de seus entendimentos de natureza, principalmente em atravessamentos teológicos e filosóficos:

[...] o começo do período moderno gerou sentimentos que tornariam cada vez mais difícil os homens manterem os métodos implacáveis que garantiram a dominação de sua espécie. Por um lado, eles viram um aumento incalculável do conforto, bem-estar e felicidade materiais dos seres humanos; por outro lado, davam-se conta de uma impiedosa exploração de outras formas de vida animada. Havia, dessa maneira, um conflito crescente entre as novas sensibilidades e os fundamentos materiais da sociedade humana. Uma combinação de compromisso e ocultamento impediu, até agora, que tal conflito fosse plenamente resolvido. É possível afirmar ser essa uma das contradições sobre as quais assenta a civilização moderna. Sobre as suas consequências finais, tudo o que podemos é especular. (THOMAS, 1988, p.358)

Na conversão de natureza em cultura, podemos ver, em autores como Thomas (IBIDEM), o predomínio do homem sobre o mundo animal e vegetal, sendo nessa dita dicotomia (entre outras) que a modernidade se firma. O homem

TROPEREANDO

A Fabricação de Conceitos de Natureza

e o animal; o céu e a terra; a alma e o corpo; a natureza e a cultura são percepções e entendimentos que firmam um modo de atuação humana em sua história moderna. Daí, podemos pensar em outros binarismos, como terra natural ou terra tratada; campo ou cidade; progredir ou preservar; desenvolver ou sustentar. Traços culturais que me levaram a pensar num modo de ser antropocêntrico, que marcam as histórias dos povos ocidentais na modernidade e que se fazem presentes, também, na história de natureza do Pampa.

Quando o fotógrafo Zé Paiva foi entrevistado, solicitei que falasse de seu entendimento sobre o sujeito do Pampa e sua percepção de natureza, sendo percebida a dicotomia entre campo e cidade, evidenciando:

Olha, na cidade, e mesmo no Pampa, nas cidades do Pampa, a pessoa... já tá mais desconectada, porque a cidade acaba te colocando nesse sistema... de... Eu tô doente? Vai na farmácia. Né? Precisa de água, abre a torneira. Ah, de onde vem a água? Não sei, parece que tem uma represa, não lembro bem onde, né...então assim, **as pessoas que vivem no campo e que plantam, ou que, criam gado, essas, elas têm que tá conectadas com a natureza.** Não é? Então, é uma questão de... não é muito de opção... é uma questão de necessidades... assim... Elas têm que saber a época de plantar tal coisa, de colher tal coisa, e têm lá no seu quintal, geralmente têm umas plantinhas pra fazer seu chá, um *júju* né, como eles falam... botam *júju* no chimarrão... que já é bom pra não sei o que... então **eu acho que a nossa, a tal da cultura globalizada ela favorece a desconexão com a natureza.** Não tenho a menor dúvida disso né..." (PAIVA, Entrevista, 2016) [grifos meus]

Se pensarmos que a globalização, trazida por Zé Paiva, é um fenômeno moderno, vamos lembrar do que já apontava Thomas (IBIDEM), quando dizia que a civilização moderna se assenta em contradições, muitas vezes conflitantes como as posições assumidas diante de “ser cidade” ou “ser campo”, algo que pode ser encarado como novo na história da humanidade. Nunca fomos tão urbanos e tecnológicos como na modernidade. Diante disso, novas formas de ser e viver são fabricadas, e os entendimentos frente ao ser e estar no mundo vão se produzindo e se transformando nessa trajetória moderna.

Seria talvez por isso que o plano do humano na foto de Zé Paiva esteja superior? Esclareço melhor o questionamento. Há, na composição da fotografia, um conjunto, e o humano o compõe. Contudo, a posição é de destaque: superior

TROPEREANDO

A Fabricação de Conceitos de Natureza

e contemplativa. Isso também me reportou à dita dicotomia entre campo e cidade. Seria possível pensarmos em contemplação pela associação com o fato de sermos modernos? Ou seja, diante do acentuado processo de urbanização moderno, fabricaríamos um modo mais contemplativo de nos relacionarmos com o campo? Isso está relacionado a desconexão apontada no dito acima de Zé Paiva, referindo-se ao sujeito da cidade?

Claro que, considerando o que o fotógrafo disse, tal contemplação não chama muita atenção no mundo do campo. O que o entrevistado nos traz quando fala do sujeito do Pampa que está no campo é uma possibilidade de maior conexão com a natureza. O sujeito do Pampa estaria mais longe do “sistema” que provoca essa desconexão e que se faz mais comum na cidade.

Tais colocações também me reportaram para Borsche que, na esteira de Nietzsche, nos lembra que “a natureza apenas é suportável como fenômeno estético” (2011, p. 120). Penso que, a partir do dito e do não dito de Zé Paiva, seja necessário problematizar o que tomamos por experiência de conexão e/ou desconexão em relação à natureza. O que me leva a procurar entender que relação posso estabelecer entre natureza e cultura na história de natureza do Pampa? Entendo que a dita conexão ou desconexão são construções históricas que posicionam o sujeito pampeano. Então, nesse jogo de forças em que se faz a natureza, o ser humano (independentemente de ser da cidade ou ser do campo) fabrica estilos de atuação. Vamos “suportando” essa natureza, como foi dito acima, à medida que vamos direcionando nosso pensamento, nossa maneira de ser e participando dessa correlação de forças.

Então, o que tomamos por aproximação ou conexão, afastamento ou desconexão com a natureza é produto da trajetória humana em sua história. Entendo as conexões e as desconexões como relações, nas quais estabelecemos as representações de cultura e de natureza. Também, se lembrarmos que essas posições correspondem a olhares sobre o mundo, isso me faz novamente colocar o quanto criamos de verdades sobre ele, conforme o tempo-espaço em que vivemos. Nessa produção, como já foi colocado, vamos fabricando os discursos. Portanto, o que poderia ser tomado por conexão e/ou

TROPEREANDO

A Fabricação de Conceitos de Natureza

desconexão em relação à natureza no dito de Zé Paiva? Essas maneiras de ser e estar podem ser consideradas como experiências?

Desse modo, lembro Veyne, considerando que a experiência pode ser (inclusive), uma maneira de pensar. O autor coloca que “não há experiência que não seja uma maneira de pensar” (2011, p. 28). Percebo que essa conexão (ou desconexão) se traduz numa série de atos e ações. E, novamente, trouxe a contemplação nessa tentativa de problematização. Para contemplar, eu me provoco numa maneira de pensar? Que atos ou ações produzem uma contemplação? Vou partir da observação, do encantamento e admiração. Na fotografia em questão, notei a posição do homem, com o corpo imóvel, olhar ao longe, onde identifiquei uma mirada de observação. Uma posição que me remeteu ao olhar fixo na paisagem, um olhar que aprecia. Um olhar que contempla... Associei esse sujeito mais contemplativo à possibilidade de outra ordem de relacionamento. Uma possibilidade de relacionar-se consigo e com seu mundo em outro tempo, diante das chamadas da modernidade, ou como trouxe Zé Paiva, diante do mundo globalizado. Talvez um sujeito de experiência, como aponta Larrosa (2002). Sobre esse autor e suas considerações sobre o sujeito da experiência, temos que:

[...] seja como território de passagem, seja como lugar de chegada ou como espaço do acontecer, o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. Trata-se, porém, de uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial. (LARROSA, 2002, p. 19)

O sujeito da experiência se abre em possibilidades, suspendendo juízos, opiniões e vontades. Se considerar que esse sujeito moderno, da cidade, no dito de Zé Paiva, está mais distante da conexão com a natureza, também posso considerar que no campo, como ele disse, há maior conexão. Como já mencionei, me inquietei com o que podemos considerar como conexão e/ou desconexão. Mas, visto que estamos em relação, percebi a potencialidade de discutir o quanto a contemplação poderia ajudar a entender essa relação de

TROPEREANDO

A Fabricação de Conceitos de Natureza

conexão. Isso, também, nos remetendo ao tempo - perceber que ele também é produto de nossas relações e invenções. Sendo assim, fabricamos nosso tempo, e me permito associá-lo, também, a esta discussão - e a fotografia em questão nos ajuda. Qual é a velocidade que percebemos na imagem? Como se apresenta a figura humana? Que tipo de estímulos e vivências podemos perceber nessa cena? Ainda, o tempo seria um aliado dessa possibilidade de ser sujeito de experiência? Que formas de ser e de se perceber no mundo estão em jogo? Seriam outras possibilidades com o tempo? Que invenções estéticas podem entrar nesse jogo de relações e forças?

Quando Reclus vai reportar-se à modernidade e à atuação humana em relação à natureza, diz que

[...]. Quanto ao homem simples que se contenta em amar a natureza em si mesma, nela encontra sua alegria, e quando está infeliz, seus sofrimentos são ao menos suavizados pelo espetáculo da liberdade do campo. [...] (2010, p. 94).

O autor já aponta, no século XIX, o acelerado crescimento urbano. De uma maneira um tanto quanto romântica, mostrava os ganhos das sociedades ao manterem os vínculos com o campo. Assim, comparava as sociedades arcaicas, mais campestres, com as urbanas e contemporâneas. Abordando também a questão do tempo, nessa comparação, dizia que o tempo era produto das próprias sociedades e associava formas de comportamentos diante delas. Sociedades mais solidárias e simples; sociedades mais complexas e desconectadas (as mais urbanizadas e caracteristicamente modernas). É de Reclus, ainda, o que cito abaixo:

Se a locomotiva traz para as cidades multidões incessantemente crescentes, por outro lado, ela leva ao campo um número cada vez mais considerável de cidadãos que vão por um tempo respirar o ar livre e refrescar as ideias em meio às flores e ao verdor. Os ricos, senhores para dar-se lazeres que lhe agradam, podem escapar das ocupações ou dos fatigantes prazeres da cidade durante meses inteiros. Alguns deles, inclusive residem no campo, e em suas casas das grandes cidades só fazem aparições furtivas. Quanto aos trabalhadores de todo o tipo que não podem afastar-se por muito tempo por causa das exigências da vida cotidiana, a maioria deles não deixa de arrancar de

TROPEREANDO

A Fabricação de Conceitos de Natureza

suas ocupações a pausa necessária para ir visitar o campo. [...] (RECLUS, 2010, p. 83 e 84)

Em tal pista, podemos buscar elementos para ajudar no entendimento, hoje, do que temos por conexão e desconexão, no sentido de que, com o avanço do processo de urbanização, os vínculos entre campo e cidade (ou o rural e o urbano) talvez tenham, acentuadamente, ficado mais distantes. Com isso, foi sendo fabricado o entendimento romântico de que, voltando ao campo ou o visitando, estaríamos em felicidade e alegria. “Refrescar as ideias em meio às flores e ao verdor”, aproximando-se do sentido contemplativo que foi abordado neste texto; um sentimento romântico de que o campo pode possibilitar bem-estar. Cabe mencionar, aqui, que o campo também é visto, diante das dicotomias já citadas, como fonte de recursos na modernidade, o que proporciona, também, um interesse pelo seu domínio, apropriação, exploração e uso. Um campo que se transforma em terras cultivadas, aradas ou mesmo jardins, uma natureza domada, como aponta Carvalho (2002), referindo-se à relação das pessoas com a natureza na modernidade:

A natureza como domínio do selvagem, ameaçador e esteticamente desagradável, em contraposição à civilização é a interpretação que está na base do *ethos* moderno antropocêntrico. Com a renascença, afirma-se um modelo urbano em contraposição ao padrão medieval, camponês e teocêntrico, a partir de então designado como inculto. [...] (CARVALHO, 2002, p. 40)

Então, a natureza como domínio, classificada enquanto formas de usos e utilidades, vai legitimando-se como discurso de uma época; ao mesmo tempo que, esteticamente, ainda foi sendo inventada uma valorização da natureza como fonte de equilíbrio e reabilitação. Muito impulsionada pelo movimento do romantismo a partir dos séculos XVIII e XIX, há um contraste evidenciado, nesse período, entre os rigores e insalubridades do urbano industrializado em relação ao lirismo do campo. Há o mundo urbano das máquinas, fumaças, aglomerações e comércios; e o campo, com sua ordem natural e reabilitadora, desde que seja

TROPEREANDO

A Fabricação de Conceitos de Natureza

uma natureza domada, e não do “domínio do selvagem”, como apontou Carvalho (IBIDEM).

Com a modernidade, vamos produzindo novas formas de entendimento com o natural. A natureza serve e passa a ser classificada enquanto usos e benefícios que poderá proporcionar às pessoas; o natural é, também, adaptado ao reequilíbrio do humano diante dos desafios que essa mesma modernidade vai lançando. Estariam nesses entendimentos as esteiras que fundamentariam os discursos de natureza atuais? Penso que sim, pois a ordem racionalista e tecnicista moderna, a partir do iluminismo, fundamenta um modo de funcionamento histórico no ocidente que se desdobra em maneiras de ser e estar diante da vida e do que entendemos por natural. É um processo que vivemos historicamente, é algo cultural. Barros nos deixa atentos quando diz: “a aproximação entre natureza e cultura é fundamentalmente estética, e não natural” (2011, p. 142).

Ou seja, apesar da materialidade do natural, o que dizemos de natureza é sempre uma representação dela, a qual está associada à cultura legitimada e tomada em suas verdades. Todavia, nem cultura, nem natureza poderão ser buscadas como essências. O autor nos coloca: “[...] são produtos da criação humana e devem ser consideradas como remetidas a esta” (IDEM, p. 142). Apoiei-me, então, numa desconfiança em relação ao que tomamos por natureza e cultura no Pampa. Como se estabelece essa afinidade no Pampa? Embora o tema venha a ser mais aprofundado nos próximos capítulos e nas análises do material empírico desta tese, considero importante fazer tal marcação neste momento. Pondero que a relação entre natureza e cultura não seja de separação, mas como relação de passagens, de atravessamentos e de manifestações. Assim, para além de julgamentos, me proponho à análise de como podemos estar nos relacionando no Pampa, nos atravessamentos entre natureza e cultura.

Há uma dinâmica permanente, hoje, muito caracterizada pelos aspectos modernos colocados anteriormente. Meu entrevistado, Zé Paiva, trouxe um pouco da relação que culturalmente estabelecemos no Pampa, ao explicar que

TROPEREANDO

A Fabricação de Conceitos de Natureza

o ser humano atrapalha a natureza. Não apenas isso, mas ressalta que o vínculo do sujeito da cidade com o mundo natural é de desconexão:

Atrapalha... é porque... essa conexão com a natureza ela tá muito esquecida, assim... sabe? Ela tá muito, muito... as pessoas da cidade por exemplo, estão muito desvinculadas. As pessoas, elas nem pensam de onde vem o alimento delas, de onde vem a água delas, né? Dá onde vem... sobre a qualidade do ar que elas respiram. Elas estão muito desconectadas da natureza, apesar de dependerem da natureza. Então **o ser humano atrapalha a natureza** no sentido de que... o ser humano tem um impacto muito grande sobre a natureza, sobre o meio ambiente, e não se dá conta disso, né... as pessoas não têm uma consciência ampla sobre a questão do desequilíbrio da natureza [...]. (PAIVA, Entrevista, 2016) [grifo meu]

O fotógrafo aponta diferenças entre o mundo do campo e da cidade, de como as pessoas se estabelecem nesses meios. As pessoas da cidade são mais desconectadas (uma conexão e uma natureza esquecidas) e, por conseguinte, isso acaba por atrapalhar a natureza. O ser humano é aquele que a impacta. Pensei, então: seria esse ser humano um intruso no ambiente natural?

O entrevistado coloca que as pessoas não têm uma consciência em relação ao desequilíbrio da natureza. O que o fotógrafo Zé Paiva atenta vem a ser sempre um vínculo de ordem racional: é pelo *logos*, pela razão que o vínculo entre as pessoas e a natureza se estabelece, numa intensidade maior ou menor, conforme o seu dito – um vínculo de conexão mais esquecido ou mais potente. O vínculo de maior conexão, embora mais presente na memória das pessoas do campo, é uma conexão associada à necessidade; é preciso estarem conectados para se situarem e se manterem no espaço do campo, como ele coloca na citação abaixo:

Então atrapalha a natureza, eu falei nesse sentido de que as pessoas estão muito desconectadas, né... por exemplo, os nossos avós, por exemplo, eram pessoas, pessoas que... principalmente pessoas do campo.... Pessoas que... tão preocupadas assim... e é, essencial pra elas saber qual é a lua que a gente tá. Qual é a maré que, qual é a maré. Qual é o vento do lugar. Qual é a época de plantar batata, feijão, né? Qual é a erva que cura, né? Né? Por exemplo, eu tô com dor de barriga, qual é o chá que eu tenho que tomar pra dor de barriga? Eu não tenho farmácia aqui perto... isso nas cidades não existe mais. Essa

TROPEREANDO

A Fabricação de Conceitos de Natureza

conexão com a natureza. E no interior diminuiu muito também. (PAIVA, Entrevista, 2016)

São relações que se estabelecem e configuram formas de atuação. Zé Paiva nos traz uma maneira de relação com a natureza, fincada em necessidades básicas de sobrevivência: qual é a época certa para o plantio de alguns alimentos, qual é o melhor chá associado a certas curas... Essas relações que a humanidade vai estabelecendo em sua trajetória têm seu espaço-tempo, algo que caracteriza sentimentos e percepções de natureza. Vejo que, dentro de sua história, vários entendimentos foram tomados pela humanidade, desde visões mais essencialistas até as mais relativistas, perspectivistas e, também, com olhar pós-estruturalista. Marcos Carvalho (1991) nos traz, em sua história de natureza, um pouco dessas percepções. Indica, então, que os modelos científicos newtonianos - e que explicaram o funcionamento da natureza na modernidade - estão sendo discutidos de outra forma. A natureza, através de olhares mais recentes, seria, então, o resultado das inter-relações que se estabelecem.

Ressaltando que, nesta tese, tomei a natureza como discurso, percebi uma nova configuração de fatores que podem produzir outros entendimentos de natureza, assim como condições de possibilidade que podem configurar discursos de natureza na atualidade. Tais ideias me estimularam a buscar e pensar acerca do que Nietzsche indica sobre natureza. Com o filósofo, penso que a natureza também implicaria em fazer cultura, pois ela própria tem suas mudanças, transformações e trajetórias dadas pelas próprias relações que aí se estabelecem e que são determinadas nos jogos de força dessas relações. Nietzsche (2010) indica:

Não há lei: cada potência extrai em cada instante sua última consequência. É precisamente no fato de “não poder diferente” que repousa a calculabilidade. Um quantum de força é definido pelo efeito que produz e pelo efeito a que resiste. [...] (NIETZSCHE, 2010, p. 241)

O autor também nos leva à reflexão sobre o mundo, sua condição, seus mecanismos, sua provisoriedade, discorrendo que:

TROPEREANDO

A Fabricação de Conceitos de Natureza

Este mundo é um monstro de força sem começo nem fim, uma quantidade de força brônzea que não se torna nem maior, nem menor, que não se consome, mas só se transforma, imutável no seu conjunto, uma casa sem despesas nem perdas, mas também sem rendas e sem progresso, rodeada do “nada” como de uma fronteira. [...] força em toda parte, é jogo de forças e ondas de forças uno e múltiplo simultaneamente acumulando-se aqui, enquanto se reduz ali, um mar de forças agitadas que provocam sua própria tempestade, transformando-se eternamente num eterno vaivém, com imensos anos de retorno com um fluxo perpétuo de suas formas, [...] do jogo das contradições ao prazer da harmonia, afirmando-se a si mesmo, ainda nessa uniformidade das órbitas e dos anos, bendizendo-se a si próprio como aquilo que eternamente deve retornar, como um devir que jamais conhece a sociedade, jamais o tédio, jamais a fadiga: [...] “meu além do bem e do mal”, sem fim, senão o fim que reside na felicidade do círculo, sem vontade, senão um anel que possua a boa vontade de seguir seu velho caminho, sempre em redor de si mesmo, e nada mais senão em redor de si mesmo [...]. (NIETZSCHE, 2010, p. 289)

O mundo da vontade de potência, apresentado por Nietzsche, me possibilitou pensar e querer problematizar os possíveis discursos de natureza no Pampa para além de uma abordagem essencialista. Que discurso vem sendo fabricado pelo dito e não dito dos fotógrafos e das fotografias do Pampa? Nessa relação entre cultura e natureza como construções desse tempo, cabe procurar os seus atravessamentos; mas, antes disso, pensar no fluxo constante de forças que aí se estabelecem e formam esse discurso de natureza no Pampa. Clément Rosset (1989), vinculando-se a Nietzsche, recusa qualquer idealismo e nos coloca a pensar no “real” que está no discurso, e que podemos tomá-lo como problematização, na tentativa de intensificação da própria vida.

Esse jogo de poder, apontado por Nietzsche, a vontade de potência, com suas forças ativas e reativas, produzindo e resistindo num círculo constante, tornam o mundo ou a natureza um eterno devir, o que ajuda a posicionar um pensar sobre a condição de natureza que se fabrica no Pampa. Requer, como diria Latour (1994), um pensar no qual assumo que “tudo ocorre por mediação, por tradução e por redes, mas este lugar é o impensável dos modernos” (p. 43). Ficou, assim, a provocação pessoal, enquanto pesquisadora, juntamente com a provocação ao leitor, para que juntos, nessa tropereada, possamos nos implicar em tais questionamentos.

TROPEREANDO

A Fabricação de Conceitos de Natureza

Encerrando

O sentido da Tropereada, neste capítulo, foi de conduzir um texto que trouxesse elementos para a discussão de natureza. Elementos que, inicialmente, ajudassem a entender a fabricação de natureza no Pampa a partir da entrevista executada com o fotógrafo Zé Paiva, sua fotografia e de outros profissionais, que foram Luis Fabini e Eduardo Amorim. Desse modo, se fez a necessária percorrida deste capítulo.

Uma tropereada na qual conduzi um texto, conversando com alguns autores que se tornaram importantes como referenciais e intercessores dessa jornada. Abrir a cancha teve o sentido de começar uma discussão de natureza que será trazida, também, no capítulo seguinte, com a história do Pampa e a formação do sujeito pampeano, bem como o aprofundamento nos capítulos de análise dos dados. Para tanto, foi fundamental e necessário pontuar e esclarecer a perspectiva ou olhar histórico que é lastro desta pesquisa. Aqui, a fundamentação se fez ou se faz pela história do presente de Michel Foucault.

Enfim, vou finalizando o capítulo. Saliendo que pensar uma história de natureza no Pampa me colocou diante de deslocamentos e entendimentos sobre a própria história. Para além, ressalto o quanto o objetivo de contar a história do presente do Pampa e seus possíveis discursos de natureza, de forma não linear, me provocou e me desafiou como pesquisadora. Nas relações e seleções aí evidenciadas, procurei suspender ou suspeitar de alguns entendimentos sobre esse espaço-tempo e, ao mesmo tempo, marcar e construir o objetivo desta tese. Para tanto, foi fundamental traçar as marcas desse sujeito que constitui e é constituído nessa territorialidade do Pampa. Assim, fica o convite ao leitor, para que me acompanhe no próximo tema, a ser apresentado no capítulo seguinte, em que pinçei e marquei um pouco da história do Pampa e seu sujeito gaúcho.

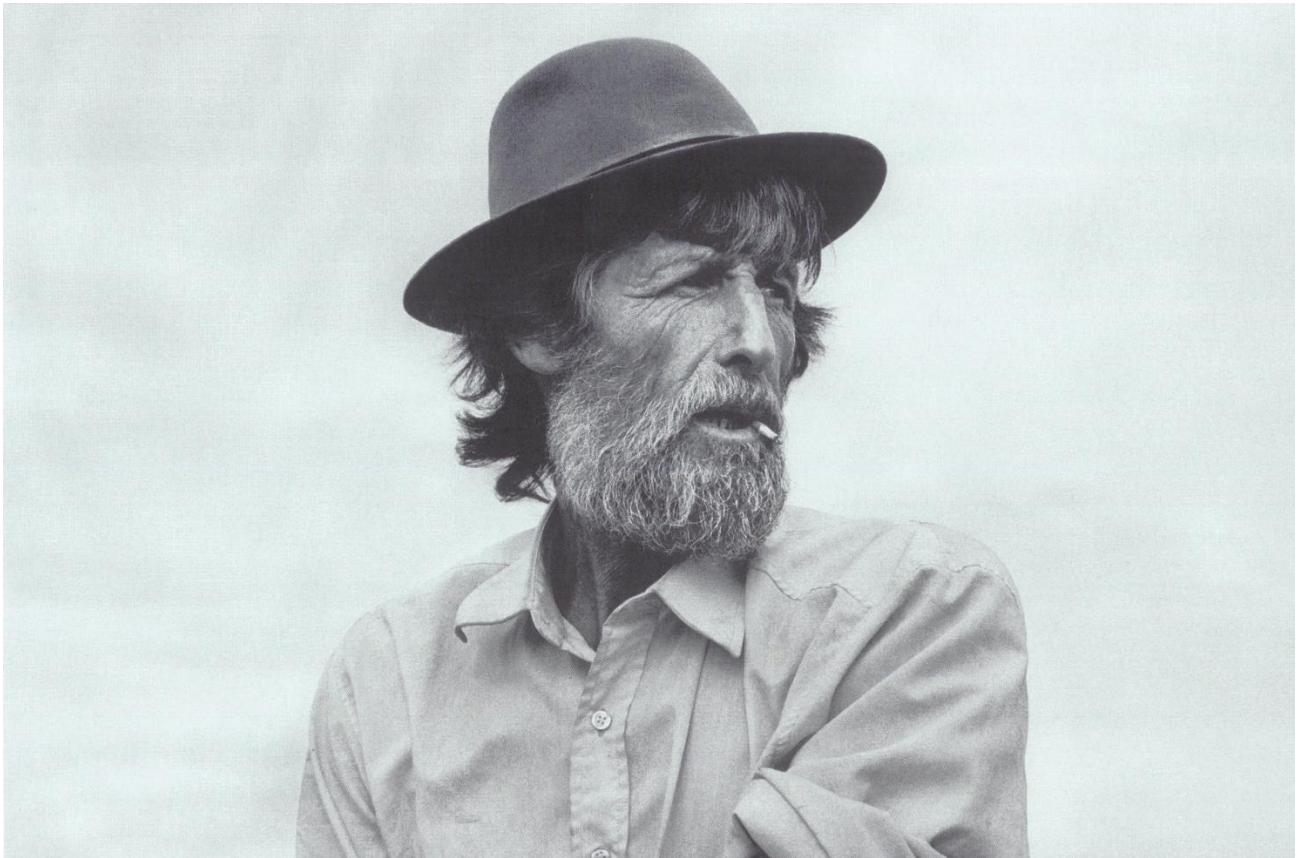
CAMPO AFORA
História do Pampa

CAPÍTULO 3

CAMPO AFORA
História do Pampa

CAMPO AFORA
História do Pampa

Olhando ao longe



FABINI, 2012, p. 9

CAMPO AFORA

História do Pampa

A imagem acima é uma página do livro de fotografia, de Luis Fabini, chamado “*Gauchos*”. Temos uma fotografia com uma legenda de *Gaicho*, uma imagem que faz uma representação desse sujeito. É um retrato atual (2012) e Fabini conta que

Un día compartiendo mates com um gaucho viejo, le pregunté: ¿Qué es el gaucho? Luego de un largo silencio me dijo: “el gaucho es el terrón que pisa”. Lo comprendo al instante: el hombre se crea a semejanza de lo que hace. Es uno con lo que hace. (FABINI, 2012, p. 24) [notas do autor]

O sujeito é representado pelo fotógrafo como um gaúcho e, sentindo-se em tal condição, quando perguntado, diz o que é sê-lo. A resposta é curta e nos direciona a pensar na terra, no espaço que esse sujeito habita e fabrica historicamente, assumindo, para ele, um papel definidor do próprio entendimento de si. A foto me pareceu emblemática. O gaúcho ali representado é uma figura masculina, usando camisa, chapéu, olhando ao longe... alguém que fala de si, associando-se à terra que pisa. Como se constrói essa relação? Como se constrói essa formação cultural no Pampa? São indagações que me fizeram buscar, através da história, as forças que estiveram ou estão em jogo na formação dessa terra e dessa figura cultural, o gaúcho.

Neste capítulo, tratei da História do Pampa. As *porteiras* abertas, no capítulo anterior, me permitiram discutir o entendimento de história do presente de Foucault e a história de Natureza. Neste momento, denominado **Campo Afora**, eu me lanço na história do próprio Pampa e em sua figura mais enaltecida, o gaúcho. Pensá-lo, juntamente com sua constituição, fabricação e seu caráter contingente, foi o objetivo deste capítulo. Para isso, provooco o leitor a refletirmos juntos sobre os processos de objetivação e subjetivação que concorrem na construção deste indivíduo. Há, no Pampa, esse sujeito que se reconhece como gaúcho, que se construiu e se constrói nas tramas da história.

Assim, apresento inicialmente minha intenção com o capítulo. A provocação de **Olhar Ao Longe**, como primeira parte deste capítulo, se fez no sentido pampeano de campo de visão do que quis abordar. Mirei no horizonte e estabeleci um rumo. Na introdução, situo o leitor do que encontrará neste **Campo**

CAMPO AFORA História do Pampa

Afora. Depois, estaremos em **Campo Aberto**, em uma campereada pelas trilhas da História do Pampa. Na seleção dessas tramas da história, tracei, eu própria, um caminho que evidenciasse a fabricação do sujeito gaúcho no Pampa do RS, Uruguai e Argentina. É preciso olhar para alguns acontecimentos discursivos em Campo Aberto para responder, minimamente, como se constitui o sujeito pampeano. Fechando o capítulo, apeio da campereada: em **Apeiando**, ressalto que as tramas da história acontecem como organização de um olhar – o meu olhar nesta pesquisa, em que o sujeito gaúcho é evidenciado a partir de alguns acontecimentos que são trazidos e discutidos por mim no entendimento foucaultiano de que aquele é sempre sujeito a si mesmo e sujeitado a.

Convido o leitor a ir comigo neste Campo Afora. Provoquemos nossas verdades tão sólidas do que é ser gaúcho e olhemos com desconfiança os modos como nos fabricamos gaúchos na atualidade.

Campo Aberto

Esta campereada começou fundamentando a visão de sujeito numa perspectiva foucaultiana. Assim, o objetivo desta parte do texto foi pensar sobre as bases de entendimento de sujeito, para Foucault, fazendo-me percorrer seus ensinamentos. Há um Campo Aberto, pois o autor nos propõe pensar nesse sujeito como fabricação e, assim, o entendimento dos atravessamentos da história se tornam fundamentais. O sujeito gaúcho se constrói nas tramas da história, então, fui campereando pela história do Pampa, selecionando acontecimentos que colocassem em evidência esse sujeito gaúcho. Nessa contextualização, procurei trazer em suspenso algumas verdades, como a que coloca o sujeito gaúcho como algo dado por essência. Também procurei, nesses campos, trazer em destaque algumas condições de possibilidade para a fabricação desse sujeito. Que forças e que articulações podem ser pinçadas, aqui, para que esse sujeito seja compreendido em sua fabricação? Que relações de força estão em jogo na história do Pampa? Assim, começarei problematizando o que é o sujeito.

Vejo como importante esclarecer que o que chamamos de sujeito é o resultado de um processo de produção cultural e social. Assim, penso que o

CAMPO AFORA

História do Pampa

sujeito se inventa, considerando os ensinamentos de Foucault (1995), que nos apresenta o sujeito como aquele que é preso a sua própria identidade pelos saberes, por uma consciência ou autoconhecimento. O autor reflete sobre as formas de relações de força que objetivam o sujeito e as dimensões em que se apresentam as relações de poder. Investigando sobre as relações entre a racionalização e o poder, ele nos diz que o indivíduo traça uma batalha constante:

Esta forma de poder aplica-se à vida cotidiana imediata que categoriza o indivíduo, marca-o com sua própria individualidade, liga-o à sua própria identidade, impõe-lhe uma lei de verdade, que devemos reconhecer e que os outros têm que reconhecer nele. É uma forma de poder que faz dos indivíduos sujeitos. Há dois significados para a palavra *sujeito*: sujeito a alguém pelo controle e dependência, e preso a sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento. Ambos sugerem uma forma de poder que subjuga e torna sujeito a (FOUCAULT, 1995, p.235).

É nessa batalha de como se exerce o poder, na produtividade disso, no cruzamento (ou atravessamento) com a materialidade dos fatos que aí se colocam que busquei entender esse sujeito *gaucho* e sua história no Pampa.

Quando volto aos documentos históricos do Pampa, noto a figura central que o gaúcho recebe em muitos trabalhos. É Assunção (1978) que me chamou atenção, inicialmente, dizendo:

El nacimiento del gaucho está condicionado por una cultura augural, consecuencia de un habitat, conjunción de grupos étnicos nativos, características de la colonización europea (hispana y portuguesa), razones geopolíticas, y otros varios etcéteras, que irán surgiendo claramente a lo largo de este trabajo, pero, por sobre todo, consecuencia de la introducción de los ganados mayores, que se volvieron cimarrones o alzados, en unos territorios semi vacíos y cuasi marginales o fronterizos, e introducidos antes del hombre, es decir antes de la efectiva colonización de esas tierras. Y es esta cultura augural la que transforma al colono, hispano o portugués, a sus hijos criollos, a muchos de los indígenas, y a otros tantos hombres de los más diversos orígenes, que se integran al habitat, habitat que resulta centro geográfico de esa misma cultura, en elementos aparentemente negativos para las rígidas estructuras coloniales, pero social e económicamente imprescindibles para las mismas y, especialmente, los hace protagonistas, verdaderos ejes motores, de esa misma cultura y de esa sociedad, que debiendo amarlos y preferirlos, los

CAMPO AFORA

História do Pampa

negó hasta el enronquecimiento, cometendo el pecado de Pedro.
(ASSUNÇÃO, 1978, p. 16)

O autor se concentra no surgimento dessa figura cultural e vai apresentando as condições em que isso acontece ao longo dos anos, a partir do século XVII. Se olharmos a história do Pampa, através da obra citada, veremos o enaltecimento da figura do gaúcho. Entretanto, ressalto que, para o olhar histórico que aqui pretendo, faço minhas as palavras de Foucault (2008), esclarecendo sobre a perspectiva do entendimento da história pela genealogia, quando há

[...] um indispensável demorar-se: marcar a singularidade dos acontecimentos, longe de toda a finalidade monótona; espreitá-los lá onde menos se esperava e naquilo que é tido como não possuindo história – os sentimentos, o amor, a consciência, os instintos; apreender seu retorno não para traçar a curva lenta de uma evolução, mas para reencontrar as diferentes cenas onde eles desempenharam papéis distintos; e até definir o ponto de sua lacuna, o momento em que eles não aconteceram [...] (p. 15)

De tal modo, não existe a preocupação com a origem. Não busquei um gaúcho em sua essência, mas um sujeito que está sempre assujeitado, travando lutas de ordem da subjetividade ou objetividade. Embora o gaúcho, hoje, seja essa figura destacada culturalmente no Pampa, essa mesma figura foi marginalizada e negada muitas vezes. Atualmente, temos o gaúcho nas grandes mídias, em várias práticas culturais, sendo valorizado e colocado como o representante do Pampa. Trago, novamente, Assunção (1978), destacando sua obra que contextualiza a formação cultural do gaúcho desde a sua *pre-historia* (como o autor chama os primórdios dessa formação cultural no início do século XVII) até o século XX. Ele nos apresenta um gaúcho, de início, fortemente relacionado à introdução do gado *vacum*¹¹ nesta região. Uma pessoa que possui características étnicas miscigenadas, em função da colonização e dos povos que primeiramente viviam no Pampa.

¹¹ *Vacum* – designação para vacas, bois, terneiros. Animais de origem bovina.

CAMPO AFORA

História do Pampa

Com Estrada (1996), ressaltei as dificuldades, amarguras e diversidades desses tempos. Caracterizando o ambiente, o autor mostra a figura do gaúcho como aquele que se posiciona enquanto paisagem campeira, que opta pelo campo, conhecendo suas leis e procurando ficar distante das leis da cidade que desprezava.

Era un Quijote de regreso, vencido, el andrajo de un sueño ridículo. Se llenó de orgullo; prefirió levantarse contra la justicia que le negaba la propiedad y no la posesión de lo que bien podría ser suyo con arreglo a las leyes de la Naturaleza, que conocían a fondo el curandero, el baquiano y el caudillo. Como el caballero, alistó la turba en la llanura y fue el castellano en su rancho; alzó la tropa del ganado y se enfrentó contra el terrateniente, contra el hombre desconocido de la ciudad. Ya se disoció el espíritu del campo, el federal, el bárbaro, del espíritu de la ciudad, el unitario, el monárquico, reuniendo en torno de sus imanes las limaduras de intereses dispersos. Prefirió vivir en la vastedad de ese dominio sin capitular, sin someterse al arbitrio del otro advenedizo; amasó su conciencia con el paisaje, renegó de toda tradición y de ahí resultó el gaucho, el señor hambriento, el hombre de la tropa ignorante, proseguidor inarmónico de un sueño frustrado. En la soledad llegó a considerarse un despojado, una víctima de la injusticia del código y del tribunal distante. Estaba haciendo causa común con el indio, al que siguió mirando con encono y desprecio de bastardo. (ESTRADA, 1996 p.26)

Um bastardo, como apresenta Estrada, fazia causa comum com aqueles renegados de um ambiente turbulento. Processo de colonização, disputas entre Coroas, disputas com os indígenas, primórdios de uma economia gadeira e extrativista, a fisionomia de um ambiente a descobrir e fixar-se. Incertezas, medos, disputas, conquistas, relações e câmbios. Trocas afetivas e disputas políticas. Na política das relações, a consolidação dos saberes e constituição de poderes. Uma natureza a desbravar-se e a transformar-se em pradaria pelo colonizador. Esse gaúcho, que vai se forjando e optando pelo campo, *campo afora*, que se lança para preia (captura) do gado xucro (primeiramente), era um errante atrás de gado a aprisionar. Todas as adversidades ambientais eram enfrentadas, muitas vezes, sozinho, e vivia no campo sem fixar-se. A partir do século XVIII, com o surgimento das primeiras Vacarias e, depois, com as estâncias, o gaúcho continuará diretamente na lida do gado, como continuará à margem das decisões coloniais. Torna-se importante figura no funcionamento da

CAMPO AFORA

História do Pampa

economia da região, mas sempre desprestigiado socialmente. É no campo que se configura como caçador ou tropeiro, aquele que enfrenta a natureza e vive nela de forma rude; errante como o índio e miscigenando com esses. Nessa instância, esse *quijote* é um infame.

Aparentemente infames, por causa das lembranças abomináveis que deixaram, dos delitos que lhes atribuem, do horror respeitoso que inspiraram, eles de fato são homens da lenda gloriosa, mesmo se as razões dessa fama são inversas àquelas que fazem ou deveriam fazer a grandeza dos homens. Sua infâmia não é senão uma modalidade da universal *fama*. Mas o recoleto apóstata, mas os pobres espíritos perdidos pelos caminhos desconhecidos, estes são infames com a máxima exatidão; eles não mais existem senão através das poucas palavras terríveis que eram destinadas a torná-los indignos para sempre da memória dos homens. E o acaso quis que fossem essas palavras, essas palavras somente, que subsistissem. Seu retorno agora no real se faz na própria forma segundo a qual os expulsaram do mundo. Inútil buscar neles um outro rosto, ou conjecturar uma outra grandeza; eles não são mais do que aquilo através do que se quis abatê-los: nem mais nem menos. Assim é a infâmia estrita, aquela que, não sendo misturada nem de escândalo ambíguo nem de uma surda admiração, não compõe com nenhuma espécie de glória. (FOUCAULT, 2006, p.6)

Esse *quijote* requeria e optava por sua terra, seu bem mais conhecido. Fazia causa comum com o índio e, dessas vidas comuns, podemos ver e dar a ver a possibilidade de uma forte economia gadeira, importante para alavancar sérias disputas territoriais entre as coroas ibéricas. Nesse excerto de Estrada, em seu livro *A Radiografia de La Pampa*, no qual procura traçar a complexidade da formação sociológica da região, vemos o que parece ir caracterizando, durante o século XVIII, certa dualidade entre dois mundos: o campeiro e o da cidade.

Essa dualidade, se pensarmos nos dias atuais, continua evidente no Pampa, apesar de que as distinções entre campo e cidade estejam mais entrelaçadas. As ferramentas tecnológicas que caracterizavam o mundo da cidade, urbano e movimentado, estão, hoje em dia, mais presentes nos campos. As estradas comunicam esses espaços e intercambiam seus feitos, provocando mudanças culturais nos dois. Temos campo e cidade mais em comunicação do que nos tempos trazidos por Estrada.

CAMPO AFORA

História do Pampa

No Pampa, as cidades ou a urbanização vêm aumentando ao longo do último século – identifica-se como alternativa aos que vivem no campo e têm suas expectativas e perspectivas frustradas. O êxodo rural na região do Pampa provocou o crescimento populacional das cidades. Essas pessoas que saem dos campos e passam a viver nas cidades preenchem esse espaço urbano e levam consigo suas maneiras de viver, que se entrelaçam ao modo de viver urbano. Continuam a ritualizar as rodas de mate (ou apenas o *mate solito*); escutar suas músicas campeiras; no vestuário, algumas das peças seguem presentes, como a boina, a bombacha, a camisa, o poncho; na alimentação, a prática do churrasco que, assim como o mate, reúne para rodas, conversas, *charlas*¹² e convivência.

O modo de vida urbano das cidades também chega ao campo e é assumido por ele. Não é mais considerada rara a presença de uma antena parabólica num rincão rural de poucas pessoas, distantes de qualquer outra localidade, comunicando aquele espaço com o restante do mundo e todas as suas modernidades ditas urbanas. Os canais e possibilidades virtuais podem ser outro exemplo - campo e cidade do Pampa em relação, entrelaçados e trocando vivências. Ainda, o modo de ser gaúcho (que tanto no campo como na cidade traz peculiaridades) continua culturalmente entrelaçando e caracterizando o Pampa, independentemente de ser mais urbano ou mais rural.

¹² Charlas – conversações ou negociações.

CAMPO AFORA

História do Pampa



Fonte: Página WEB: Disponível em <http://centralsul.org/2014/gaucha-de-apartamento-na-semana-farroupilha/> (acesso em 22/3/2016)

CAMPO AFORA

História do Pampa



Fonte: Página WEB: Disponível em <https://www.google.com.br/webhp?sourceid=chrome-instant&ion=1&espv=2&ie=UTF-8#q=fotografias%20de%20pessoas%20tomando%20mate> (acesso em 22/3/2016)

CAMPO AFORA

História do Pampa

Que modo de ser é esse, do Pampa, que reúne pessoas em roda? Roda de conversas e reflexões, momentos de lazer ou trabalho regados a mate. Campo ou cidade. Nas fotografias acima¹³, vemos dois ambientes urbanos onde o hábito do mate ou chimarrão está presente. São fotos atuais, pinçadas da internet, que nos fazem perceber como essa influência indígena (como mostrarei a seguir) permanece até hoje. Incorporada na maneira de ser do Pampa, caracteriza momentos e uma maneira de ser que entrelaça campo e cidade.

Segundo Lessa (2013), a descoberta do mate (que é de origem indígena do sul da América) pelos colonizadores espanhóis se deu a partir de 1554, quando chegaram às terras de Guaíra, onde hoje temos o Estado do Paraná, no Brasil. O General Irala (vindo da região do Paraguai) e seus soldados objetivavam ampliar o domínio espanhol e desbravar as terras desconhecidas, principalmente na procura de metais preciosos.

Os índios Guaranis que aí viviam tomavam o Caá-i¹⁴ (mate) que, de início, era de exclusividade dos Pajés. Em função de inúmeras disputas com outras tribos e na necessidade de força e vigor, a bebida foi autorizada aos guerreiros. Mais tarde, em tempos de paz, a prática do Caá-i foi permitida a todos, pois seus benefícios revigorantes e fortalecedores para o corpo e o espírito já eram conhecidos.

Os colonizadores, primeiro curiosos e depois provando do mate, foram aprovando, necessitando e buscando sua prática. O hábito foi se alastrando entre os conquistadores espanhóis, que o levaram para Assunção, se estendendo até Santa Fé, Buenos Aires, Tucumã e mais ao norte, na região do Peru, em Lima.

Assim, crescem as expedições à região de Guaíra, em busca da erva. Assim, em função disso, cresce a escravidão indígena. Os escravizados realizavam a colheita e o transporte da erva em caravanas que levavam mais de ano para chegar a diferentes lugares. Sob condições insalubres, muitos

¹³ As fotografias das páginas 84 e 85 não faziam parte do *corpus* empírico da pesquisa, trazidas aqui apenas como ilustrativas.

¹⁴ Caá-i – água da erva em Guarani

CAMPO AFORA

História do Pampa

indígenas ficavam pelo caminho, morriam de doenças, fome ou cansaço. Por meio século, a corrida aos ervais consolida uma prática que nem a Igreja consegue fazer frente. Nesse período, em plena Inquisição, o hábito do mate não era bem visto pelos religiosos, que tentavam proibi-lo. Interessante que, quando a Igreja atribui propriedades afrodisíacas para a erva (erva do diabo), sua procura fica maior ainda. À bebida, eram atribuídas forças mágicas e desconhecidas. Contudo, os espanhóis já aprovavam os benefícios do mate (com exceção da elite colonial) e, como não se sentiam ameaçados pelos castigos divinos, o número de excomunhões foi tão grande que a Igreja veio a capitular sua regra.

Pelos anos de 1600, tomar mate tornara-se comum, principalmente entre as populações que viviam mais para o interior. Aqui ocorre algo importante para pensarmos na relação entre natureza e cultura: entendo que o hábito de beber o Caá-i é uma prática cultural que alimentou as pessoas em algumas necessidades psicofísicas, e tais necessidades estavam diretamente associadas ao ambiente onde essas pessoas viviam. É Lessa (IBIDEM) quem nos lembra, em suas pesquisas, do ambiente natural do Pampa que, em muitas regiões, apresentava água salobra e, por vezes, infecta; lembra, também, do hábito alimentar regional, bastante carnívoro; as marchas enormes que eram necessárias percorrer em frio ou sol escaldante; as verminoses. O mate vai consolidando-se, na visão do autor, como imposição do próprio meio, na tentativa de amenizar as adversidades.

É, então, a tênue relação entre cultura e natureza, pois os traços culturais ou naturais se misturam e estabelecem, em via de mão dupla, movimentos, mudanças, alterações e constituições. Provoquei-me a pensar, também, no corpo como superfície (Foucault, 2008), “superfície de inscrição de acontecimentos” (p.22), existindo uma exterioridade nessa ordem. São condições de possibilidades que se inscrevem na digestão, nos afetos, na psique dessas pessoas. Esse corpo “inteiramente marcado de história e a história arruinando o corpo” (IBIDEM).

Notei, também, o avanço das justificativas científicas no período que comprovava as diferentes propriedades da erva em infusão, emplastros, tônico,

CAMPO AFORA

História do Pampa

em temperatura mais quente ou mais fria, podendo colaborar para saúde das pessoas - segundo estudos do jesuíta Padre Montenegro e do botânico Padre Aspenger (Teschauer, 1926). Mas, foi o viajante e naturalista francês Auguste de Saint Hilaire (2002) quem classificou cientificamente a erva que, botanicamente, está no gênero *Ilex* e com o designativo *paraguariensis*.

Com a intensa utilização da erva, houve, no século XVII, uma expansão dos ervais com finalidades comerciais. A própria Igreja, que tinha o mate por erva do diabo, agora passa a ser fornecedora. Com o aumento das extrações e com os grandes lucros que essa comercialização gerava, a Companhia de Jesus, em seus Trinta Povos das Missões, explicava, a partir de então, que o mate era saudável. Saudável, na medida em que era melhor os índios beberem o Caá-i do que entregarem-se a algum tipo de bebida alcoólica. Além disso, eram positivas as divisas econômicas que o comércio da erva proporcionava para a Companhia de Jesus.

Foram os jesuítas que fizeram, com êxito, grandes tentativas de multiplicação da cultura da erva-mate. Surgiram várias histórias sobre o sucesso dos padres, algumas fantasiando situações, pois a semente da erva mate é de difícil sementeira. Em função das plantações, produções e extração da erva, o poder econômico dos Povos das Missões cresceu muito nesse período. Com isso, não foram poucos os conflitos entre a Companhia, os colonos e as Coroas Ibéricas.

Por disputa de mercado, em função de guerras e revoltas, ou até por restrições de cunho moral, o mate e sua produção consolidava-se melhor na região de Guaíra e, por vezes, mais ao sul do Pampa. Na região brasileira, no final do século XIX, chegou a ser o segundo maior produto de exportação (Lessa, 2013).

Sendo assim, é novamente, com Saint Hilaire (2002), que comprovamos a força do hábito no Pampa no século XIX, no qual ele relata que todos bebem o mate e “a chaleira de água quente está sempre no fogo e, logo que um estranho entra em casa, lhe oferece mate” (p.110).

Quando, nos séculos XIX e XX, chegam os imigrantes ao Pampa, o chimarrão, segundo Lessa (2013), é força aglutinadora de recepção e

CAMPO AFORA

História do Pampa

sociabilidade com os novos moradores da região, prática cultural que atravessa alguns séculos e se atualiza nos traços de cada tempo – como nas fotos anteriores de pessoas tomando mates em parques urbanos.

Atualmente, a produção da erva mate e o hábito de tomar o mate ou chimarrão se consolidaram no Pampa e expressam um perfil social e psicológico desse ambiente. Inicialmente, ou até hoje, talvez para vencer as adversidades e cansaços, talvez para melhor processar a digestão; ou como efeito medicinal, ou como meio de socialização.

Para os indígenas ou para aquele sujeito chamado, por Estrada (1996), de *quijote*, o mate foi sendo sustento. Um sustento que, junto a outras características, ajuda a traçar um perfil para o sujeito do Pampa, que mescla essas diferentes etnias.

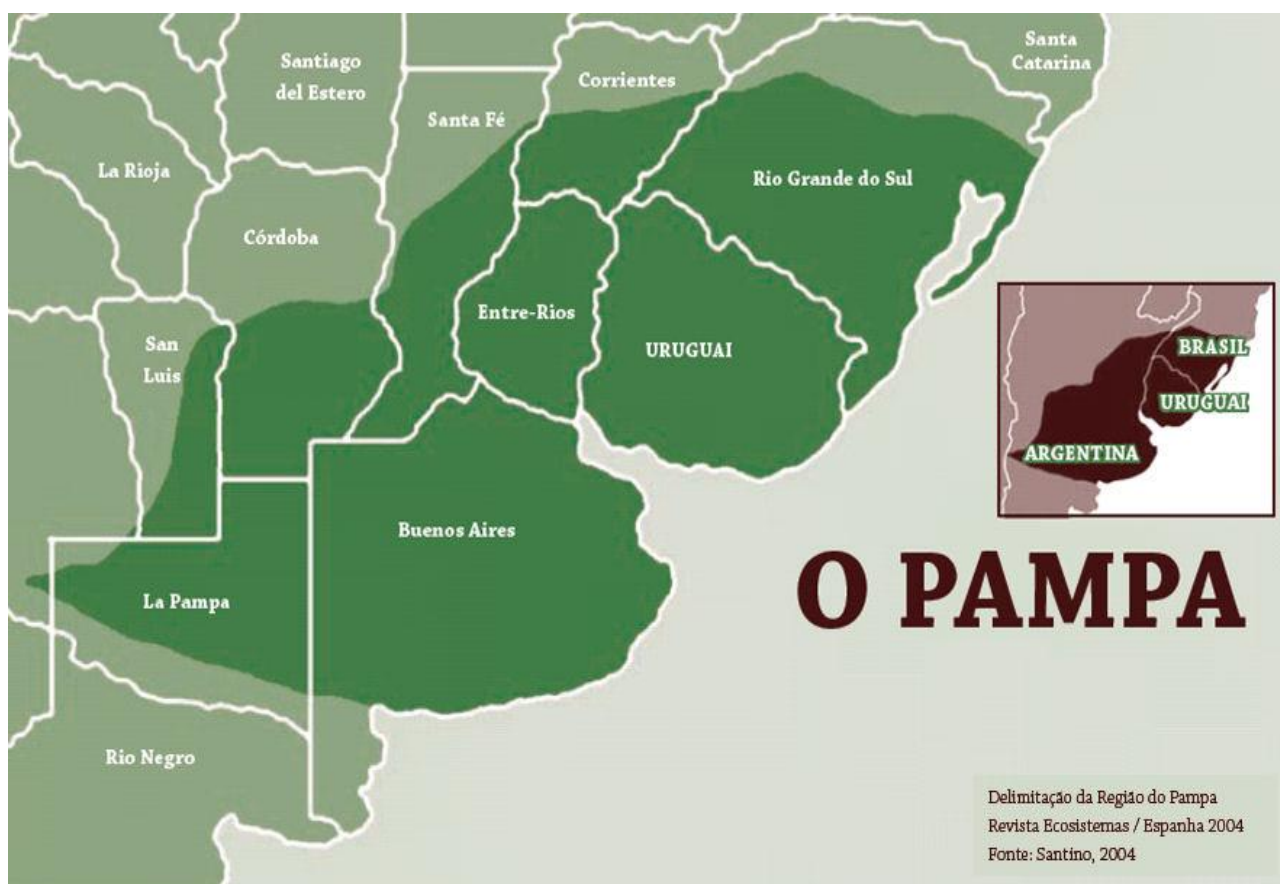
Sarmiento (1999) relaciona a necessidade desse sujeito de vencer as adversidades da natureza com o forte sentimento de orgulho que vai caracterizando sua personalidade. Esse autor relata o gaúcho como o homem do Pampa que “desenvuelve prodigiosamente el sentimiento de la importancia individual y de la superioridade.” (p. 82). É nesse momento de seu texto que o autor diz que esses *gauchos* desprezam o europeu, pois “el europeo es, para ellos, el último de todos, porque no resiste a um par de corcovos del caballo.” (p.82). Sentimento de valentia que muitos autores vão associar e relacionar às decorrências de processos políticos de independência, peleias territoriais, desbravamento espacial e desprezo para com instruções. Ao gaúcho, basta ser ativo, forte e enérgico. São traços psicológicos interessantes e que, se são assumidos coletivamente, vão constituindo um discurso sobre o modo de ser gaúcho.

Fui trazendo a figura do gaúcho distinguida por autores, como Assunção, Estrada e Sarmiento, já que eles nos ajudam a entender a constituição cultural desse sujeito, dialogando com aspectos econômicos, políticos, ambientais. O gaúcho, nessas obras, é caracterizado pelo ambiente que o constrói. Um sujeito cultural que vai se constituindo, que marca, modifica e fabrica, a si mesmo e seu ambiente, o ambiente do Pampa.

CAMPO AFORA

História do Pampa

É nessa trajetória histórica que o sujeito gaúcho se constitui e constrói seu ambiente, influenciado e atravessado pelas condições de possibilidade de seu próprio tempo. Tomo o gaúcho como uma invenção, como um ser que se fabrica e é fabricado ao mesmo tempo. É preciso visitar essa expressão cultural em seu passado histórico, com o olhar atento do presente. Como o gaúcho tornou-se o que é? Sobre os olhos da história, partimos a entender a constituição desse sujeito e o discurso de natureza construído por ele, evidenciando os modos em que esse sujeito do Pampa constitui o que entende e percebe por Natureza, entrelaçando passado e presente.



PILAR, 2009, p. 43

CAMPO AFORA

História do Pampa

O mapa nos ajuda a visualizar a região do Pampa – a parte marcada em verde escuro – historicamente mesclada entre culturas e etnias que se desenvolvem ali. Palco de interesses políticos e econômicos tardios na colonização sul-americana, o Pampa deteve maior atenção das coroas ibéricas apenas na segunda metade do século XVII. Antes disso, os povos pré-colombianos que se situavam nessa região assimilaram da língua quéchuá a origem da denominação Pampa, que significa um ambiente plano e aberto, com terras planas que a distinguem (SUERTEGARAY & PIRES DA SILVA, 2009).

Charruas, Guenoas, Minuanos, Chanás, Arachanes e Guaranis são alguns dos grupos de indígenas que habitavam o território Pampa. Essencialmente caçadores e coletores, viviam em *tolderías*¹⁵. Os guaranis se destacaram no fluxo pelos rios, e foram chamados de fenícios de *la cuenca platense*¹⁶, influenciando e dominando consideravelmente outras comunidades. Esses diferentes grupos não chegavam a ter estruturas políticas muito hierarquizadas e suas populações eram pouco numerosas. Disputaram seu território com os europeus e, desse enfrentamento, assimilaram funcionalidades, como o *desjarretador*¹⁷, que passa a ser adotado por eles. Assunção (1978) destaca os Charruas e os Guenoas-Minuano como os que mais rapidamente se adaptaram ao uso do cavalo.

Primero como alimento y luego como elemento de transporte, adaptando sus armas básicas (las bolas arrojadas de todos tipos y la lanza corta), a esta nueva forma de guerra, con resultados realmente desastrosos para los afanes ibéricos de colonización. (ASSUNÇÃO, 1978, P. 48)

Por outro lado, o europeu, na convivência ou peleia com o indígena, também vai apoderando-se de seus bens culturais. Um exemplo é a boleadeira. Interessante mencionar, também, que aquele europeu banido, evitado ou

¹⁵ Tolderias – moradia indígena sul americana; povoação desses indígenas formada por toldos, ou tendas de couro.

¹⁶ La cuenca platense – povoado de comerciantes e canoieiros do sistema fluvial do Plata.

¹⁷ Desjarretador – lança comprida com lâmina em meia lua na ponta. Usada pelos gaúchos para caçar o gado no campo. Aproximavam-se do gado a galope e, atingindo-o no jarrete, o levavam a cair.

CAMPO AFORA

História do Pampa

excluído por seu próprio grupo, passa a conviver mais de perto com as *Tolderías* e, assim, as trocas culturais se tornam mais consolidadas.

Como indica Assunção (1978), entendo que o gaúcho vai forjando-se, fabricando-se através de fatores que produziram condições econômicas e culturais singulares nessas terras. Terras que chamaram a atenção de Pero Lopes de Souza, já em 1531, quando se refere a elas como refúgios naturais, de belezas singulares e de topografia propícia para invernadas¹⁸:

Y yo fuí com diez hombres por tierra a ver si encontraba rastros de gente; no encuentre nada; sino rastros de muchas alimañas, y muchas perdices y codornices, y mucha otra caza. La tierra es la más hermosa y apacible que yo jamás pensé ver; no había hombre que no se hartase de mirar los campos y la hermosura de ellos". (ASSUNÇÃO, 1978, P. 39)

O Pampa era conhecido, pelos primeiros europeus que aqui chegaram, como um local de terras vazias, um espaço de grandes extensões e terras férteis. Seus habitantes indígenas não eram numerosos e, de início, as coroas ibéricas não identificaram importância econômica em metais preciosos na região. Assim, mesmo depois de iniciada a colonização americana, essa região permaneceu por mais de um século desinteressante, embora encontremos relatos como o acima citado, de Pero Lopez de Souza.

Mais tarde, a partir do século XVII, a produção econômica na região do Pampa e os fatores que condicionaram a formação cultural dessa região se tornam fundamentais para entender a construção da figura do gaúcho. O gado e o cavalo tiveram importância nesse sentido; porém, sem dúvida, o cavalo tem uma participação especial.

Dijimos antes que la causa determinante de la economía pastoril chimarrona, situación cultural que provoca o determina, a su vez, las características del gaucho, es debida a siembra y derrame de los ganados aportados por la conquista y colonización hispana e lusitana, em el gran "espacio vacío", em las enormes tierras baldías, fértiles

¹⁸ Invernadas – referência às pastagens que, cercadas por obstáculos naturais (ou por arames), são propícias ao engorde do gado.

CAMPO AFORA

História do Pampa

además, y de adecuadas condiciones ecológicas naturales para el desarrollo y procreo de los ganados, principalmente los de talla: caballares y vacunos. (ASSUNCAO, 1978, p. 35)

O cavalo entrou no Pampa pelo Atlântico e pelo Pacífico, trazido no século XVI. Seja pela locomoção, peleias, guerras, conquistas ou tração, o cavalo teve importância fundamental. Os índios, quando o dominaram, passaram a construir os traços que definiram o amplo domínio no seu manejo e trato. A doma¹⁹ índia vai ter características diferentes da executada pelo colonizador. Essa racionalidade do indígena, na doma e criação de cavalos, influencia alguns domadores até hoje. A doma era mais racional que a do europeu, ou seja, a conquista do cavalo se dava pela confiança e o cavalo não era (ou não é) submetido pela força e castigo. Alguns pampeanos eram chamados de *sussurradores*, devido ao fato de relacionarem-se com o cavalo sussurrando ao seu ouvido, acalmando-o. É bom lembrar que a necessidade do uso do cavalo em batalhas e guerras fez com que a doma fosse muitas vezes “apressada” e seu modo de fazer mais brutal e rígido. Não só para o preparo do cavalo para os conflitos, mas também pelas imediatas necessidades das estâncias. Então, devido a esses fatores, a doma se torna mais rápida e mais distante da racionalidade indígena. Esse sujeito gaúcho (que do contato com o índio vai aprendendo e, ao mesmo tempo, criando uma nova forma de manejo para a doma) coloca em funcionamento um dos aspectos que sustentam e caracterizam sua atuação nos dias de hoje: a sua relação com o cavalo. Há, então, uma forma própria de domínio sobre o animal e de ser gaúcho nesse Pampa. No campo ou no meio urbano, a vinculação com o cavalo ainda é forte. Tal equino está no imaginário e, também, muito presente na construção de vidas pampeanas: na forma de trabalhar (no campo e cidade), como montaria ou tração; no lazer; nas práticas culturais que caracterizam esse espaço.

Como disse no início do capítulo, as relações de força em suas estratégias de poder produzem o que somos. O sujeito pampeano se estabelece numa trama de relações de poder, constituindo-se num movimento constante. O

¹⁹ Doma – ato de amansar; domesticar os animais.

CAMPO AFORA

História do Pampa

Pampa, a partir do final do século XVII, passa a ser um território de intensas disputas políticas e econômicas. Nesse solo, trago a doma como um exemplo de experiência estética que nos provoca a pensar no tempo. Há uma diferença de direção e objetivos entre o que o pampeano produz em doma a partir da intensificação bélica nessa região. Há, também, uma ligação direta de modificação na atuação em relação ao tempo, de como encará-lo no Pampa campo afora e no Pampa enquanto terras em disputa – políticas, econômicas, étnicas. Ou seja, a formação do sujeito pampeano está ligada às relações de poder aí estabelecidas e que produzem condições de possibilidades de uma estética ou outra. Os modos de produção de subjetividade implicam em experiências, formas de vida, formas de fazer as coisas e de pensá-las.

Então, pensar nessa produção de subjetividade no Pampa me faz, neste momento, querer problematizar a introdução, manejo e comercialização *ganadeira*.

O gado também é introduzido na região do Pampa a partir do século XVI. Sua procriação é enorme no século XVII, provocando novos comportamentos e configuração do ambiente. Como disse Estrada (1996) sobre *el ganado*, “*Debajo y dentro de su cuero se vivió*”, o gado foi base socioeconômica, condição de desenvolvimento político e, conseqüentemente, trouxe ou provocou motivos de disputas e peleias.

Es pues bovino, junto al caballo, el factor base, fundamental y definitivo para dar personalidad socio-cultural y económica a esta región, y más tarde, como consecuencia de ello, personalidad nacional o política. (ASSUNÇÃO, 1978, p. 95)

Com a introdução do cavalo e do gado, os hábitos foram transformados; o indígena, os espanhóis e *criollos*²⁰, os missioneiros, os paulistas e lagunistas, todos se emaranharam diante das condições que se apresentavam, modificando suas vivências, criando estratégias socioeconômicas e consolidando maneiras de viver nesse ambiente. Há uma máxima, conhecida como grito em peleias na

²⁰ Criollos – descendentes de espanhóis nascidos na América.

CAMPO AFORA

História do Pampa

região, que dizia “*aire libre y carne gorda*”. Como ressalta Assunção (1978), não é um simples *slogan* bárbaro ou arbitrário. Trata-se de um forte sentimento de integração ao ambiente e seu pertencimento – a abundância em carne e fertilidade de suas terras. Essa territorialidade e essa maneira de constituir-se e atuar em seu mundo fincam as raízes culturais do gaúcho a partir do século XVII. Esses homens, em sua vagância, se sentem mais soltos e procuram pela captura do gado. Pelos campos, vão se colocando em estratégias de sobrevivência, as quais ficam às margens no jogo das relações políticas e econômicas do período. Não estão fixados como os missioneiros, não se enquadram nas forças de defesa das coroas, não se colocam como comerciantes. Suas condutas não condizem com as regras da época, contudo, fazem ou exercem um papel que os vai definindo como cavaleiros e conhecedores da região, que ainda está a estabelecer-se política e economicamente. Assim, esses homens se tornam estratégicos no jogo de relações da época. Pelo conhecimento que têm da terra, pelo trato com o cavalo e pela captura do gado xucro criam um campo de possibilidades de atuação nas relações de força entre eles próprios, indígenas, missioneiros e colonizadores. Atendem ao chamado de sua época e, ao mesmo tempo, se conduzem à outra forma de atuação, tipo *aire libre*, como no dizer de Assunção (1978). Há uma necessidade da época, de impor-se nessas terras através de objetivos políticos e econômicos das duas coroas ibéricas. Esse gaúcho, nessas relações de força, se posiciona de forma peculiar, fazendo frente e saindo das normas comuns para época.

É em tal jogo de forças que vai se constituindo uma forma de ser gaúcho, um sujeito diferente e que vive solto pelos campos do Pampa. Sua resistência e perseverança na luta pela sobrevivência e domínio por essas terras chamam a atenção e criam uma maneira de domínio pelos campos. Ainda, essa maneira de ser vem incorporada aos jogos de poder da época, pois, mais tarde, vai ser acionada pelo modelo político e econômico da região do Pampa. A criação do gado se fundamenta pela importância econômica do couro e, depois, pelo desenvolvimento do ciclo econômico do charque. Sua força como contingente em lutas e disputas militares também vai ser valorizada. É um momento político

CAMPO AFORA

História do Pampa

de regras de funcionamento em combates, desavenças, perdas e incorporações de territórios. E é interessante mencionar o quanto nos dias de hoje temos entendido que o modo de ser gaúcho envolve características como bravura, valentia e resistência. Associado a isso, ainda temos o sentimento de liberdade, que é trazido em músicas, fotografias, cinema e literatura.

A terra e o sentimento de pertencimento a ela são expressados. Um modo de ser e estar, peculiar e local, foi se fabricando a partir de acontecimentos travados na vagância pampeana, caracterização presente ainda na atualidade. Conjunção das misturas étnicas, situação ambiental e introdução e procriação do gado cavalari e *vacum*. Para autores como Estrada (1996), a perseguição aos índios (antes de mais nada) era a desculpa para a “vagância”, era a oportunidade de fuga do modo de ser colonizador, a mesma fuga exercida pelo índio. O ibérico, que chegava por essas terras do Pampa, também buscava *aire libre y carne gorda*.

É nessa perspectiva genealógica de história – evidenciando as relações de poder – que vejo a possibilidade de discutir a liberdade, como nos fala Mizrahi, levando-nos a pensar na liberdade, ao trazer os ensinamentos de Foucault. Há, portanto, um atravessamento pelas relações de poder, no qual:

Compreender assim o poder como um modo de ação sobre outras ações, como uma tentativa de controlar essa amplitude de possibilidades que é a conduta dos outros, implicaria então como elemento fundamental a própria liberdade. Com isso, [...] existência de um campo rico, onde diversos embates podem acontecer: o sujeito pode minimamente se deslocar ou mesmo escapar do poder. Assim, estaríamos lidando não tanto com um antagonismo entre poder e liberdade, mas sim com uma relação de permanente incitação recíproca, chamada por ele [Foucault] de agonística. (MIZRAHI, 2010, p. 39)

Dessa maneira, penso no quanto houve de provocação permanente entre esses sujeitos que instituíam uma forma de viver nessas terras e as forças coloniais militares, políticas e econômicas. A agonística está no exercício em que se estrutura o campo de ação entre as forças que colocavam. É nesse jogo que o sujeito gaúcho foi se forjando.

CAMPO AFORA

História do Pampa

O século XVIII pode ser conhecido como o século do gaúcho. Foi nesse período que a associação entre o homem, cavalo e gado se intensificou (juntamente com as terras do Pampa) em disputas políticas com tratados, construção de fortificações e o crescimento econômico com o ciclo do couro.

Outros elementos podem ser trazidos para ajudar a compreender essa constituição de sujeito. Desde o século XVII, os Jesuítas desenvolveram – junto aos indígenas da região do Pampa, a serviço da Coroa Espanhola – as missões. Com o objetivo da conversão ao catolicismo, os padres jesuítas catequisaram e organizaram a ocupação e a economia da região. O comércio da erva mate e o manejo com o gado para alimentação e venda foram intensificados. As Missões desenvolveram um sistema de urbanização peculiar para o período, cada Missão possuía um núcleo urbano e rural muito parecido com a divisão espacial que temos até hoje.

Geopoliticamente, as missões encontravam-se em regiões disputadas pelas Coroas Portuguesa e Espanhola. Vários acordos e tratados políticos foram assinados na tentativa de organizar territorialmente essa região que, na verdade, era muito mais do que as localidades das Missões. Havia a disputa de um continente e suas riquezas. Para sua gente, cabia resignar-se e aceitar o momentâneo domínio político assumido ou, então, fugir. O exemplo da Colônia do Sacramento é ilustração para um palco de diversas disputas. A colônia foi fundada em 1680 pelos portugueses que tencionavam barrar o avanço dos espanhóis na região platina. Os espanhóis tinham essas terras por suas, e inúmeros conflitos e batalhas foram travados.

Durante os séculos XVII e XVIII, os Tratados de Madri, Santo Ildefonso e Badajós foram importantes e significativos. Oficializando terras e territórios, os tratados nem sempre contemplavam as populações onde eram definidos. Muitas vezes, provocavam a saída dessas pessoas de onde viviam, em função de uma Coroa ou de outra que, então, dominava politicamente o local. Essas disputas e guerras de interesses portugueses ou espanhóis provocaram registros de mobilidade populacional nesse período (PESAVENTO, 1997).

CAMPO AFORA

História do Pampa

Assim, é justamente nesses séculos de conflitos, batalhas e disputas que a figura cultural do gaúcho se firma. Percebo, no sujeito apresentado na foto de Fabini, um forte sentimento de conexão com a terra, sentindo-a onde pisa e ocupa. Essa ocupação, que até o século XIX definia esse tipo errante e nômade, constituía ao gaúcho um modo de ser aventureiro, o qual se ligava ao contrabando ou ao coureamento – atividades que o faziam integrante dessas terras, sem a preocupação pelas disputas políticas e comerciais, ou de posse sobre esse espaço. Às vezes, o exército era incorporado, fazendo parte das tropas e milícias relacionadas aos conflitos ou em missões esporádicas de cunho econômico, impulsionadas pelos proprietários locais que os contratavam para serviços de toda ordem. O entendimento depreciativo do lugar que esse gaúcho ocupava na cadeia social da região pampeana era significativo: um lugar de marginalidade, com a efetiva ocupação e divisão das propriedades rurais a partir do século XVIII. Nele, o sujeito deve se sujeitar, pois é quando o mundo da lei, a ocupação oficial da terra como propriedade e o trabalho regular passam a imperar.

Desse modo, será com o processo de cercamento dos campos, depois da metade do século XIX, que o sujeito gaúcho se provocará em achar um novo lugar no contexto do Pampa.

Apenas nos anos de 1870, as fazendas sul-rio-grandenses começaram a cercar-se; primeiro, com arame liso, a seguir, farpado, como o que ocorrera alguns anos antes nos campos uruguaios e argentinos. Salvo engano, também não há estudos monográficos sobre esse processo e suas importantes consequências sociais e econômicas.

O cercamento com arame de campos, invernadas, poteiros e currais, transformou em intruso o *gaúcho* errante que atravessava os campos indivisos abatendo gado para ter carne para comer e couro para vender. Expulso para sempre dos campos agora cercados, embretado na fazenda e no galpão miserável, concluíam-se a metamorfose do *índio gaudério* em peão assalariado pobre. (MAESTRI, 2003. Disponível em: <http://anovademocracia.com.br/no-13/1022-fazendas-cercas-e-legalidade>. Acesso em 16/5/2016).

Nas relações de poder colocadas pelas novas forças produtivas que surgem com os estancieiros, charqueadores e comerciantes locais, o gaúcho errante e caçador vai perdendo seu espaço aberto e livre. É incorporado como

CAMPO AFORA

História do Pampa

peão nessa nova estrutura fundiária; seguirá marginal, ocupando terras em disputa ou, ainda, procurando e ocupando o meio urbano.

Os traços culturais desse sujeito campeiro, dominador dos campos, domador dos cavalos, esperto no trato com o gado e pronto para enfrentar as adversidades da vida rural ainda são fortes e marcantes nos dias atuais. A relação com a terra (o campo) marca esse sujeito, como no dito que o fotógrafo Fabini nos proporciona no início deste texto. Golin (2004) discute o quanto a passagem de uma figura marginalizada à figura romântica e desejada tem raízes em modelos românticos europeus que inspiraram personagens na literatura do Pampa, assim como no mito, criado pelos Centros de Tradição Gaúcha e Movimento Tradicionalista Gaúcho, tão fortes e atuantes nos dias de hoje quando se trata do Pampa do Rio Grande do Sul, por exemplo. É, ainda, Golin (2004) quem nos ajudar a pensar sobre essas ideias, trazendo o exemplo do Movimento Tradicionalista Sul-rio-grandense, a partir do qual ele problematiza a incorporação do gaúcho sob a roupagem do tradicionalismo.

Nesse processo intelectualmente buscado entre a sustentação na memorialística e na normalização de uma identidade que fosse, ao mesmo tempo, individual e gentílica, está a robustez do tradicionalismo rio-grandense como mito e sua eficiência como dogma. Seus engendradores –muitos ainda vivos entre nós – abdicam da autoria, muitas vezes convencidos de que são realmente incorporações axiomáticas. Esse esquema relativamente simples funciona porque carrega consigo fragmentos emotivos do modo de vida real e imaginário dos sulinos. É campo fértil às fantasias e aos rituais garantidos por um robusto e intenso calendário de eventos, sustentado, em seus momentos grandiosos, por uma impressionante rede de comunicação moderna –televisões aberta e por assinatura, rádios, jornais, revistas e internet. Essa identidade, pois, está traçada e encravada no pau-de-fita do marketing. (GOLIN, 2004, p. 11)

Nessa situação, vemos um gaúcho idealizado por forças consideravelmente conservadoras e não necessariamente tradicionais. Pelas forças desses movimentos, vemos um gaúcho forjado no conservadorismo. Contudo, desde os primórdios que marcam o surgimento cultural do gaúcho até atualmente, é possível vermos, muito associada à figura desse ser, uma caracterização de natureza ligada ao campo e aos animais que estão mais

CAMPO AFORA

História do Pampa

próximos dele. Mesmo quando partimos do olhar crítico de Golin (2004) e observamos esse sujeito no atravessamento atual entre o urbano e rural, temos uma figura que vai se construindo sempre na idealização de um campo desejado e perdido, na figura de um gaúcho herói de batalhas e desbravador da terra, dos campos, da natureza.

É dessa forma que tento compreender o presente, indo para história. O sujeito gaúcho se constitui e constrói seu ambiente, atravessado pelas condições de possibilidade de seu próprio tempo, como um ser que se fabrica e é fabricado simultaneamente. É preciso visitar essa expressão cultural, em seu passado histórico, com o olhar atento do presente. Como o gaúcho tornou-se o que é? Sobre os olhos da história, busco entender a constituição desse sujeito e o discurso de natureza construído por ele, evidenciando os modos em que esse indivíduo do Pampa constitui suas relações de força, o que entende e percebe por natureza, entrelaçando passado e presente.

CAMPO AFORA
História do Pampa



BANDEIRA, 2013, p. 189.

CAMPO AFORA

História do Pampa

A imagem acima – de Debret, pintor francês, datada da primeira metade do século XIX – nos traz o gaúcho em seu cavalo, sua montaria, na lida com o gado, no seu aprisionamento e coureamento. Mais de um século depois, temos a fotografia de Zé Paiva, que também identifica o gaúcho como o ser no campo, no seu cavalo, na lida com o gado.

CAMPO AFORA
História do Pampa



PAIVA, 2008, os 140 e141.

CAMPO AFORA

História do Pampa

Um expoente cultural que se atualiza. Podemos, então, perguntar: como essa forma de ser e estar gaúcho, que vai se atualizando no tempo, percebe e produz a natureza? Busco o caráter contingente, não transcendental, do sujeito que vive no Pampa e fabrica esse discurso de natureza, entendendo que, ao mesmo tempo, o indivíduo se constrói nesse processo. Esse discurso de natureza que sujeita o sujeito, mas que, ao mesmo tempo, é construído por ele pode ser colocado em suspenso. Os discursos são invenções e, como invenções, se estabelecem em regimes de verdade.

São histórias que carregam as suas verdades marcadas por seu espaço-tempo. Histórias que me colocaram frente ao Pampa, ao campo e ao urbano, com suas vidas, numa perspectiva de movimento e construção, destacando, neste capítulo, a fabricação do sujeito gaúcho.

Apeiando

Apeio, uma parada para (depois da campeirada) fechar o que foi visto. Fui trazendo a figura do gaúcho no entendimento de que essa figura cultural se distingue no Pampa, se constrói nesses atravessamentos sociais, econômicos, políticos, ambientais. O gaúcho, para alguns autores apresentados aqui, caracteriza um ambiente e, ao mesmo tempo, entendo eu, o constrói. Portanto, com os acontecimentos discursivos trazidos neste capítulo, busquei problematizar a fabricação desse sujeito, sua relação com a terra, o cavalo, o gado, os acontecimentos políticos e econômicos, na tentativa de pensá-lo como sujeito contingente e não transcendental.

Aqui, tomei o sujeito pampeano – o gaúcho – como um sujeito discursivamente construído, sendo um resultado, um produto cultural. Lancei-me em uma história, numa perspectiva que entrelaça saberes e poderes, que evidencia sua própria fabricação enquanto sujeito, podendo, ao mesmo tempo, colocar em suspenso a sua história no Pampa e em como esse sujeito inventa e fabrica uma natureza. Assim, algumas condições de possibilidade são pensadas para a formação de um sujeito gaúcho. Trazendo a história, busquei estabelecer possíveis articulações para pensar a relação entre cultura e natureza.

CAMPO AFORA

História do Pampa

Neste fechamento, ressalto que, Lançar-me Campo Afora na História do Pampa, neste capítulo, veio na perspectiva de evidenciar esse sujeito gaúcho que se constrói em acontecimentos discursivos. Tomei e assumi como verdades alguns acontecimentos e, portanto, fui construindo esta narrativa, que propiciou um olhar para a história do Pampa e seu sujeito mais peculiar.

Dessa forma, indico a continuidade da leitura a partir das análises desenvolvidas com três enunciados. Houve o investimento em problematizações, provocando o pensamento e adensando conceitos. Sendo assim, com o aporte teórico e metodológico, mergulhando no material empírico, construí os seguintes enunciados: **“Uma Campeira Conexão/Uma Urbana Desconexão”**; **“Um Duplo Campeiro”**; e, **“Natureza-Tempo”** – apresentados nos três capítulos a seguir.

UNA GIRA

Mirando uma Dupla Posição do Humano no Pampa Frente ao
Campo e ao Urbano

CAPÍTULO 4

UNA GIRA

**Mirando uma Dupla Posição do Humano no Pampa Frente ao
Campo e ao Urbano**

UNA GIRA

Mirando uma Dupla Posição do Humano no Pampa Frente ao
Campo e ao Urbano

“Do chão não vou passar”,
costuma dizer o domador,
respondendo às chacotas
dos que pressagiam uma queda;
entendendo com isso
que para tudo há limite e que,
no final das contas,
o poder está em não se assustar ante ele.
“Da morte não vou passar” [...].
(GÜIRALDES, 1997, p. 235)

UNA GIRA

Mirando uma Dupla Posição do Humano no Pampa Frente ao Campo e ao Urbano

Introdução

Nos passos de Foucault, trago novamente a importância de pensarmos a constituição humana enquanto sujeitos de poder. Iniciando este capítulo, uso a passagem de Güiraldes, em *Dom Segundo Sombra* (1997), para impulsionar nosso pensamento nos processos em que transcorrem diferentes jogos de poder. Embora já tenha discorrido sobre isso, acho importante novamente sinalizar alguns elementos que permearão as análises aqui apresentadas. Focando em meu problema de pesquisa, “Como os fotógrafos e suas fotografias fabricam uma natureza pampeana na atualidade? ”, inicio com a fotografia de Fabini, a seguir.

UNA GIRA

Mirando uma Dupla Posição do Humano no Pampa Frente ao Campo e ao Urbano



FABINI, 2012, p. 48 e 50

UNA GIRA

Mirando uma Dupla Posição do Humano no Pampa Frente ao Campo e ao Urbano

Na foto, um grupo de homens sofrenam²¹ um cavalo, fazem esforço, envolvem-se estabelecendo diferentes forças em relação aos movimentos e reações do cavalo. As ações diante das forças e reações do animal podem ser rápidas e mais instintivas, além de mais organizadas e planejadas. É no jogo entre humano(s) e não humano(s) que se estabelece um vai e vem de forças. Analisando a constituição do sujeito, Foucault nos apresenta como seres constituídos de poder, em que forças são constantes e estão sempre em jogo, com maior ou menor intensidade. Temos, assim, jogos humanos que envolvem forças entre corpos individuais, coletivos e também forças de cunho subjetivo. Olhando de frente para o poder, sem o temer e ajustando o seu foco – a partir de Foucault – podemos metaforicamente repetir Güiraldes: “o poder está em não se assustar ante ele”, entendendo que o poder está para ordem da produtividade e assim, nos movimentando, impulsionando, transformando, transgredindo e, quiçá, criando possibilidades...

Este capítulo se debruça em análises que percorrem jogos de poder mergulhados na episteme moderna. Algumas verdades são aqui trazidas e evidenciadas a partir do material empírico da pesquisa. Nisso, discorro e problematizo sobre uma dupla posição do humano que se apresenta a partir do dito e do não dito da pesquisa. Sob o enunciado “**Uma Campeira Conexão/Uma Urbana Desconexão**”, eu trago este capítulo. Estabeleço uma *Gira*²² sobre modos de atuação do humano a partir do *corpus* discursivo deste estudo, notando uma dupla posição do humano, que se coloca fora da natureza e, quando vai ao campo, se faz contemplativo. No capítulo 2, já havia discorrido sobre um humano que se faz contemplativo ao falar de natureza. É um humano que é trazido como um sujeito urbano e que se dirige ao campo para conhecê-lo, determiná-lo, classificá-lo, desfrutá-lo e protegê-lo. Trata-se de um sujeito desconectado da natureza, fora e distante dela. Fazendo frente a ele, o material me mostra seu contraste: o campeiro, aquele que vive no campo e é destacado

²¹ Sofrenar – puxar, frear bruscamente um cavalo para sujeitá-lo.

²² Gira – “una gira”, expressão do espanhol. Ação de visitar; percorrer; viajar; conhecer. No Pampa, tal ação caracteriza-se por visitas e trocas de experiências sobre modos de atuação no manejo do campo e dos animais.

UNA GIRA

Mirando uma Dupla Posição do Humano no Pampa Frente ao Campo e ao Urbano

como conectado com a natureza. É o gaúcho do campo trazido pelo dito e não dito do material, como integrado a natureza.

Ainda, problematizo a dita natureza do “natural” e a invenção e necessidade das demarcações do “natural” em Áreas Protegidas. Conectados? Desconectados? Reconectados? Posições que podemos assumir diante de fabricações de natureza. Aqui, avanço nessa problematização procurando explorar o conceito de ética. Assim, foi fundamental beber mais uma vez em Michel Foucault, em sua estética da existência. Passos fundamentais para poder esclarecer e estimular, nesta tese, um entendimento de educação ambiental que se coloque num desafio constante de pensar seu próprio campo de saber, provocando caminhos de experiências possíveis.

Uma campeira conexão / uma urbana desconexão

O fotógrafo Zé Paiva organizou o livro *Natureza Gaúcha* (2008) com imagens a partir das demarcações de natureza em áreas protegidas, como as unidades de conservação no Rio Grande do Sul / Brasil. No livro, ele trouxe, também, algumas fotos em áreas não protegidas. Meu material empírico contou com tal livro sobre natureza gaúcha, contendo diferentes áreas protegidas dentro do Pampa e escritos do autor que faz sua apresentação. Além de Paiva, há um escrito de Rualdo Menegat e outro de Adriana Dias – doutor em ecologia da paisagem e doutora em gestão ambiental, respectivamente.

Viajei pelo estado entre julho e dezembro de 2007, percorrendo mais de 5000 quilômetros. Fotografei todas as unidades de conservação de proteção integral, estaduais e federais, duas unidades municipais e uma de uso sustentável, além de algumas áreas não protegidas, obtendo um total de mais de 15000 imagens. Privilegiei o olhar autoral, embasado numa construção poética, sem perder o olhar do naturalista amador, que curioso, observa plantas, os animais e as paisagens. [...] Tenho a pretensão idealista, ingênua talvez, de contribuir para a conservação da natureza. Apesar de calcar a espinha dorsal do roteiro nas unidades de conservação, não acredito que elas sejam suficientes. [...] Minha arte é ingênua. Busco o belo na natureza que ainda resiste ao ímpeto destruidor e consumista da humanidade. Ao mesmo tempo é um grito de desespero sufocado pelas lentes mudas da câmara. Impotente ante a devastação do planeta a que estamos assistindo, fotografo compulsivamente, na esperança de alertar a espécie humana. [...] (PAIVA, 2008, p. 12)

UNA GIRA

Mirando uma Dupla Posição do Humano no Pampa Frente ao Campo e ao Urbano

Neste dito, retirado da apresentação do livro do fotógrafo acima, notamos um interesse pela natureza. Ele quer fotografar o belo, quer o belo ainda não destruído pelo homem/mulher moderno(a) e, assim, fazer um alerta: o alerta pela conservação, mesmo considerando sua arte ingênua frente “ao ímpeto destruidor e consumista da humanidade”. As unidades de conservação²³ têm esse objetivo de conservação, preservação, estudo e estímulo para a manutenção de espaços com seus elementos: são criações modernas, são invenções que caracterizam a humanidade e sua apropriação e cuidado com o que fabrica por natural.

Considero importante o interesse de Paiva pelas unidades de conservação. O fotógrafo busca uma natureza que já está identificada e localizada nos limites desses parques, estações, reservas, refúgios e áreas de proteção. É um modelo de natureza buscado. É uma natureza “necessária”, revelada na força do registro fotográfico e na tentativa de estimular sua manutenção. Essa força de um modelo de natureza *a priori*, como nos lembra Godoy (2000), é recente e se faz bastante potente em tempos de modernidade.

Ao longo dos últimos séculos, o ser humano vem inventando outras expressões diante do que toma por natureza. Após a revolução industrial, o funcionamento humano modificou-se rapidamente e de forma bastante diferente do que até então havíamos vivenciado. Como se discutiu no capítulo 2, nossas relações sociais, relações com o trabalho e com a organização do espaço trouxeram funcionamentos diferentes e que desafiam nossos entendimentos organizacionais. Tornamo-nos mais urbanos e nossa percepção de natureza no ocidente foi trazendo novas formas de relacionar-se com o que passamos a significar de natural.

Hoje, temos na agenda de governos e sociedade civil organizada um temor pela perda do natural, algo que captura e se faz hegemônico em diferentes

²³ Unidades de Conservação – são áreas protegidas: “[...] área definida geograficamente que é destinada, ou regulamentada, e administrada para alcançar objetivos específicos de conservação.” (BRASIL, 2017). Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/decreto/d5758.htm. (Acesso em 26/10/2017).

UNA GIRA

Mirando uma Dupla Posição do Humano no Pampa Frente ao Campo e ao Urbano

partes do planeta. Verdades de um tempo, de nossa modernidade e assumidas de diferentes maneiras. Zé Paiva nos traz as áreas protegidas como uma possível solução para com o “ímpeto destruidor” que a humanidade moderna apresenta ao natural.

Observa-se que à criação dessas áreas correspondeu não só a invenção de uma natureza, mas também a invenção dos domínios explicativos capazes de descrevê-la e, neste processo, coloca-la em movimento. Conectando os mais diversos elementos, jogando-os de um domínio a outro forma-se uma rede na qual as linhas e os itinerários se sobrepõem e as áreas de proteção correspondem aos pontos de fundação, de enraizamento de uma cultura. A idéia de preservar áreas em proveito das populações urbanas, ou ainda a idéia de protegê-las do avanço da civilização, só adquire forma – passando a fazer parte, então, do conceito de áreas protegidas – no início do século XX, quando o projeto de “terra livre” é definitivamente abandonado. (GODOY, 2000, p. 130) [grifo da autora]

Diante do que toma por natural, no “ímpeto destruidor e consumista da humanidade” (como disse Paiva), acima, temos o estrago e a extinção; e, também, o desafio de pensar sobre a operacionalização sobre ela. Ainda, com Godoy,

O que está em jogo não é a ocupação do espaço em lugar propriamente humano. Tal definição – do que é propriamente humano – cabe simultaneamente à ciência e ao Estado, que irão dispor sobre a humanidade dos coletivos pela sua associação com certas espécies de plantas, certas práticas, e com as formas utilizadas na sua produção e consumo. (GODOY, 2000, p. 133)

Ou seja, a natureza vai sendo inventada a partir do lugar que estabelecemos para ela e a partir da posição que assumimos diante dela. A interação humana com os diferentes elementos desse lugar se torna classificável e hierárquica através da voz da ciência que qualifica modos de agir. Isso é, então, um modo moderno de existir, no qual vamos estabelecendo a necessidade de proteção pelas lentes da ciência. Paiva, ainda no seu dito acima, se coloca ingênuo diante desse desafio. Traz sua arte como ingênuo, suas lentes mudas e ele gritando através delas... há um objetivo de que a fotografia possa apresentar-se como uma maneira de reverter ou minimizar as destruições que

UNA GIRA

Mirando uma Dupla Posição do Humano no Pampa Frente ao Campo e ao Urbano

ocorrem na natureza. A fotografia revelaria o que *ainda* temos de natureza e, assim, Paiva reforça a importância das demarcações em áreas protegidas. Também, como também nos diz Celine Frers:

Vendo tudo, o que penso do sentido pedagógico é que já está implícito em minha mensagem, e que as pessoas comecem a valorar tudo isso. [...] temos que trazer todo esse valor, essa admiração pela natureza, pelo virgem, e ao selvagem que se transmite pela fotografia” (FRERS, 2017, entrevista).

A fotografia, pela visão dos fotógrafos, pode nos ensinar o que é natureza e onde está essa natureza que é destruída pelo humano. O humano aparece como o devastador. E, aqui, a fotografia vai aparecer como ferramenta de “conscientização”. Como disse a fotógrafa acima, a expectativa é de que a partir das fotos as pessoas possam valorar mais a natureza. Pergunto-me: que natureza? Aqui, a natureza é dada como natural e virgem, ou mais virgem porque está no campo, no Pampa – ainda pouco modificado pelas atividades humanas. Lembro Ranciere (2012, p. 14), que diz: “A imagem nunca é uma realidade simples”. Para o autor, as imagens são operações e, como tais, estão entre o dizível e o visível,

Formas visíveis propõem uma significação a ser compreendida ou a subtraem. Um movimento de câmara antecipa um espetáculo e descobre outro, um pianista inicia uma frase musical “atrás” de uma tela escura. Todas essas relações definem imagens. Isso quer dizer duas coisas. Em primeiro lugar, as imagens da arte, enquanto tais, são dessemelhanças. Em segundo lugar, a imagem não é uma exclusividade do visível. Há um visível que não produz imagem, há imagens que estão todas em palavras. Mas o regime mais comum da imagem é aquele que põe em cena uma relação do dizível com o visível, uma relação que joga ao mesmo tempo com sua analogia e sua dessemelhança. Essa relação não exige de forma alguma que os dois termos estejam materialmente presentes. O visível se deixa dispor em tropos significativos, a palavra exhibe uma visibilidade que pode cegar. (RANCIERE, 2012, os, 15 e 16)

Assim que as fotografias trazem, provocam, operam relações e percepções. Tencionando esse modo de olhar para natureza como frágil e virgem, procuro pensar nessas invenções em sua constituição, procurando problematizar como fomos nos tornando apartados e devastadores/colaborativos

UNA GIRA

Mirando uma Dupla Posição do Humano no Pampa Frente ao Campo e ao Urbano

e protetores. Há sempre uma dualidade que vai sendo reforçada: ou estamos destruindo ou estamos protegendo e, ainda, mesmo sendo trazido como protetor da natureza, o humano é colocado fora dela.

O fotógrafo Fabini nos ajuda a pensar sobre isso e, também, ressalta a importância das áreas de preservação,

[...] temos que proteger essas áreas... não somente a cultura... há praticamente a natureza, e tudo que tem, que deve ser protegido. Ou seja, há lugares, como o Canadá, por exemplo, nos anos em que estive por lá, há fundações que compraram ranchos²⁴, e encontraram terrenos comum com os cowboys. Ou seja, compraram essa terra para que essa terra esteja protegida... 30 mil hectares protegidos. Para que não, para que não seja possível vendê-la para caça. Então, este pedaço de terra, a compraram, a protegeram e a devolveram para os cowboys. Quiseram uma associação. Esta terra que devolveram aos cowboys, a única condição é que não podem vender, não podem permutar, não podem dividir... então, há 30 mil hectares protegidos... De natureza... e animais nativos que estão sendo protegidos por isso. Isto sim! Me parece interessante. Algo que... que... sempre temos que encontrar pontos em comum, sempre trato de dizer que no lugar de buscar as diferenças que temos, tentemos buscar o que temos em comum. Pelo bem de... de... não do individual, mas sim, do geral, do planeta, não? Mais que nunca... Por isso, digo que sempre termina sendo uma colaboração... temos que encontrar de que forma vamos colaborar... de que forma grupos antagônicos podem trabalhar juntos... então, que... que... nos leva, como seres humanos, a colaborar, e a proteger o que inevitavelmente se está destruindo...

[...] há uma destruição nossa, uma destruição pessoal... como seres humanos, temos que colaborar, proteger o que estamos destruindo... (FABINI, 2017, entrevista)

Mais uma vez, o humano como protetor e/ou destruidor; a dualidade colocada e afirmada, uma dualidade que reforça natureza e cultura como distantes e separadas; a natureza dada como fora do humano e como algo que precisa ser recuperada depois da destruição que esse humano provoca. Fabini nos traz o exemplo de algo ocorrido no Canadá e que ele considera interessante para ser levado a outras áreas pelo mundo, inclusive no Pampa. “Buscar o bem do planeta”, pela colaboração, pela proteção. Áreas que ficam legalmente protegidas contra a caça, como nos disse...

²⁴ Rancho – Fazendas; área rural demarcada e normalmente de uso agrícola ou pecuário.

UNA GIRA

Mirando uma Dupla Posição do Humano no Pampa Frente ao Campo e ao Urbano

Aqui, podemos comentar algumas diferenças entre as áreas de proteção. Todas devem ser amparadas legalmente, contudo, esses marcos legais dispõem diferentes operacionalidades. Alguns são extremamente restritivos, outros mais tolerantes. No exemplo de Fabini, temos a criação de áreas que permitem não só a atuação humana indireta, mas também a continuidade de suas relações produtivas de trabalho.

Que valores temos aí incorporados? Como nos tornamos seres que “gritam” pela preservação, seguindo o que Paiva nos apresenta? E, seguindo Fabini, “temos que proteger o que inevitavelmente estamos destruindo”? Parece-me óbvia a resposta: Sim, temos de proteger! Mas, para além do óbvio, a provocação que me permito seria pensarmos que estratégias estão aí colocadas. Como produzimos essas relações? Vamos “fechar” a natureza em áreas protegidas, como unidades de conservação e, assim, teremos resolvido os drásticos problemas de destruição e extermínio? Que posições de sujeito assumimos a partir disso?

As unidades de conservação são apresentações atuais da ciência como uma promessa de redenção possível. Afirmam a existência de uma única natureza: aquela que deve ser protegida; um real: aquele que fornece os fatos que sustentam a explicação científica; um mundo: formado pela identidade com essa promessa. Elas estabelecem assim uma natureza genérica contraposta a indivíduos genéricos que, separados das condições que os suportam, tornam-se “idéias”, objetos da explicação científica, a qual procura, para além deles, uma verdade, a única verdade, remetendo-os a um mundo, a uma natureza, de onde seriam originários. (GODOY, 2000, p. 136)

Essa mesma modernidade que se mostra como destruição também se mostra como ciência. Um discurso forte e potente, que pode indicar como atuarmos diante do natural. A ciência se coloca como uma das verdades mais hegemônicas da modernidade. A ciência que identifica e classifica o natural (e também mapeia) é a mesma que “fecha” esse natural em limites determinados como as unidades de conservação: ou seja, pelos padrões científicos, nos organizamos em modos de atuar sobre esse natural, o qual passa a ter configurações pré-determinadas.

UNA GIRA

Mirando uma Dupla Posição do Humano no Pampa Frente ao Campo e ao Urbano

Tais considerações me remetem, também, aos antigos viajantes e naturalistas dos séculos 18 e 19, que percorreram o Pampa. Saint-Hilaire, Nicolau Dreys, Arsène Isabelle e Avè-Lallemant foram alguns deles. Já, nesse período, havia a tentativa de apropriações do natural pelos padrões científicos da época. Temos narrativas, desenhos, pinturas, mapas, delimitações, documentos de diversos tipos que trouxeram a tentativa e o objetivo de conhecimento dos lugares por onde passavam. Isso é o que venho relacionar a Paiva, quando diz que busca a natureza que ainda existe e a fotografa na esperança de frear a destruição. Frers também nos diz que “as fotografias podem ensinar, por um lado mostrar. Porque a maioria das pessoas não conhecem tudo [...] mostrar que as coisas existem [...] há um lugar de carinho e admiração na fotografia” (FRERS, 2017, entrevista).

Lembro que Paiva percorreu fotografando diferentes áreas protegidas e focando seu olhar como um naturalista amador. Para isso, percorreu uma grande extensão de Pampa e fica inevitável não o aproximar dos objetivos dos viajantes e naturalistas dos séculos 18 e 19. Ele mesmo faz a ligação, “privilegiei o olhar autoral, embasado numa construção poética, sem perder o olhar do naturalista amador”. É um modo de ser naturalista que se atualiza? Modos de fazer ciência que se atualiza? Lembro que os naturalistas dos séculos anteriores objetivavam conhecer e registrar os elementos encontrados em viagens e expedições, como no exemplo sul-americano abaixo:

O que se percebe nesse período é um interesse comum entre as nações estrangeiras e a nova metrópole que se ergue nos trópicos: conhecer o Brasil. Interesses externos e internos convergem e se materializam na busca pela possibilidade de conhecer o País de fato, para melhor poder explorar suas ‘riquezas’. Para tal projeto, um novo e vasto corpo de técnicos, de instrumentos, de conhecimentos se faz necessário. Segundo Leite (1999a), D. João VI precisou de técnicos, cartógrafos, geólogos, mineralogistas, geógrafos, botânicos, zoólogos, etnólogos, enfim, de pessoas com formação especializada que pudessem, através de seus estudos, organizar e compor “os argumentos científicos necessários capazes de, ao nível de exigência dos europeus e na língua das principais potências, revelar a importância do País” (AMARAL, 2003, p. 112) [grifos da autora]

UNA GIRA

Mirando uma Dupla Posição do Humano no Pampa Frente ao Campo e ao Urbano

O que se soma na atualidade aos “naturalistas”, mesmo amadores, como se autodenominou Paiva, é uma função de proteção e manutenção ao que é encontrado – função ou atividade que vem sendo exercida sistematicamente. Arrisco-me a dizer que alguns fotógrafos vêm atuando dessa forma em diferentes lugares do planeta. Mas aqui, na tese, me detenho a explorar o que está sendo dito por Paiva. Há uma necessidade apresentada por ele, no sentido de lutar pela preservação e, mais que isso, aliar ciência e arte. Associar sua arte fotográfica aos objetivos de uma ciência que busca desvendar a natureza, protegê-la e preservá-la.

[...] Então, a ideia é essa de unir arte e ciência no mesmo trabalho. E, aí, no livro natureza gaúcha... esses livros, a ideia é sempre (em todos os três), é fotografar, me pautar pelas unidades de conservação, de proteção integral, geralmente, mas... eu acabo incluindo assim... eu incluo também... alguns lugares que não são... umas áreas que não são protegidas... eventualmente, alguma unidade de conservação que é municipal, enfim, mas... são unidades de conservação, principalmente... e aí, no Rio Grande do Sul, eu acabei passando pelo pampa... e aí, me voltou essas memórias de infância, essas temporadas na chácara, na estância, outros lugares que eu tive, outras estâncias que eu tive visitando... estâncias de amigos ou de parentes, então me voltou essas memórias do pampa... como um flashback assim sabe... e aí, nossa... eu me dei conta, como eu era, e como sou ainda apaixonado pelo pampa... então eu tenho esse projeto ainda, por realizar que é um projeto sobre o pampa, que chama o DNA do Pampa, [...]. (PAIVA, 2016, entrevista)

Ou ainda:

[...] aí eu criei o projeto. Vamos fazer um projeto sobre... comecei a fazer um projeto sobre ... parque de Santa Catarina... aí surgiu essa ideia da expedição, que é muito inspirada nos naturalistas do século XVIII, então eu, por exemplo, eu li o livro do... No século XVIII houve uma profusão de naturalistas. E aí eu achei muito bacana essa união de arte e ciência que essas expedições tinham... eles levavam artistas, [...] levou em diferentes momentos, levou, um holandês, que eu esqueci o nome, que foi na primeira etapa, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas eu acho, e depois, ele, quando, subiu o rio Tapajós e o Madeira, ele dirigiu a expedição, [...] e acho muito bacana essa união de artistas que tem um olhar, o seu olhar artístico, mas que tem uma preocupação em retratar e desenhar por exemplo, detalhes anatômicos p ajudar numa identificação de espécies de plantas e animais... nas etnias... Então, essa visão da expedição foi que me inspirou a fazer esse primeiro livro... chamado expedição. E acabei fazendo uma série de livros. Tem expedição natureza gaúcha, natureza Tocantins... [...]. (PAIVA, 2016, entrevista)

UNA GIRA

Mirando uma Dupla Posição do Humano no Pampa Frente ao
Campo e ao Urbano

As fotografias abaixo, que resultam dessa expedição Natureza Gaúcha, podem demonstrar alguns dos resultados imagéticos desse trabalho de Paiva.

UNA GIRA

Mirando uma Dupla Posição do Humano no Pampa Frente ao
Campo e ao Urbano



PAIVA, 2008, p. 105.

UNA GIRA

Mirando uma Dupla Posição do Humano no Pampa Frente ao Campo e ao Urbano



PAIVA, 2008, p. 108.

UNA GIRA

Mirando uma Dupla Posição do Humano no Pampa Frente ao Campo e ao Urbano



Foto de Ze Paiva/Vista Imagens

PAIVA, 2008, p. 58 e 59.

UNA GIRA

Mirando uma Dupla Posição do Humano no Pampa Frente ao Campo e ao Urbano

Pelas fotografias, observamos a intenção de Paiva de mostrar as espécies animais e vegetais que vivem nos ambientes das unidades de conservação. Os humanos pouco aparecem nas fotos do livro e, nestas acima, não estão presentes. As fotografias são significativas para marcar o que Paiva explicou de seu trabalho e também me leva a pensar no quanto o humano está distante do que é apresentado como natureza. Os humanos participam olhando as fotos, talvez podendo participar de alguma “expedição”... mas, não temos o humano presente com a mesma força e intensidade desses outros animais e vegetais. No entanto, o humano (que está vendo a foto) está aprendendo com ela. Como foi apresentado no capítulo 1, um discurso de natureza é constituído por um campo discursivo e, a partir dessas fotografias como forças não discursivas, vemos uma regularidade interessante que acredito que nos constitua e atualize nossas percepções de uma natureza no Pampa.

Percebo que, nessa construção imagética, o humano está apartado da natureza e, talvez, isso venha evidenciar o que aponte anteriormente. Ou seja, como sujeitos de uma modernidade, eles se fazem apartados do que hegemonicamente tomam por natureza. Assim, gostaria de reforçar e sustentar melhor este ponto de vista.

A predominância do humano sobre todas as coisas e criaturas do mundo tem seu marco filosófico moderno fundamental no pensamento de Descartes. Mas se nosso intuito é compreender este momento, precisamos nos voltar para os próprios antecedentes do pensamento cartesiano. Os antecedentes históricos da filosofia de Descartes podem ser encontrados naquilo que de um modo geral e não muito preciso chamamos de humanismo. A predominância do humano inicia-se com brilho e sofisticação. O humano, colocado em posição de subserviência a Deus durante toda a Idade Média, começa a dar indícios de insatisfação. É no mundo renascentista que vamos encontrar os primeiros anúncios desta mudança. Vai ser em nome do humanismo que o Homem começa a romper com a velha ordem. É o próprio Homem o grande organizador da ruptura e esta se dá de um modo múltiplo e complexo, na arte, política, religião e filosofia. (GRÜN, 1996, p. 24)

São os humanistas que vão examinar criticamente, no período do renascimento no ocidente, o funcionamento da natureza, dos homens e das relações estabelecidas. Há uma busca por tomar seus destinos, organizá-los e

UNA GIRA

Mirando uma Dupla Posição do Humano no Pampa Frente ao Campo e ao Urbano

determiná-los. As explicações teocêntricas do período medieval vão sendo questionadas e uma nova mentalidade vai se destacando. Uma mentalidade que se via como herdeira direta da antiguidade clássica, reafirmando a cultura greco-romana. Houve, assim, uma grande mudança no campo das artes, filosofia, ciência e literatura, como disse Grün (IBIDEM).

Todas essas mudanças, ou eclosão de movimentos artísticos, culturais, filosóficos e científicos caracterizam transformações entre os séculos XIV e XVI, que enfatizavam a cultura laica, racional e científica – o que passa a evidenciar, mais tarde, nos séculos XVII e XVIII, um movimento de ideias chamado iluminismo que, na esteira do renascimento, aponta para a universalidade, a individualidade e a autonomia como princípios básicos. Aqui, nos interessa pensar como fomos nos constituindo, no ocidente, a partir dessas grandes insígnias. Ou melhor: de que forma alguns emblemas, a partir do renascimento, se fizeram fortes, inseridos em relações de poder e saber, em um vai e vem constante de forças discursivas que foi se constituindo em ideias de natureza que podem estar atualizadas, hoje, no discursivo e não discursivo desta tese.

Dois grandes emblemas modernos podem ser lembrados e caracterizam muito essas mudanças: Fortuna e Occasio. O primeiro, sob o símbolo de uma mulher em um barco, a deusa romana da esperança e do acaso, com timão e vela, geralmente de olhos vendados, pois distribuía seus fins aleatoriamente. Era o destino, acaso ou sorte. No caso de Occasio, temos a transformação da fortuna em ocasião, o acaso em oportunidade. As figuras abaixo ajudam a ilustrar o que apresento. Fortuna foi uma figura que esteve no imaginário medieval e foi perdendo espaço para Occasio, que melhor passou a representar o imaginário da modernidade e suas transformações.

UNA GIRA

Mirando uma Dupla Posição do Humano no Pampa Frente ao Campo e ao Urbano



KUNTZE, 1754. A FORTUNA, com os olhos vendados.

UNA GIRA

Mirando uma Dupla Posição do Humano no Pampa Frente ao Campo e ao Urbano



BEHAN, 1541. FORTUNA, 2017

UNA GIRA

Mirando uma Dupla Posição do Humano no Pampa Frente ao Campo e ao Urbano



MANTEGNA, cerca de 1500 - OCCASIO E POENITENTIA, 2017.

UNA GIRA

Mirando uma Dupla Posição do Humano no Pampa Frente ao Campo e ao Urbano

Quando nos detemos em Occasio, vemos que, a partir do renascimento, o simbolismo dessa mulher passa a ser um modelo de ocasiões a serem criadas e não desperdiçadas. Uma mulher que corre, uma mulher que deve ser olhada de frente... Olhar de frente e enfrentar as oportunidades, pois, olhando-a de trás e perdendo as oportunidades, veríamos a “calvície”, veríamos a perda, ou as perdas. Era preciso correr sem medo das oportunidades e correndo num tempo novo, mais veloz e cheio de descobertas. Assim se fez o renascimento, como dizia Grün (IBIDEM), no rompimento, na ruptura com a velha ordem, surgindo, assim, outras formas de se relacionar. O humano ocidental estava passando por mudanças bastante fortes que trouxeram transformações consigo, no social e ambiental – transformações sustentadas pelo classicismo, com a retomada dos valores da antiguidade; a valorização dos prazeres terrenos e do corpo; o naturalismo, com o domínio do homem sobre a natureza, levando a um racionalismo; o antropocentrismo, no qual o homem passou a colocar-se como o centro do universo. Ainda com Grün, referindo-se a esse período,

[...] A natureza não tem mais um tempo que lhe seja próprio, com seus ciclos e suas relações de ecodependência de cadeias tróficas. O tempo da natureza passa a ser o tempo da racionalidade humana. A natureza é mercantilizada. Tempo, negócios e natureza passam a andar juntos. Relações de mercado, natureza e lógica temporal antropocêntrica passam a formar um sistema complexo de inter-relações. De agora em diante, “tempo é dinheiro” – eis o novo lema. (GRÜN, 1996, p. 25)

A Fortuna perde espaço, perde força, perde atuação. O mundo moderno investe em oportunidades e não mais na sorte e acaso. O investimento passa a ser o de criar ocasiões e situações que fortaleçam a atuação humana sobre seu mundo. A natureza e parte da humanidade passa a ser utilizada pelas ocasiões que a Europa ocidental cria e investe. Há jogos e estratégias de saber e poder que lançam e constituem uma história iluminista que se espalha em modelos de estrutura colonial, escravocrata, mercantil, industrial. A partir dos séculos XVI e XVII (principalmente), essa influência toma corpo e chega aqui na América, como Occasio, ou ocasião a ser aproveitada.

UNA GIRA

Mirando uma Dupla Posição do Humano no Pampa Frente ao Campo e ao Urbano

Essa nova construção de espaço-tempo (que foi se configurando e apresentando modos de existir que inicialmente se apontavam no ocidente), mais tarde, com o processo de globalização e mundialização, foi se espalhando pelo planeta. Interessa-me pensar sobre esses modos e sua implicância em fabricações de natureza. Aqui, no ocidente, após o renascimento e com o iluminismo, tivemos esse campo de ideias e transformações espalhados, além da vinda, para o Pampa, dos naturalistas citados – como Saint-Hilaire; Nicolau Dreys; Arsène Isabelle; e Avè-Lallemant – nos séculos XVIII e XIX, configurando um pouco dessas intenções de apropriação e domínio pelo natural. Dessa maneira, sustento isso como apropriação e domínio do natural, como nos mostra Grün (IBIDEM), pois a racionalidade humana passa a direcionar “o tempo” e o “espaço” numa construção de natureza até então não experimentada. A racionalidade científica, nesse contexto, se mostra como *occasio* que não pode parar...

Trago Veiga-Neto (1996) para discutir essa nova atuação humana em tempos modernos sustentados a partir de movimentos renascentistas e iluministas. O autor nos lembra de que essa dita separação entre o homem e o mundo já era encontrada em Sócrates e que Descartes, com sua busca na providência divina para o “sopro” de Deus, para o cogito ou matéria pensante, torna-o senhor da natureza. É aí que Veiga-Neto aponta seu interesse para discutir as raízes desse afastamento entre as pessoas e o resto do mundo, como construção do pensamento ocidental.

[...] ao invés de ver a fonte dos problemas na fragmentação que a racionalidade cartesiana impôs ao objeto, penso que, se podemos atribuir à ciência “os maus usos que dela se fazem – o que por si já é problemático -, a fonte disso deve ser procurada muito mais do lado da separação cartesiana entre a *res extensa* e a *res cogitans*” [...] na medida em que foi essa separação que fundamentou o nosso afastamento em relação ao resto do mundo. [...] esse afastamento nos deixa sem compromisso com o destino de tudo o que nos cerca, incluindo aí até os outros homens e mulheres, de modo que ou não temos consciência dos males que um tipo de conhecimento fundado nessa separação pode causar à nossa volta, ou não vemos como problemáticas as relações que esse conhecimento estabelece com o mundo à nossa volta. (VEIGA-NETO, 1996, p.3)

UNA GIRA

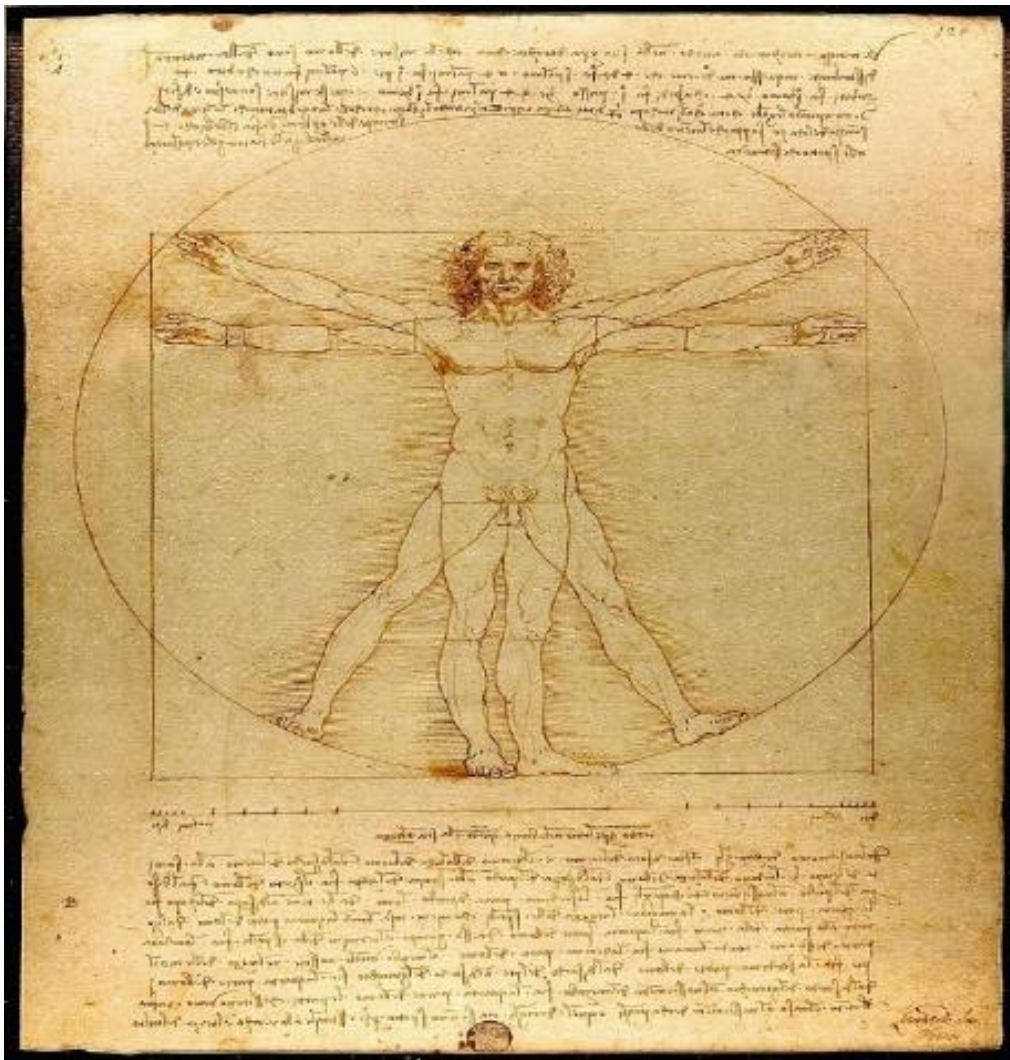
Mirando uma Dupla Posição do Humano no Pampa Frente ao Campo e ao Urbano

Adotando o que o autor nos traz podemos pensar que a racionalidade científica se faz por esse modelo de pensamento: ou seja, na separação entre a *res cogitans* e *res extensa*, está nosso afastamento, enquanto pensantes, do resto do mundo. Somos constituídos por uma dupla dimensão, matéria e pensamento. É ainda Veiga-Neto que aponta, também, para o cuidado com as análises de atuação moderna para além de uma racionalidade puramente científica, que simplesmente atuaria como vilã. Porém, como invenção humana, pode ser problematizada e analisada e, como construção histórica, construímos e inventamos o que tomamos por modernidade, por ciência, por natureza, imbuídos na separação entre *res extensa* e *res cogitans*.

É o homem que tenta direcionar a Fortuna e aproveita o occasio. Separa-se do restante do mundo e, como diria o renascentista Leonardo da Vinci, o homem é o modelo do mundo (Grün, 1996, p.27). Vai construir seu mundo a partir das explicações racionais e se colocando como figura central em suas propostas e construções. A posição do homem diante do universo a partir das visões teocentristas é substituída pelo humanismo antropocêntrico que aproveita todas as ocasiões e oportunidades (occasio) para conduzir o seu destino.

UNA GIRA

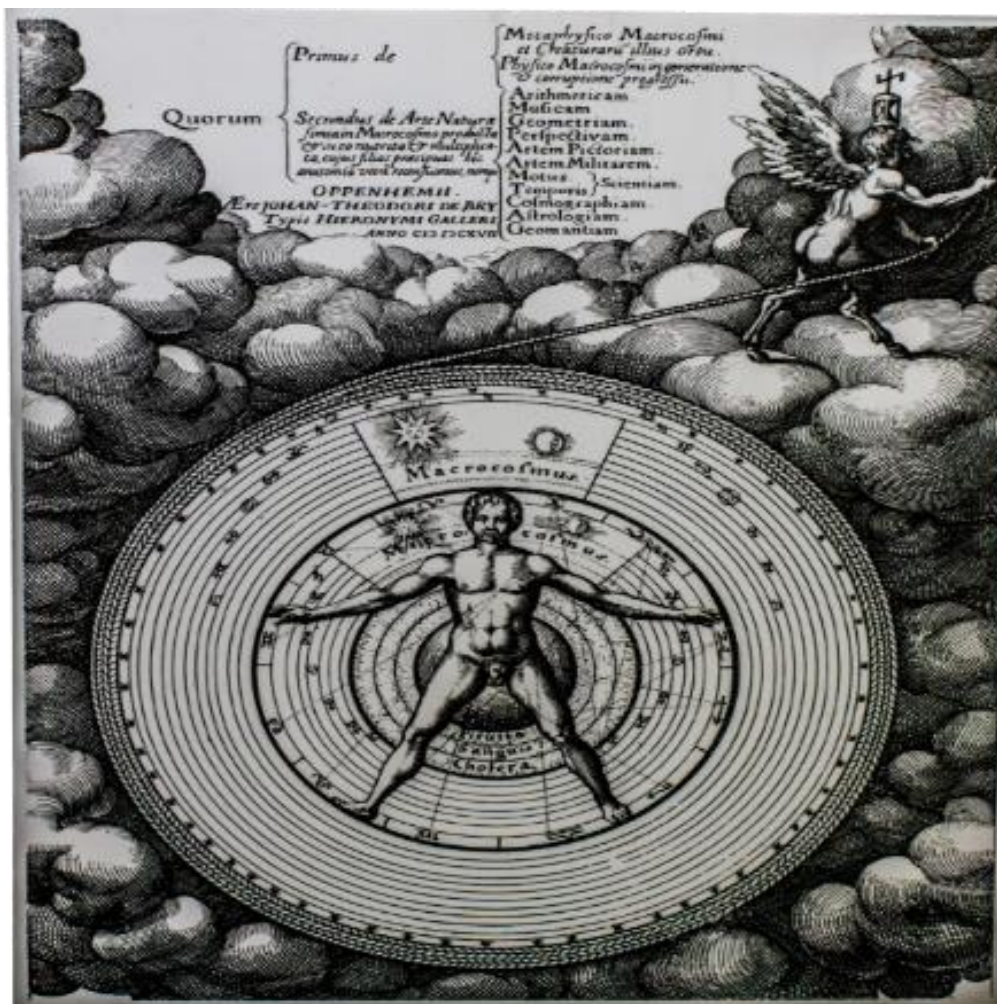
Mirando uma Dupla Posição do Humano no Pampa Frente ao Campo e ao Urbano



VINCI - 1490, 2017

UNA GIRA

Mirando uma Dupla Posição do Humano no Pampa Frente ao Campo e ao Urbano



FLUDD – 1617/19. Homem Vitruviano, 2017.

Estas ilustrações acima, de Da Vinci e Fludd, personificam o homem antropocêntrico renascentista que, para além das místicas e religiosidades, procurava colocar-se como central perante o universo. A proporcionalidade, a perspectiva, as expressões e o sexo passam a ser evidenciados.

UNA GIRA

Mirando uma Dupla Posição do Humano no Pampa Frente ao Campo e ao Urbano

[...] os seres humanos procuram por um centro. Este Homem “moderno” e “universal” que está surgindo é orgulhoso de si e procura reordenar as lacunas deixadas pela teologia medieval por intermédio de si mesmo. Ele é um Homem de virtù, dotado de capacidade de interferir no curso dos acontecimentos. (GRÜN, 1996, p. 33)

Na esteira dessa modernidade que surgia e se fez potente, muitas mudanças ocorreram. Os homens de virtù, nas relações de força estabelecidas, se fazem como sujeitos modernos, inventando formas de se relacionar entre si e com o mundo. No afastamento do sujeito com o mundo, a postura antropocêntrica se faz como dominante perante tudo - é se afastando que esse sujeito pôde dominar. Como nos ensina Grün (IBIDEM), é no racionalismo cartesiano científico que esse sujeito se calça. Assim, percebe-se, posiciona-se fora de uma natureza, uma natureza que está, por exemplo, nos limites de áreas protegidas. É um sujeito que preserva, querendo conservar a importância científica do mundo natural e se dedicando à natureza. Fabini ainda nos deu pistas para pensarmos numa forma de relação mais imbricada com o natural sugerindo, para o Pampa e sua natureza, áreas de proteção que incluam ou mantenham as atividades humanas que aí possam se desenvolver. O fotógrafo uruguaio e a fotógrafa argentina, Celine, nos trazem, em seus não ditos, um Pampa que se encontra fora dos limites de áreas protegidas.

Contudo, importante lembrar que o material imagético dos três fotografos identifica e registra naturezas no campo, no rural, na lida campeira do gaúcho – como exemplifico nas quatro fotos abaixo. Nenhum dos três fotografos registra uma natureza que possa ser do Pampa ou do gaúcho em áreas mais urbanas. Quando o urbano aparece, surge, através dos ditos, dicotomizando esse ambiente rural enquanto um espaço de muitas transformações e destruição da natureza.

UNA GIRA

Mirando uma Dupla Posição do Humano no Pampa Frente ao Campo e ao Urbano



FRERS, 2012, ps. 80 e 81.

UNA GIRA

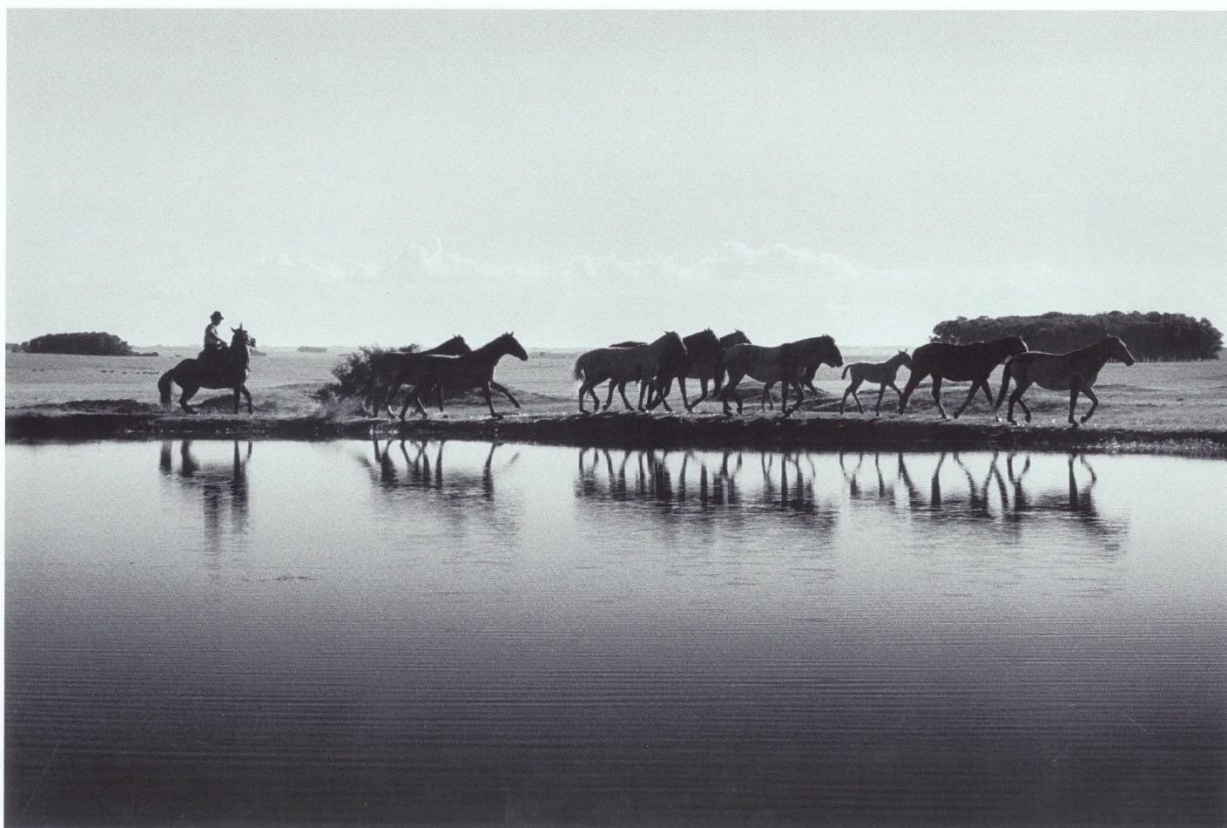
Mirando uma Dupla Posição do Humano no Pampa Frente ao Campo e ao Urbano



FABINI, 2012, p. 113.

UNA GIRA

Mirando uma Dupla Posição do Humano no Pampa Frente ao Campo e ao Urbano



FABINI, 2012, p. 54.

UNA GIRA

Mirando uma Dupla Posição do Humano no Pampa Frente ao Campo e ao Urbano



CERROS VERDES, APA DE IBIRAPUITÁ
Cerros Verdes, Ibirapuitá, APA

PAIVA, 2008, p. 118.

A força desse imagético nesta tese se faz, também, por uma recorrência em demarcar a natureza nessa composição de campo – com sua vegetação e os animais característicos da lida campeira do gaúcho. Os ditos também trouxeram, como vimos, a importância da conservação e preservação desses espaços “naturais”. Há o dito e o não dito na intenção de que as fotografias

UNA GIRA

Mirando uma Dupla Posição do Humano no Pampa Frente ao Campo e ao Urbano

ensinem e estimulem a preservação da natureza e da cultura gaúcha. Com isso, penso no quanto vamos assumindo essas forças discursivas e tomando a ciência como potente e importante para a “salvação” dos espaços naturais que ainda existem. Tais imagens vão consolidando o entendimento de que a natureza está no campo e a cultura gaúcha com sua lida está mais conectada ao natural, diferente do humano urbano. É pelos caminhos da modernidade que essa cisão ou dualidade entre o urbano e o rural se firma e reforça. Vejo que a educação ambiental vem trazendo a preocupação da relação humana com a natureza de diferentes maneiras nas últimas décadas. Há um jogo de forças discursivas e não discursivas que vão fabricando o que vamos tomando por verdades e que a educação ambiental pode pinçar e problematizar. Sendo assim, sob o olhar desse campo de saber, pensei nessa constituição de natureza no Pampa.

Provocar o pensamento sobre o que é fabricado como uma natureza a partir desses ditos e não ditos nos faz pensarmos em como nos constituímos e tornamos óbvio o que vamos tomando por gaúcho, urbano, rural, campo, cidade. Dicotomias que podem ser revisadas e pensadas como perspectivas estéticas com a vida. Formas de existir que colocam em funcionamento operações de poder e que, a partir da educação ambiental, podemos abrir brechas para nos impulsionamos a “não nos assustarmos” diante dessas forças, mas justamente analisá-las. Uma análise que, como apresentei no primeiro capítulo, poderá pensar nas composições que fabricamos, mas que também poderá pensar em recomposições...

Considerações finais

Há uma natureza no Pampa, portanto, que é rural, campeira e dicotomizada com o ambiente urbano – onde a natureza não é evidenciada pelos entrevistados e suas fotografias. Ainda, *o corpus* (quando trouxe um modo de ser urbano) manifestou-se na capacidade de levar para o campo saídas pela

UNA GIRA

Mirando uma Dupla Posição do Humano no Pampa Frente ao Campo e ao Urbano

preservação da natureza, por meio da instituição de áreas protegidas. No que esses ditos e não ditos nos atentaram? Em que sentido nos provocaram o pensamento neste capítulo? Chamo a atenção para o quanto nos inventamos em modos de ser e estar: **“fabricamos uma campeira conexão; uma urbana desconexão”**. Assim, penso que discutir nossa modernidade em seus ditos e não ditos não se esgota e se faz importante no sentido de tratarmos e investigarmos o que vimos construindo de relação entre cultura e natureza. Uma concepção dual, dicotômica e que pode ser analisada para posicionarmos nossas existências. Um desafio necessário a educação ambiental, é um preciso pensar em nossas micropolíticas (Henning, 2012). Temos a educação ambiental como lentes para analisarmos nossas micropolíticas e as estratégias discursivas assumidas.

A tese apresentou um *corpus* que foi recorrente em separar a atuação humana entre campo e cidade. Mergulhada nesse material, encontrei ditos e não ditos que apresentaram e tornaram potente o enunciado deste capítulo. Um gaúcho enaltecido em sua conexão com o campo, com a natureza. O campo foi apresentado como natureza, a partir do dito; e o não dito foi também evidenciando isso. As análises me provocaram com a necessidade de situar possíveis estéticas a partir de invenções como o humanismo e posteriormente as influências iluministas e modernas. Nesse panorama, o urbano e cidadão é aquele que prejudica e está desconectado da natureza. Perguntei-me: em que momento o humano é situado como natureza? Como ato político, pensei a educação ambiental como ferramenta para posicionar estéticas existenciais e, quem sabe, reposicionarmos nossas estéticas.

A partir de agora, no próximo capítulo, nos provocaremos um pouco mais com o material de Celine Frers, Luis Fabini e Zé Paiva, com suas imagens. Primeiramente, com uma, em especial. Pensaremos, também, no quanto esse *corpus* nos traz uma natureza campeira que também se faz dicotômica (focando no espaço do campo propriamente) e, para isso, trouxe mais fotografias e trechos das entrevistas dos três fotógrafos. Um *corpus* que evidenciou um humano campeiro mais conectado com a natureza e um campeiro (outro) que se envolve com o modo de vida urbano, apresentado como desconectado.

UNA GIRA

Mirando uma Dupla Posição do Humano no Pampa Frente ao
Campo e ao Urbano

Imbricações entre natureza e cultura que foram problematizadas como invenção
de um Pampa.

RASTREANDO

Seguindo Pistas de um Duplo Campeiro no Pampa

CAPÍTULO 5

RASTREANDO

Seguindo Pistas de um Duplo Campeiro no Pampa

RASTREANDO

Seguindo Pistas de um Duplo Campeiro no Pampa

Babalo limpou as mãos nas bombachas de riscado
e ficou a olhar pensativo para o chão.
Rodrigo nunca devia ter deixado Santa Fé,
o Sobrado e o Angico.
Uma pessoa deve ficar no lugar onde nasceu,
onde tem seus parentes, seus amigos,
as coisas que lhe pertencem.
Cidade grande é o diabo: tem muita falsidade,
muita perdição, muita máquina,
muito modernismo e essas coisas todas
acabam mudando
o caráter e os costumes duma pessoa.
(Verissimo, 2004, p. 22)

RASTREANDO

Seguindo Pistas de um Duplo Campeiro no Pampa

Introdução

Babalo, no excerto acima, do livro de Veríssimo (2004), nos fala de alguém que teria partido do campo para a cidade. A cidade é trazida como espaço do moderno e que modifica ou influencia aqueles que por aí passam. Rodrigo representa aqueles sob o “risco” das cidades, das modificações (inclusive subjetivas) que a modernidade e suas cidades podem provocar. Neste capítulo, vou rastrear o enunciado “**Um Duplo Campeiro**”. Trata-se especificamente do humano do campo, que se faz duplo, numa dupla posição no modo de ser campeiro. Um é evidenciado pela conexão com o natural, misturando-se ao que é tratado como natureza e, outro, um duplo, que é apresentado diferente. Um campeiro mais envolvido com o urbano, com a vida nas cidades e que modifica o espaço do campo em nome das grandes lavouras e de uma pecuária comercial e degradante ao ambiente – sendo, então, apresentado como mais destrutivo e desconectado em relação à natureza. Portanto, é a respeito dessas análises que este capítulo foi tecido.

Perseguindo meu problema de pesquisa: “Como os fotógrafos e suas fotografias fabricam um discurso de natureza no Pampa”, sigo pistas de como se estabelece a relação entre natureza e cultura no Pampa; como o sujeito pampeano vai se constituir; e como se entrelaçam os ditos e as fotografias na fabricação de uma natureza no Pampa. Proponho, neste capítulo, pensarmos em produções culturais e, pelos ditos das entrevistas e pelas fotografias, nos impacientarmos em análises. A presença da fotografia e no quanto pode estar nos ensinando vai ser aqui debatida, podendo, assim, problematizar algumas verdades como a dita dicotomia entre natureza e cultura.

Já foi dito que, em tempos modernos, as imagens podem nos ajudar a pensar nossas formas de ser e estar, bem como em nossas fabricações discursivas. Pelo não dito da imagem, pensamos em como assumimos nossas posições como fabricantes de um discurso de natureza no Pampa. É fundamental, então, problematizar (ainda na esteira de Foucault) o quanto o não dito pode ajudar a pensarmos em nossa existência atravessada em dicotomias como a de cultura e natureza.

RASTREANDO
Seguindo Pistas de um Duplo Campeiro no Pampa

Um Duplo Campeiro



“VUELTA A LAS CASAS III – 2012”
FRERS, 2017.

RASTREANDO

Seguindo Pistas de um Duplo Campeiro no Pampa

Na lida dos gaúchos, a imagem acima se faz corriqueira. Uma lida campeira, nos campos do Pampa do Brasil, Uruguai e Argentina. Depois de recorrer os campos, vistoriar os animais, os rodeios, troperear e “algumas cositas más”, o gaúcho volta para o descanso em sua casa. “Solito” ou acompanhado de mais gaúchos, essa rotina se faz acompanhar sempre pelo(s) cachorro(s), também chamado de perro. O cachorro é assumido como amigo, fiel companheiro, guarda e “braço de trabalho” do sujeito campeiro:

Entre os amigos que tenho,
Irmãos da lida campeira,
Há um cusco baio cólera
Que vai junto, quando saio.
Botei-lhe o nome de raio
Pois é um raio de ligeiro,
E não há melhor parceiro
Do que o meu cachorro baio
[...]
(BRAUN. 2017)

O cachorro se faz fundamental, como também é o cavalo. Assim como a lida campeira se faz com o cavalo, se faz também com o cachorro que, aos comandos do humano, executa tarefas. *El perro* já se fez selvagem, mas, nos últimos séculos, domesticado, torna-se um companheiro do gaúcho. Houve época em que foi perseguido e executado, pois multiplicava-se incontrolavelmente e alimentava-se do gado das pradarias. Havia tropas de soldados e grupos de homens que se organizavam para o “mataperros” (ASSUNÇÃO, 1978), pois os cimarrones²⁵ multiplicavam-se e competiam com os gaúchos na *prea*²⁶ do gado. Hoje, como vemos em Braun (IBIDEM), na poesia acima, o *perro* se faz parceiro... “não há melhor parceiro do que meu cachorro baio”. Há um reposicionamento do *perro* na vida campeira, e tanto Frers quanto Braun nos possibilitam evidenciar essa nova posição. O cachorro ajuda a recorrer os rebanhos, juntar o gado, serve como guarda e companhia.

²⁵ Cimarrones - cães selvagens.

²⁶ Prea – Caça; aprisionamento do gado chucro.

RASTREANDO

Seguindo Pistas de um Duplo Campeiro no Pampa

O lombo do cavalo é o motor a percorrer distâncias. A existência – na sua rotina, no cotidiano desses gaúchos, em seus diferentes momentos – se mostra como uma mescla de homem e cavalo, entre os elementos em que exerce domínios, domas, cuidados, ajudas e dependências mútuas. Pensamos na invenção dessa junção (e nos exercícios realizados a partir dela) como uma construção de figura singular... uma figura de associação, de junção.

A junção de homem, cavalo e perro se faz comum no Pampa e, talvez, necessária, devido à invenção das próprias tarefas que aí aparecem nos últimos séculos. O Pampa se mostra e, quem sabe, uma natureza se mostre a partir dessa junção trazida pela fotografia de Frers. Na foto, os gaúchos já exerceram as atividades no campo e retornam para as outras atividades necessárias, como tarefas domésticas, tarefas de manutenção e de preparo para as próximas camperias ou, simplesmente, o necessário descanso. Nesta foto, estão voltando para as casas. Nesta junção de três (homens; cavalos; perro), saíram para a lida, a realizaram e dela voltaram juntos. Suas vidas em seus modos de ser e estar na natureza vão se configurando entrelaçadas e assim, juntos, vão atravessando outros elementos, sendo atravessados por eles. Entrelaçados, se colocam diante dos pagos, das distâncias, dos ventos, da lida rude, das intempéries, dos lazeres, das solidões, do dia a dia...

Percebo que, nessa junção ou nessa singularidade pampeana, uma natureza vai sendo fabricada e mostrada pelo fotográfico. Noto que a fotografia não somente vem expressar essa junção que ocorre no Pampa, mas também vem nos ensinar, a partir desse olhar fotográfico de Frers, que nos constitui e captura. Todavia, é uma captura na qual colocamos o nosso olhar e, nesse jogo, vamos nos constituindo, aprendendo sobre o Pampa, seus elementos, posições de sujeitos aí colocadas, sua natureza... Então, a fotografia ensina, na medida em que nos constituímos, também, a partir dos olhares que dispensamos ao fotográfico. O que ele nos traz? O que nos mostra? O que evidencia? Que elementos o compõe? Que posicionamentos são evidenciados? Como isso nos implica?

Como nos diz Barthes, a Fotografia é contingência pura e só pode ser isso, sempre algo é representado e fornecido de imediato. Nisso, a fotografia vai

RASTREANDO

Seguindo Pistas de um Duplo Campeiro no Pampa

dizendo e ensinando, “elas constituem o próprio material” (2015, p.31). É deste autor, ainda, a interessante passagem para pensarmos em nosso encontro com a produção da fotógrafa aqui apresentada, o que ele vai reconhecer como *studium*, ou melhor, aquele encontro (nosso) com as intenções da artista, podendo se dar de diferentes maneiras, com um contrato entre as partes.

O *studium* é uma espécie de educação (saber e polidez) que me permite encontrar o *Operator*, viver os intentos que fundam e animam suas práticas, mas vivê-las de certo modo ao contrário, segundo meu querer de *spectator*. Isso ocorre um pouco como se eu tivesse de ler na Fotografia os mitos do fotógrafo, fraternizando com eles, sem acreditar inteiramente neles. Esses mitos visam evidentemente (e é para isso que serve o mito) reconciliar a Fotografia e a sociedade (é necessário? – Pois bem, é; a foto é *perigosa*), dotando-a de *funções*, que são para o Fotógrafo outros álibis. Essas funções são: informar, representar, surpreender, fazer significar, dar vontade. E eu, *spectator*, eu as reconheço com mais ou menos prazer: nelas invisto meu *studium* (que jamais é meu gozo ou minha dor). (BARTHES, 2015, p. 31)

Além do *studium*, Barthes nos chama ao *punctum*, ou seja, qual é o choque? Qual é o distúrbio? O que atravessa essa foto? Há uma correlação entre o *studium* e o *punctum*, mas nem sempre o *punctum* se faz presente. Enquanto o *studium* é sempre o codificado, o *punctum* não pode ser nomeado (IBIDEM, p. 49), existindo na ordem do distúrbio. O *punctum* está na foto, mas sou eu quem o adiciona.

Mergulhei, com interesse, nesse ensinamento de Barthes, pois, pelo *punctum*, há a provocação para entendermos a qualidade da pensatividade da fotografia. E, como ele diz, a fotografia deve ser silenciosa, uma pensatividade a partir da subjetividade absoluta, “fechar os olhos é fazer a imagem falar no silêncio” (IBIDEM, p. 52). É um silêncio necessário, pois queremos apostar na capacidade de pensatividade que esse movimento pode provocar. Fechemos os olhos, então.

Para além do que já foi colocado sobre a fotografia de Celine Frers, me tocou sensivelmente um molino²⁷. O molino, na imagem, ao fundo dos gauchos

²⁷ Do espanhol, *molino* pode ser traduzido para o português como moinho; moinho d’água; aéreo; aéreo dínamo.

RASTREANDO

Seguindo Pistas de um Duplo Campeiro no Pampa

que vueltam a las casas, se destaca. O molino é capaz de provocar um *punctum*: ele provoca um distúrbio diante da foto. Não se faz situável, previsível, nem chega a ser certo, mas grita em silêncio. Encontra-se numa zona vaga... cria-se um campo cego, numa expressão de Barthes. Os gaúchos, a planície, o perro, a poeira, a vegetação... todos são nomeáveis. É o *studium* codificado. Mas quando nos deparamos com o molino, *ele grita...* não se situa. É o *punctum*. É um detalhe. É um atravessamento. O molino me atravessou.

Por isso, fechar os olhos e deixar a imagem se mostrar, deixar a imagem falar... Tomar a fotografia pela qualidade da pensatividade. Este visível que vemos é uma potência visual que nos olha, e há um jogo estabelecido: “Fechemos os olhos para ver”, nos diz, também, Didi-Huberman (2010), quando considera o prefácio de Joyce²⁸. É a pensatividade através do que passa pelos olhos, mas que só acontece quando se enche de um vazio, de uma zona vaga – “[...] devemos fechar os olhos para ver quando o ato de ver nos remete, nos abre a um vazio que nos olha, nos concerne e, em certo sentido, nos constitui. Que espécie de vazio?” (DIDI – HUBERMAN, 2010, p. 31). Entendo que é um vazio a ser vencido e que constitui o ato de ver. Temos certo desalento, achando que não iremos entender a relação entre os objetos que compõem nossa existência. Somos um ser que vê o que nos olha, mas esse olhar se abre para um vazio. Olhamos e somos olhados. No jogo, é impossível conjeturarmos um olho nu.

O ato de ver não é o ato de uma máquina de perceber o real enquanto composto de evidências tautológicas. O ato de dar a ver não é o ato de dar evidências visíveis a pares de olhos que se apoderam unilateralmente do “dom visual” para se satisfazer unilateralmente com ele. Dar a ver é sempre inquietar o ver, em seu ato, em seu sujeito. Ver é sempre uma operação de sujeito, portanto uma operação fendida, inquieta, agitada, aberta. Todo olho traz consigo uma névoa, além das informações de que poderia num certo momento julgar-se o detentor. (DIDI-HUBERMAN, 2010, p. 77).

Ao invés de um olho nu, concordo com o “olho sujeito” (IBIDEM, 2010) composto por suas experiências, em que o ato de ver provoca implicações entre aquele que vê e o objeto que retribui esse olhar. Fiquemos nesse *entre*, nessa

²⁸ Prefácio da trama de Ulisses - James Joyce.

RASTREANDO

Seguindo Pistas de um Duplo Campeiro no Pampa

zona vaga, nesse vazio que gera inquietação e pode nos provocar em qualidade de pensatividade.

Assim, quando disse que o moinho da fotografia de Frers nos atravessa, é porque dispara a inquietação e nos sacode, numa busca em vencer esse vazio que preenche o momento e a foto. Tomada por esse *punctum*, me lancei nesse jogo.

O moinho se impõe com sua presença. Um moinho de água. Uma tecnologia antiga e ainda utilizada nos campos rurais. Proporciona a utilização dos ventos para o bombeamento de água, que é um alimento para os seres humanos e não humanos que aí vivem. Uma obra humana que melhora a qualidade de vida daqueles que usufruem dessa tecnologia. Diminui o esforço humano em carregar água para seu abastecimento, muitas vezes em longas distâncias. Uma água que pode ser aproveitada para os animais e irrigação de plantas. Sempre circulando, por vezes mais rapidamente, por vezes mais lentamente; ao sabor dos ventos, suas pás circulam... circulam e “puxam” a água. Voltar *a las casas* e poder beber... saciar a sede... o vento que castiga nas intempéries também ajuda, fazendo o moinho circular, ajudando na autossuficiência e abastecimento dessa substância tão comum e tão fundamental. Também chamado de moinho de vento, é utilizado tanto para captação de energia como bombeamento de água. No movimento dos ventos, vai cumprindo seu papel num eterno circular sem ritmo certo ou errado, previsível ou imprevisível... apenas como efetivação de seu momento.

Usando de uma metáfora – a metáfora do moinho –, pensei nas construções efetivadas e em mim provocadas a partir dessa fotografia. São vidas humanas e não humanas que participam de uma convivência comum e deslocam-se em direção ao moinho, dirigem-se a ele, ao seu circular e rodar... com seus ventos em *las casas*. Ventos inconstantes e diferentes, às vezes imprevisíveis. Como pode ser imprevisível a existência de qualquer espécie! Inventamos moinhos, tomamos os ventos em algumas pás, mas a imprevisibilidade da camperiada dos gaúchos na foto e a imprevisibilidade da chegada em *las casas* continuam presentes – assim como aquele céu da

RASTREANDO

Seguindo Pistas de um Duplo Campeiro no Pampa

fotografia (se prepara para chuva?). Vidas e elementos colocam-se em jogo na imprevisibilidade que se faz constante, podendo, assim, fabricar uma natureza...

O mundo existe; não é algo que se torna, algo que passa. Ou, mais exatamente: torna-se, passa, jamais porém começou a devir, jamais cessou de passar, - conserva-se sob duas formas... vive de si mesmo: suas dejeções são seus próprios alimentos. (NIETZSCHE, 2010, P. 288)

Há indeterminação, há sempre o imprevisível. Como lembra Nietzsche (2010), há sempre uma qualidade de forças, uma quantidade de forças que no grande jogo de dados de suas existências marcam configurações. O moinho, de novo, me ajudou a pensar sobre isso. Na composição de uma natureza no Pampa, o moinho marca uma modificação, uma marca humana, uma invenção humana antiga configurando e compondo esse espaço. Um espaço de natureza? Aqui, cabe a pergunta: o que tomamos por natureza? O moinho, como uma intervenção, compõe uma natureza no Pampa? Que natureza é essa que a fotografia nos implica?

Pensei na possibilidade de uma natureza que se atualiza, pois a corriqueira dicotomia entre cultura e natureza nos parece que não se encaixa na pensatividade a partir da fotografia de Frers. O moinho grita... o moinho compõe. Como marca cultural, destaca-se na fotografia e integra um conjunto. Com isso, pensamos no quanto podemos nos desafiar em problematizações na tentativa de melhor analisar as verdades que vamos tomando e consolidando como certas e legítimas. Uma delas seria perceber uma marca cultural como o moinho, associada a modificações artificiais na natureza. Assim, a partir desse entendimento, o reforço nas divisões entre o que é de cunho natural e o que é de cunho cultural.

Lembrando Larrosa (2015), “o mundo não existe anteriormente a uma forma que lhe dê seu perfil”. Ou seja, isso que vamos chamando de cultura é a capacidade de irmos estabelecendo um perfil ao mundo, aos mundos que vamos inventando. Algo que nossa modernidade imprime de forma mais dura e unilateral, pois foi ou vai tentando construir um perfil único para as possibilidades

RASTREANDO

Seguindo Pistas de um Duplo Campeiro no Pampa

de existência humana, com desdobramentos para o que não é humano. Traçamos e determinamos, enquanto modernos, entendimentos de mundo baseados em racionalismos, tecnicismos e binarismos. Apartando-nos da natureza como humanos que pensam, inventamos um processo cultural moderno em que as materialidades das criações humanas não são encaradas como natureza. Dicotomias como ambiente artificial ou natural; campo ou cidade; desenvolvimento ou atraso vão se tornando questões hegemônicas e tomadas como verdades absolutas.

Para além, me interessou pensar em como vamos imprimindo essa marca cultural dicotômica, pois, se olharmos para a fotografia de Celine Frers em questão, percebemos um conjunto de elementos dispostos num imagético que nos provoca, talvez, de maneira pouco dicotômica. Sobre isso, explico melhor posteriormente.

Novamente, lembro... o moinho “grita” e, como marca inventiva humana, poderia compromissar o cenário num entendimento de artificialidade. Algo que poderia moldar a ação humana como intrusa nessa natureza que pode ser de campos, plantas, animais, águas, ventos... Mas, gritando, o moinho da foto talvez nos sinalize do quanto pode haver em possibilidades de escapes, mesmo estando nós, sujeitos de um tempo, mergulhados na modernidade.

Michel Foucault diz: “a verdade é deste mundo”. Vem daí a importância de analisarmos a potência discursiva que vamos fabricando em nossos tempos e, assim, pensar uma fabricação discursiva de natureza também se torna potente, de forma que se torna fundamental, nesta vertente, que pensemos em como nos constituímos, em como nos fabricamos. Tal processo implica em uma fabricação de um discurso de natureza. Então, utilizando uma expressão campeira do Pampa, “o horizonte é largo”, se faz largo, aberto e amplo, como a possibilidade dessa discussão, a qual traz uma natureza que “se abre” vista ao horizonte. Assim, é nesse horizonte que é implantado o moinho. O moinho mesclado... Mesclando cultura e natureza? Em tempos modernos, que experiência pode ser evidenciada a partir dessa fotografia?

Ainda em Larrosa,

RASTREANDO

Seguindo Pistas de um Duplo Campeiro no Pampa

Não há uma experiência humana não mediada pela forma e a cultura é, justamente, um conjunto de esquemas de mediação, um conjunto de formas que delimitam e dão perfis às coisas, às pessoas e, inclusive, a nós mesmos. [...] é algo que faz com que o mundo esteja aberto para nós. Mas quando uma forma, converte-se em fórmula, em bordão, em rotina, então o mundo se torna fechado [...]. Nenhuma possibilidade de experiência. Tudo aparece de tal modo que está despojado de mistério, despojado de realidade, despojado de vida. (LARROSA, 2015, p. 49)

Aberta para essa problematização, busquei em Larrosa sua contribuição, pois, talvez, nós estejamos naturalizando algumas dicotomias que podem ser colocadas em suspenso para que possam ser analisadas, havendo processos culturais que traduzem maneiras de ser e estar; construções de verdades que constituem sujeitos e o que fabricam por natureza. Colocar as verdades em suspenso e, quem sabe, nos provocarmos em seres de experiência?

Como abordado anteriormente, fechar os olhos para ver... criar uma zona vaga... provocarmos-nos em possibilidade(s) ainda não pensada(s). Um desafio? Sim! Um desafio difícil em tempos de verdades modernas que afirmam a dicotomia entre natureza e cultura e fecham-se nos limites de áreas protegidas, como colocado anteriormente.

Em nossas produções históricas, vamos criando conceitos, entendimentos e relacionamentos que se mostram nos modos de ser e fazer dos diferentes cotidianos. Sob a esteira epistêmica moderna e seus possíveis históricos, construímos culturas e vamos instituindo formas de relações e interações. Com o que vamos fabricando de natureza, percebemos formas antropocêntricas de existir. Então, é a partir do não dito, dessa última imagem trazida, que nos lembramos de Foucault, associando-o ao que estamos apresentando,

[...] aquilo a que me ateno [...] é a tarefa de evidenciar alguns elementos que possam servir para uma história da verdade. Uma história que não seria aquela do que poderia haver de verdadeiro nos conhecimentos; mas uma análise dos “jogos de verdade”, dos jogos entre o verdadeiro e o falso, através dos quais o ser se constitui historicamente como experiência, isto é, como podendo e devendo ser pensado. (FOUCAULT, 2012, p. 13).

RASTREANDO

Seguindo Pistas de um Duplo Campeiro no Pampa

Como vamos nos reconhecendo? Como a fotografia de Celine nos ajuda a pensarmos sobre o que pensamos sobre nós? Que jogos estão aí implicados? Muito há para ser problematizado sobre isso. Aqui, gostaria de continuar no foco de como podemos fazer experiência de si mesmo. Aproximando-me do que dissemos acima, da capacidade de pensatividade que a imagem pode implicar, penso sobre como nos pensamos, nas formas de relação consigo em que nos constituímos e somos capazes de nos reconhecer como sujeitos. Sujeitos de cultura? Sujeitos de natureza? Sujeitos de...?

Ouso pensar na possibilidade de uma zona vaga para o próprio pensamento... ou seja, sob a égide da episteme moderna, o exercício do pensar em si poderia ser estimulado para que, quem sabe, se provoquem zonas vagas, zonas que possibilitem possíveis deslocamentos e fabricações de mundo. Provoações em pensar “artes da existência” (IBIDEM):

[...] Deve-se entender, com isso, práticas refletidas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixam regras de conduta, como também, procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo. [...] (FOUCAULT, 2012, p. 17 e 18)

Um mundo contingente, com suas histórias locais e que tornam possíveis alguns discursos. Porém, quem sabe, um mundo onde artes de existência possam ser provocadas? Possíveis zonas vagas para pensarmos em reinvenções de si, de nossas histórias locais...

Apesar de essas questões que estão longe serem fechadas, entendo que ainda temos muito para pensar. Muitas vezes, fechar os olhos e procurar ver e, como na campereada dos gaúchos da fotografias, voltar *a las casas*... voltar a si mesmo... É interessante notar como a fotografia pode nos provocar, se perceber num mundo que existe e que é fabricado, onde há humanos, plantas, cavalos, nuvens, perros... e moinhos – num eterno circular, como pode ser nosso próprio pensamento sobre si... sobre esse mesmo mundo... Ao fechar os olhos, é possível ver, quem sabe, um necessário vazio? Um necessário vazio para pensarmos a natureza?

RASTREANDO

Seguindo Pistas de um Duplo Campeiro no Pampa

Voltamos aos atravessamentos entre cultura e natureza. Pensar a natureza, em tempos de modernidade, em suas estratégias, jogos de força e suas possíveis enunciações que interessam para a pesquisa. Mas, ainda (e sempre), perguntas... Pensando a natureza, como pensamos em nós – que posições humanas estamos assumindo? Pensando uma natureza no Pampa, e em como se constitui um discurso de natureza no Pampa, como seus sujeitos se situam? No capítulo anterior, o fotógrafo Zé Paiva trouxe o desafio e a importância de demarcarmos aquilo que tomamos por natureza, com fins de preservação e conservação a partir dos ensinamentos da ciência e, ainda, na tentativa de associar arte e ciência. Luis Fabini investe numa demarcação de áreas protegidas que mantenha o humano nesses espaços em que já vive, num regime de colaboração mútua – lembro do início do capítulo 4, quando Godoy (2000) nos ajudou a pensar sobre as áreas protegidas: a necessidade antropocêntrica de delimitarmos os espaços frente as destruições e desafios conservacionistas. E Celine Frers, na foto apresentada até agora, neste capítulo, nos provoca a partir de uma composição de natureza que nos faz, inclusive, posicionar a ciência com um olhar que nos movimenta e gere suspensão nas dicotomias entre humano-natureza/cultura-natureza – pois a dicotomia está posta, a dualidade construída, o antropocentrismo dominante, mas há sempre uma zona vaga possível, um vazio possível... apostando nele, pensemos um pouco mais sobre o antropocentrismo moderno.

Quando Grün (1996) apontou para o humanismo moderno – como marquei no capítulo anterior –, nos ajudou a perceber o quanto essas mudanças formaram um complexo de inter-relações, o qual fortaleceu o humano sobre outras formas de existência. Há um antropocentrismo construído a partir disso que é disjuntivo e eletivo, no sentido de colocar o humano em escala superior no mundo. É Descartes (2009) quem enfatiza que toda a ciência é conhecimento verdadeiro, reforçando a diferença entre corpo e mente, afirmando que quem é incapaz de pensar é inferior. Como os humanos são dados como os únicos que pensam, os outros seres são matérias não dotadas de pensamento e razão. Com

RASTREANDO

Seguindo Pistas de um Duplo Campeiro no Pampa

essas intervenções, além das apresentadas no capítulo anterior, a modernidade se faz antropocêntrica²⁹.

Noto que, a partir das enunciações, se destaca outro modo de dupla posição do humano. Outra condição dupla de ser humano, no Pampa: um humano que pode estar mais conectado e colaborativo com o natural e um humano que é dado como intruso diante da natureza. No primeiro caso, são identificados aqueles que vivem na terra, vivem no campo, como a fotografia de Frers nos apresentou. Por outro lado, os intrusos ou desconectados são evidenciados, nos ditos que apresentarei, como humanos mais identificados com as cidades, a vida urbana, mas que também podem surgir no campo. Quanto a estes últimos, abordarei na sequência e mais ao final deste texto. Nos ditos abaixo, dos três fotógrafos, destaco o ser humano mais integrado, vivendo no campo (Fabini; e Frers), e também, um ser humano que está na cidade e que toma algumas ações em relação à natureza, mas que, ainda assim, encontra-se desconectado (Paiva):

[...] creio que as pessoas que estão conectadas com a natureza têm algo para nos contar, algo que nós, os cidadãos, as vezes esquecemos ou as vezes perdemos ... perderam... a conexão, a condição com a terra, com a realidade, da terra, então, há uma aceitação, há uma rendição com a natureza que me interessa muito, que o cidadão não tem.... esse cidadão (da cidade) se impõe... se impõe! O cidadão faz um universo artificial... e no campo não... o campo... para mim no campo, temos que aceitar as leis do campo... e nisso, há uma certa humildade com a vida..... que me seduz, que me encanta, que me pega. Que respeito... que... que é meu lugar no Universo. Que a mim, me atrai...essa humildade.... as coisas são o que são, e tchau. E na cidade não! Na cidade pode ser para cá... na cidade não... não posso construir porque passa um rio, mas não importa, pá! Corta o rio, faz coisas e meto cimento e não me importo nem um pouco com o que passa. E no campo não.... no campo... **pelo menos a mim, as pessoas que me interessam são as pessoas que trabalham com a terra, que se acomodam com a terra, não a que se impõe, não a que.... (não me interessa a produção intensiva... Às vezes também estamos destruindo tudo no campo, sabes?)**... tem uma visão de respeito... (FABINI, 2017, entrevista)

²⁹ Importante destacar que entendo o binarismo entre natureza e cultura bem anterior à modernidade, embora o interesse desta tese seja enfatizá-lo em sua faceta moderna, pois, na antiguidade, entre os gregos, essa dualidade estava colocada com a ideia aristotélica essencialista de natureza.

RASTREANDO

Seguindo Pistas de um Duplo Campeiro no Pampa

Celine Frers nos diz que o homem do campo

[...] **é mais simples em sua forma de pensar, é como se a natureza, a vida a morte, e... tá tudo aí, ao alcance e... tudo isso... os temas, tão existenciais para o homem... o homem que tá perto da natureza é como se sentisse de uma forma muito mais evidente, como muito mais simples... sua maneira de entender a vida... sem tanta volta.**

[...] si... muitas diferenças com os homens da cidade... para começar com o tema do tempo. As pessoas de lá (do campo) tem outro tempo, que... que está mais regido pela natureza, se tem que trabalhar ou fazer coisas antes que venha a chuva, vai trabalhar e... depois vem a chuva e tem que esperar... e tem uma aceitação disso... que nós (nas cidades) que vivemos hoje em dia, e vivemos conectados um com o outro, é como se não conseguíssemos permanecer quietos... aí tem uma... e o mesmo, quando um se coloca a falar com as pessoas... eu, em geral, no primeiro dia, quando chego, praticamente não faço fotos, me ponho a tomar uns mates, converso, paramos... e ficamos... para poder, não sei, para poder penetrar um pouquinho, então... sim, são outros tempos... e eu acredito que também, tenho uma sintonia super profunda com gente que não tem nada a ver comigo, porém, mas se queremos, podemos considerar mais sensíveis, mas sem dúvida, a profundidade da vida que têm, ... **eu os vejo muito mais profundos que muita gente da cidade. Eles logram perceber mais a essência das coisas...** (FRERS, 2017, entrevista)

E Paiva,

[...] Então, as pessoas acham muito bacana um, por exemplo, dar um clic, apoiar alguma causa lá do *Greenpeace*... mas, assim... mas, pega o carro pra ir na padaria da esquina. Não pensa que poderia ir a pé. Não precisaria. Poderia usar menos o carro, usar menos energia elétrica, poderia ter menos impacto, uma pegada ecológica menor. Né? Mas acha bacana, dá um *clic* lá para apoiar o *Greenpeace*... Sabe? Uma visão assim, muito, muito restrita do que é realmente, do que é realmente... o se preocupar com a natureza. Ou ter uma conexão com a natureza. Então o atrapalha a natureza, eu falei nesse sentido de que as pessoas estão muito desconectadas [...] (PAIVA, 2016, entrevista)

Nos ditos, temos o humano que é humilde, que se acomoda com a terra, que é mais sensível, não se impõe e está mais regido pela natureza... Tal humano é trazido por Fabini e Frers como um gaúcho, campeiro, que vive no campo, no Pampa. No dizer de Fabini, “aceita as leis do campo”, se fazendo em conjunto com elas. Contudo, lembro que esse campeiro é o mesmo que, de algumas formas, se estabelece diante dessas leis. Longe de ser passivo, é alguém que diz “do chão não vou passar” (GÜIRALDES, 1997, p. 235), repetindo a citação inicial do capítulo 4. Sempre estaremos envolvidos em relações de força, e esse campeiro (trazido pelos ditos) é aquele que se envolve em jogos

RASTREANDO

Seguindo Pistas de um Duplo Campeiro no Pampa

de força e poder em seu dia a dia, seja nas inter-relações humanas, seja com outros animais, seja com diferentes elementos do ambiente. Entretanto, esse campeiro é reforçado, nas três entrevistas, como aquele mais conectado e integrado. As fotografias abaixo também nos mostram, na força do não dito, o quanto esse campeiro é elogiado. Interessante, também, dar a devida atenção ao fato de que não necessariamente a figura humana deverá aparecer nesse imagético, pois a composição de cada foto (no conjunto de luzes, sombras, elementos e atravessamentos) nos implica em equilíbrio e harmonia, nos trazendo elementos para pensarmos diretamente em força, mas, ainda assim, em equilíbrio. Vejamos:

RASTREANDO

Seguindo Pistas de um Duplo Campeiro no Pampa



FABINI, 2012, p. 50.

RASTREANDO

Seguindo Pistas de um Duplo Campeiro no Pampa



FABINI, 2016, p. 34.

RASTREANDO

Seguindo Pistas de um Duplo Campeiro no Pampa



Foto de Ze Paiva/Vista Imagens (Integra a Coleção Pirelli/MASP, desde 10/03/200

PAIVA, 2008, p. 15.

RASTREANDO

Seguindo Pistas de um Duplo Campeiro no Pampa

Nessas três fotos que seguiram, temos a junção do elemento humano (direta ou indiretamente) com outros elementos. Mesmo nas duas últimas fotos em que o humano não aparece diretamente, surgem indiretamente elementos de sua interferência: uma casa, um resto de casa, ou de muro...

Imediatamente, na primeira foto, há um *punctum*. Unhas calejadas, cortadas, rompidas. Unhas que nos atravessam. Novamente, o convite de “fechar os olhos para ver” se faz presente em mim. As fortes e marcadas mãos apresentadas se misturam em cordas e rédea. Mãos/rédeas que direcionam um andar, um andar a cavalo, uma relação com o animal, uma atuação no espaço. De novo, sou implicada por Foucault. Unhas, mãos, um humano que atua num espaço em que se faz força, se faz sujeito de poder. A imagem nos traz o domínio desse humano sobre o cavalo, e suas mãos apresentam a força de uma lida que é rude, braçal, perdendo pedaços de unhas... Vejo, ainda, mais atravessamentos nesse corpo do campeiro: faz frio nesse Pampa, o corpo é coberto por lã, aquecido e montado sobre ela; sobre o seu pelego, um humano segue sua jornada. Há um equilíbrio em cores e nuances. Há uma harmonia no conjunto apresentado, na junção capturada pela fotografia.

A segunda fotografia, também de Fabini, nos apresenta uma paisagem com uma casa. Um espaço de morada? De parada? De armazenamento? Sem muito importar, sabemos que é um espaço para ficar... para se colocar... há, novamente, a harmonia de cores e nuances... a porta está cerrada, o humano está fora? Há o convite para ver o que envolve a casa... a coxilha ondulada e envolvente... sair para a lida? Sair a camperiar? Há também algo seco nessa atmosfera, embora o equilíbrio de nuances... percebo uma atmosfera fria que invade e faz pensar que a porta deve ficar fechada... o Pampa pode ser frio, mas o humano pode ficar na proteção de paredes que são desenhadas e manchadas pelo tempo e marcadas pelo próprio lugar.

Já, na terceira foto (Zé Paiva), temos um Pampa de verde mais intenso e quente... Há uma raiz que se enreda em pedras cortadas, colocadas e equilibradas pelo humano. Uma raiz desliza e se acomoda por entre elas. Fruto da ação humana, esse pedaço de parede, muro ou cerca de pedras recebe a vegetação que aí se fixa. Líquen, pasto, avenca, raiz... pedras... tudo interligado,

RASTREANDO

Seguindo Pistas de um Duplo Campeiro no Pampa

colado, havendo uma solidez nessa composição. Um arranjo cômodo, no qual as raízes deslizam e, em delicadas curvas, se acomodam sobre a terra – a mesma terra que recebeu e apoia essas pedras acomodadas pelo humano...

Tomo essa sucessão de imagens para sustentar o quanto esse campeiro do Pampa vem sendo apresentado como um sujeito que se integra às diferentes forças desse ambiente: forja-se num ambiente entre vários elementos; constitui e fabrica um modo de ser e estar. Vamos percebendo uma natureza que, nos ditos e não ditos, se mostra através de um humano que “se acomoda com a terra”; “mais simples em sua forma de pensar”; “o homem que tá perto da natureza é como se sentisse de uma forma muito mais evidente, como muito mais simples.... sua maneira de entender a vida.... sem tanta volta” (FRERS, entrevista).

Já, no dito de Paiva, aparece o humano que está na cidade e toma atitudes em relação à natureza. Uma natureza que está distante, determinada por causas indicadas por organizações não governamentais, como a citada na entrevista de Paiva. Frers reforça que “são as pessoas do campo as mais profundas e que percebem mais a essência das coisas, e não as pessoas das cidades” (entrevista). Nos livros desses três fotógrafos que trazem seus olhares sobre a cultura e natureza gaúcha – do Pampa – não há imagens de *pueblos*, vilas ou cidades. Aproveito para sobressair o quanto o dito e não dito dos fotógrafos nos trazem um Pampa e sua natureza destacada e fixada ao campo. O imagético não nos traz o ambiente urbano e Paiva foi o fotógrafo que deu mais ênfase, como já foi mostrado, no quanto a vida nas cidades se distancia da natureza, ainda que os outros dois também tenham citado as diferenças entre campo e cidade.

Vejo, neste capítulo, outro modo de dupla posição do humano. Um duplo que ocorre no próprio campo. Os entrevistados colocaram, também, um humano que vive no campo e que pode ser destrutivo; intruso; desconectado, porém, como mais insignificante. Assim, vi como interessante pensarmos em como o campo, além das cidades, pode estar sendo atravessado por modificações que indiquem isso: temos, então, mais um binarismo que se faz potente nesses ditos.

RASTREANDO

Seguindo Pistas de um Duplo Campeiro no Pampa

[...] Deve ter sido a transição. Não havia uma cultura muito arraigada... havia gaúchos, mas quando passou a transição para agricultura, se passaram a aceitar, a fazer agricultura. Isto é outra coisa. Não era tão marcado, como outras regiões que por fazerem outro tipo de trabalho, prosseguem a cultura gaúcha e vestiam gaúchos, com a idiossincrasia de gaúcho.[...] (FRERS, 2017, entrevista)

Notei que o desafio de pensar no duplo humano também pode ser pensado no próprio campo, num duplo que se dá a partir do humano que está trabalhando com a terra, se acomoda a ela (como disse Fabini) e que, para isso, não modifique seu modelo de trabalho tradicional: “não me interessa a produção intensiva” (p.15). Assim, na percepção do entrevistado, esse humano já entraria numa seara destrutiva, indicando que isso ocorre no Pampa. Frers nos fala, também, desse modelo mais destrutivo que vem a partir da agricultura. Para ela, a cultura marcada como gaúcha está na manutenção do tradicional. A partir da introdução da agricultura nesse Pampa, perde-se a “gente que está no meio da natureza”, pois, para a entrevistada, a natureza está entre as pessoas que vivem o mais tradicional de sua cultura, em que é mais “arraigada a cultura”. Desse modo, temos, no campo, uma dicotomia entre aquele humano mais tradicional na cultura gaúcha e aquele mais transitório, que se envolve com outro tipo de produção – como a agricultura, mecanização e pecuária intensiva –, sendo percebido pelos fotógrafos como mais destrutivo e desconectado. Paiva também colabora,

[...] eu quero buscar, a minha ideia seria buscar esse gaúcho de verdade mesmo... que eu encontrei no vale do Ibirapuitã. Fiz vários retratos, que eu usei só um. Fiz retratos fantásticos... eu gostei muito do vale do Ibirapuitã. Por que, como ele é? [...] não chegou a mecanização, não chegou a lavoura de soja, de arroz... lá. Então, tem estâncias, que são estâncias como eram antigamente... assim sabe? [...] (PAIVA, 2016, entrevista)

Cultura e natureza imbricados. E forte é o entendimento de que no tradicional da cultura gaúcha está a capacidade do humano de estar mais conectado com a natureza. Um duplo, um modo de dupla posição humana que se coloca em contrários. Os que estão mais conectados e os que não estão. Os que estão mais equilibrados e os que não o estão, apesar de viverem no campo

RASTREANDO

Seguindo Pistas de um Duplo Campeiro no Pampa

– espaço por excelência que é apresentado, pelos fotógrafos, como de natureza e maior equilíbrio.

Considerações Finais

Que experiências humanas podem ser pensadas para além das ditas dicotomias, para além dessas forças binárias? É possível pensar num humano que, mesmo destrutivo, está mergulhado em cultura e não deixa de ser natureza? Uma zona vaga... pensar o pensamento... exercitar a pensatividade. Pensar sobre o que tomamos como natureza e cultura nas posições de sujeitos que assumimos e que venho trazendo ao longo desta tese. Sabemos que a razão moderna nos aparta da natureza e, assim, facilitamos a occasio necessária para o domínio desses tempos de modificações aceleradas em subjetividades, relações sociais e ambientais. Novamente Foucault,

[...] eu penso que desde o século XVIII, o grande problema da filosofia e do pensamento crítico sempre foi, ainda é, e creio que continuará a ser o de responder à questão: o que é esta razão que nós utilizamos? Quais são seus efeitos históricos? Quais são seus limites e quais são seus perigos? Como podemos existir, enquanto seres racionais, alegremente dedicados a praticar uma racionalidade que é, infelizmente, atravessada por perigos intrínsecos? Nós devemos ficar o mais próximo possível desta questão, deixando sempre presente no espírito que ela é central e, ao mesmo tempo, extremamente difícil de resolver [...] Se os intelectuais, de modo geral, têm uma função, se o pensamento crítico tem uma função, e se, mais precisamente ainda, a filosofia tem uma função no interior do pensamento crítico, é exatamente o de aceitar esta espécie de espiral, esta espécie de portagiratória da racionalidade que nos remete à sua necessidade, ao que ela contém de indispensável, e, ao mesmo tempo, aos perigos que ela comporta. (FOUCAULT, 2009, p. 279)

Assim, que pensar sobre as condições de força que se fazem e se mostram no entendimento de um duplo humano no Pampa pode ser estratégico para pensarmos numa natureza que se fabrique a partir dessa configuração. Um discurso de natureza que nos faz pensar em uma racionalidade e em seus efeitos históricos e, como Foucault nos diz (IBIDEM), pensar nos perigos que ela comporta. Com isso, sustentei a importância de refletirmos sobre a maneira que

RASTREANDO

Seguindo Pistas de um Duplo Campeiro no Pampa

pensamos, agimos e nos conduzimos no modo de ser moderno. Analisar nossos discursos e em como nos colocamos nesses jogos; formas de vida assujeitadas e sujeitadas, que podem se exercitar naquilo que Foucault nos provoca como vida artista. Um conjunto de experiências estéticas que possam tornar caminhos possíveis. Que caminhos? Todo aquele que puder contestar formas de vida assujeitadas. Assim, construí, neste capítulo, uma possibilidade de pensar sobre os assujeitamentos que estão implicados a partir de seu enunciado, no quanto podemos pensar sobre o modo conformado de tomarmos com desafetação dualidades da existência humana. Há uma dualidade entre um humano campeiro e mais tradicional e aquele que se molda às implicações tecnológicas e inovadoras desses tempos.

Entendo que, para pensarmos num discurso de natureza no Pampa, podemos pensar em sujeitos que se constroem historicamente em seu tempo e se implicam de alguma forma num situar-se diante de si e do mundo que convivem. Os fotógrafos vêm nos mostrando possibilidades de relação entre o humano e a natureza, seja pelo dito, como pelo não dito. Uma natureza marcada pelo duplo, duplos que se carregam de forças entre um humano mais idealizado como correto e inspirador, mais conectado ao natural, e um humano que é sempre associado às modificações tecnológicas e urbanas, mais destrutivo.

O que estamos aprendendo com isso? Questionamento difícil para uma época em que se naturaliza discursos e pouco pensamos sobre eles e em como se fabricam. Um questionamento que se faz pertinente ao campo de saber da educação ambiental, mas que se coloca difícil também aqui, pois a ocasião moderna também nesta ocasião é potente. São provocadas, em tal campo de saber, muitas tentativas de respostas a um mundo que segue rapidamente em transformações de todas as ordens, mas que muito pode ser feito em análises mais profundas sobre essas transformações. Vejo como importante e fundamental para a educação ambiental problematizar e pensar em como vamos assumindo alguns discursos de natureza, nos implicarmos em mais perguntas e fundamentarmos nossa existência em possibilidades.

Vejo isso como importante para que o campo da educação ambiental não se torne passivo diante das objetividades que nosso tempo-espaço moderno

RASTREANDO

Seguindo Pistas de um Duplo Campeiro no Pampa

inventa – como a partir das concepções científicas que “fecham” uma natureza em áreas protegidas, por exemplo -, mas que, enquanto campo de saber, se implique em perspectivas múltiplas e se experimente em conexões. Experimente fechar os olhos para ver, experimente uma zona vaga do pensamento, que possa deslocar ou dar espaço a respiros... devires...

Somos seres de natureza/seres de cultura. Permitti-me pensar nossa existência vinculada ao nosso tempo histórico e, assim, inconformada, tentei vincular processos humanos para além de uma linearidade que estreite nosso tempo-espaço, que nos feche em uma estética sem articulação com o que somos e de que forma nos construímos. Insisto que a educação ambiental pode assumir um papel importante em nosso tempo histórico, fundando-se em problematizações e análises que estimulem e sustentem a gravidade de buscas e experiências em maneiras de pertencer e agir. Imiscuídos de natureza e cultura, experiências em invenções... invenções em formas de vida...

O que é grave
É sabermos
que atrás da ordem deste mundo
existe uma outra
Que outra?
Não o sabemos.
O número e a ordem de suposições possíveis
neste campo
é precisamente
o infinito!
E o que é o infinito?
Não o sabemos com certeza.
É uma palavra que usamos
para designar
abertura
da nossa consciência
diante da possibilidade
desmedida,
inesgotável e desmedida.
E o que é a consciência?
Não o sabemos com certeza.
É o nada.
Um nada
que usamos
para designar
quando não sabemos alguma coisa
e de que forma
não o sabemos

RASTREANDO

Seguindo Pistas de um Duplo Campeiro no Pampa

e então
dizemos
consciência,
do lado da consciência
quando há cem mil outros lados.
E então?
[...]
(ARTAUD, 2017)

O próximo capítulo nos colocará diante de um modo de existência no Pampa, trazido pelo dito e não dito da tese, como uma experiência diferente com o tempo. O que inventamos por tempo? Como nos colocamos diante do tempo? Análises a partir de uma estética evidenciada no material empírico e, mais uma vez, a educação ambiental como possibilidade de suspeita. Traz-se a possibilidade do pensar como experiência e, assim, um desafio para esse campo de saber que poderá fazer-se em ensaio, conforme ensinamentos foucaultianos. Um olhar provocativo para o campo da educação ambiental na imbricação entre o político, o ético e o estético.

GUASQUEANDO O TEMPO
Uma Fabricação de Natureza no Pampa

CAPÍTULO 6

GUASQUEANDO O TEMPO
Uma Fabricação de Natureza no Pampa

GUASQUEANDO O TEMPO

Uma Fabricação de Natureza no Pampa

As imagens descem como folhas
No chão da sala
Folhas que o luar acende
Folhas que o vento espalha

Eu plantado no alto em mim
Contemplo a ilusão da casa
As imagens descem como folhas
Enquanto falo

Eu sei
O tempo é o meu lugar
O tempo é minha casa
A casa é onde quero estar
Eu sei

As imagens se acumulam
Rolam no pó da sala
São pequenas folhas secas
Folhas de pura prata

Eu plantado no alto em mim
Contemplo a ilusão da casa
As imagens se acumulam
Rolam enquanto falo

Eu sei
O tempo é o meu lugar
O tempo é minha casa
A casa é onde quero estar
Eu sei

As imagens enchem tudo
Vivem do ar da sala
São montanhas secas
São montanhas enlugaradas

Eu plantado no alto em mim
Contemplo a ilusão da casa
As imagens enchem tudo
Vivem enquanto falo

Eu sei
O tempo é o meu lugar
O tempo é minha casa
A casa é onde quero estar
Eu sei
(Ramil, 2017)

GUASQUEANDO O TEMPO

Uma Fabricação de Natureza no Pampa

Introdução

Este capítulo se propôs a exercitar o olhar para formas de existência no Pampa em relação ao seu tempo. Um Pampa como casa; um Pampa como tempo. Usando das palavras de Ramil, poderia dizer: “eu plantada no alto de mim, contemplo a ilusão da casa”. Como pesquisadora, trouxe uma “casa Pampa” como invenção. Por isso, talvez, a possibilidade da ilusão, visto que muitas são as possibilidades de “imagens” dessa casa. Imagens que nos enchem, mas que também vivem através de nós, de nossos olhares e sentidos. Invenções que vamos fazendo, constituindo a casa chamada Pampa. Muitas são as possibilidades.

Ditos e não ditos foram evidenciados e potencializaram uma analítica do enunciado traduzido como Natureza-Tempo. Um entrelaçamento entre cultura e natureza, aqui, sob a metáfora da arte da guasqueria, bastante utilizada nessa casa Pampa. Os guasqueiros são os artistas dos tentos e couros. Criam aperos, cordas, arreios, enfeites e outros utensílios e adornos da cultura do Pampa. Seu trançado torna-se singular e apresentam tramas e tranças, pontos e nós que vão caracterizando tempo e espaço. Este capítulo tem esta inspiração, traz o tempo como experiência, como um trançado que pode ser invenção, rizoma, deslocamento, multiplicidade, devir – tempo como experiência estética. Sob esses “trançados” em enunciações, me debrucei e exercitei meu olhar.

Um olhar sujeito, enquanto educadora ambiental, foi o que busquei. Um olhar que assumisse a posição de tomar a educação ambiental pela filosofia, problematizando essa possibilidade de existência estética no Pampa e desafiando o próprio campo de saber numa analítica que se atente aos rastros dos estudos de como nos tornamos aquilo que somos; do que estamos nos tornando.

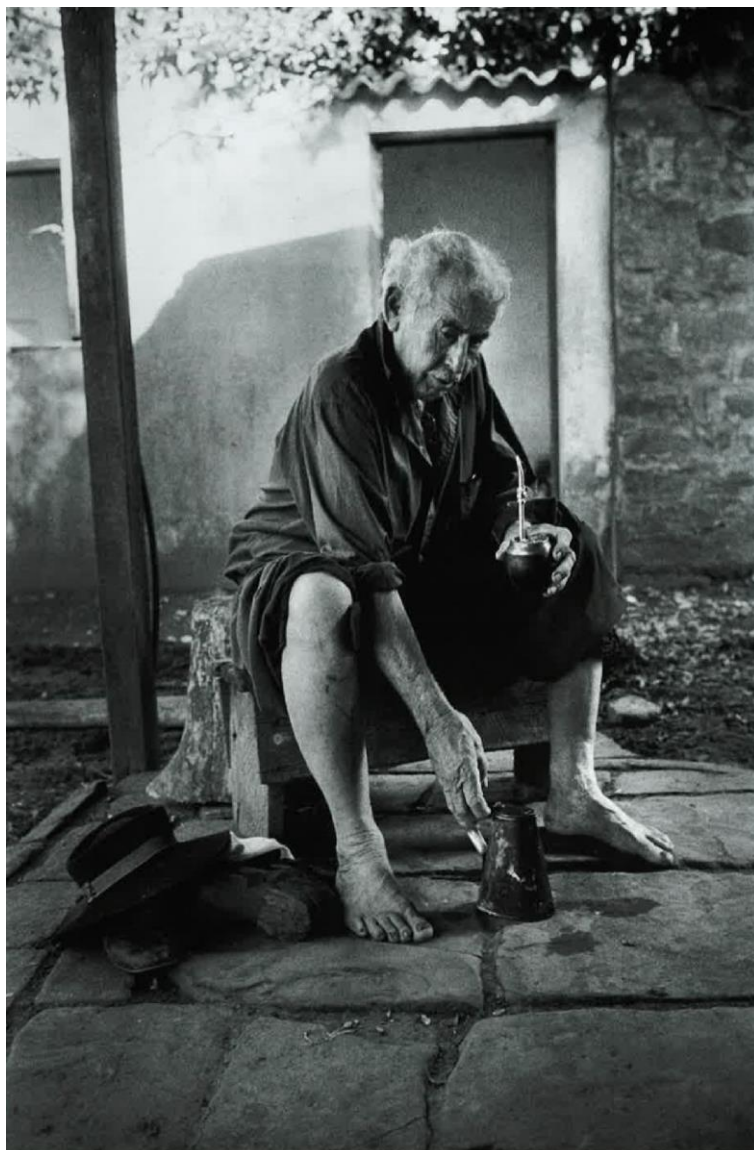
Para tanto, o olhar sobre o enunciado de “**Natureza-Tempo**” deste capítulo se fez no trânsito dos limites entre o político, o ético e o estético, partindo de uma educação ambiental como campo de saber que pode impulsionar um “cuidado de si”. Foucault; Deleuze; Guattari; Henning; Ratto; e Guimarães, entre

GUASQUEANDO O TEMPO

Uma Fabricação de Natureza no Pampa

outros me potencializaram no tempo deste capítulo e, com eles, convido o leitor nos trançados e tramas que seguem.

Guasqueando o Tempo / Natureza-Tempo



“Don Paulino Dofrechu tomando mate antes del almuerzo”. FABINI, 2012, p. 130.

GUASQUEANDO O TEMPO

Uma Fabricação de Natureza no Pampa

Um pouco de “tempo” já foi trazido no desenvolvimento desta tese, especialmente a partir do capítulo 4. Como já indiquei na introdução, este capítulo teve um “tempo” especial, pois houve, aqui, uma dedicação exclusiva para tratar de um enunciado que se fez aparecer no dito e nas imagens do material empírico: o enunciado de Natureza-Tempo. No exercício de dissecar minhas questões de pesquisa, principalmente no que tange à procura pela relação entre natureza e cultura na constituição do Pampa; em como se constitui o sujeito pampeano; e na busca de como se entrelaçam os ditos e os não ditos das fotografias pampeanas na fabricação de uma natureza, várias enunciações me remeteram ao tempo. Enunciações de hábitos como coisas que se repetem; enunciações de “memória-tempo”, nas quais instantes são como variações ou atualizações; e, por fim, enunciações que me levaram para “outros tempos”.

Assim, desfazendo o vínculo entre tempo e história nas implicações éticas e políticas de uma narrativa que busque verdades absolutas, aqui, com as entrevistas e imagens, fui trançando ou guasqueando enunciações que potencializaram a formação desse enunciado, o qual opera condições de invenção de uma forma de ser e estar no mundo do Pampa. Gilles Deleuze e Félix Guattari, em sua obra “O que é Filosofia” (1992), me ajudaram fundamentalmente a buscar esse enunciado pela filosofia, e com Michel Foucault, sigo a anatomia desse enunciado que é analisado em suas regras de formação e em sua operacionalidade. Chego, com eles, ao investimento necessário de pensarmos sobre a nossa e outras vidas; a nossa e outras existências; fabricações culturais; a maneira como vimos pensando e atuando. Invisto, então, sobre fabricações e entrelaçamentos, como tempo, natureza e o campo de saber da educação ambiental.

Assim, de início, me perguntei: que compromisso a educação ambiental tem com a vida? Que vidas estão aqui em jogo? A vida fechada em um presente – um tempo fechado cronologicamente? Estaria, a educação ambiental, desafiando-se a pensar nas estratégias de poder assentadas a partir de posições de sujeitos de transformações? E como ficamos nós, educadores ambientais, diante disso? Estamos “prontos” nesse campo de saber? Ou, de forma mais

GUASQUEANDO O TEMPO

Uma Fabricação de Natureza no Pampa

ampla, conseguimos nos atravessar e pensar formas múltiplas de vida; de natureza; de tempo – inclusive, problematizando-os; inventando-os?

Neste desafio, de nos pensarmos de uma forma mais ampla, no foco da educação ambiental, analisei enunciações que me provocaram numa tentativa de ultrapassar os limites da objetividade do que a racionalização de uma cultura ocidental moderna nos ensina. Tentei exercitar o pensamento para além dessa lógica, no que se justifica na importância desse campo para irmos além do já vivido. Quem sabe nos impulsionarmos para uma educação ambiental como possibilidade de ensaio (Foucault, 2012a)? Sobre isso, tratarei mais ao final deste capítulo.

Começo este estudo com um não dito, um imagético de um Pampa que nos traz “um tempo”. Barthes (2015) nos aponta que a fotografia congela o tempo a partir das imagens. Tento “dissecar” esse tempo e problematizá-lo numa fabricação de natureza possível que se fez evidenciada pelo material empírico. Meu desejo é tentar um “desacomodar” com as imagens: de que forma nos ensinam? De que forma nos trazem um tempo? Uma natureza?

A fotografia acima, de Fabini (2012), nos traz um sujeito do Pampa, um *gaucho*. Num jogo de luzes entre claro e escuro, a foto é de uma pausa antes do almoço. Que pausa é essa? Uma situação corriqueira, um homem que chega da lida do campo e, antes de almoçar, prepara seu mate, senta-se numa sombra, tira suas botas, seu chapéu e, com sua cuia, bomba e cambona, vai servindo-se da bebida quente. Pés descalços, unhas marcadas, corpo “despindo-se”, a pele pedindo ar... as roupas, bombacha e camisa dobradas e encurtadas... o cabelo desalinhado... em frente à casa, entrega-se à pausa. Entre um mate e outro, seu tempo e seus pensamentos, os quais se fazem na simplicidade e rusticidade de um ambiente. Um sentar-se quase de cócoras, um banco que “parece” avisar: a pausa por aqui é curta, não pode ser longa. Porém, curta não se fez essa vida: os grisalhos, as rugas, as marcas pelo corpo vão mostrando uma idade mais que adulta. Além disso, um olhar que se fixa no chão. Um chão de pedras recortadas e dispostas como tapete da entrada da casa, um tapete de pedras que termina onde se finca um pilar. O pilar de uma parreira? Faz calor. Talvez tenha uvas. E, novamente, o olhar... embora um olhar fixo, o que nos prende é o movimento do

GUASQUEANDO O TEMPO

Uma Fabricação de Natureza no Pampa

mate. Um movimento que é pausa, uma pausa para o mate, para pensamentos. Tempo-mate; mate-tempo; tempo-pensamento; pensamento-tempo.

Esse imagético nos ajuda a pensar numa construção pampeana, em um conjunto de elementos que o fotógrafo toma como “ser gaúcho”; “ser Pampa”; “ser natureza”. O elemento humano presente na fotografia tem os pés em contato direto com o chão, os pés diretamente nas pedras e, também, o homem se encontra “dentro” de uma sombra. Fabini diz que entende o Pampa

[...] nas suas conexões com a terra. Com sua conexão entre os animais e com sua geografia [...], nós gaúchos, nós somos parte do Uruguai mais austeros, mais áridos [...], os uruguaios são mais anarquistas, creio que somos autênticos, nos tratamos a todos iguais, na forma de ser não há diferenças... o Uruguai não tem religião, a religião está separada do Estado a muitos anos... então, o gaúcho a religião do gaúcho é mais a natureza... nesse sentido somos mais livres... é isso... (FABINI, 2017, Entrevista).

Quero destacar a relação que Fabini faz entre um Pampa, uma natureza, um tipo humano e algumas conexões que se caracterizam a partir da terra ou dessa terra do Pampa. A terra está como um elemento que vai conectar os outros elementos. É o fotógrafo que diz: “Isso é o que vejo, o basalto, há uma conexão dos animais com sua geografia... como o basalto... o caráter do gaúcho... o caráter dos uruguaios... somos particulares, mais austeros e mais livres” (FABINI, 2017, Entrevista). Uma relação entre cultura e natureza, na imbricação entre religião e natureza. Um sujeito que é representado, assumindo uma religião (*religo*), um agir preciso sobre essa natureza. Relacionando o dito com o que a imagem acima nos trouxe, aponte que a relação com a terra se destaca e há o caráter constituinte desse processo, o qual eu desenvolvo um pouco mais a partir de agora.

No capítulo 3, “Campo Afora”, nas páginas 68 e 69, já havia trazido a imagem e o dito de um gaúcho fotografado por Fabini, e que relaciona sua existência e sua própria constituição com a “terra onde pisa”, onde vive. Deleuze e Guattari (1992) nos ensinam que “pensar se faz antes na relação entre o território e a terra” (p.103), lembrando-nos da potência que um ambiente exerce e, mais que isso, alegando que há movimento no e sobre o espaço. Um

GUASQUEANDO O TEMPO

Uma Fabricação de Natureza no Pampa

movimento infinito de estar sobre a terra e de pensar: pensar é estar sobre a terra, territorializar-se, desterritorializar-se e reterritorializar-se nesse espaço.

Ainda:

A terra não é um elemento entre outros, ela reúne todos os elementos num mesmo abraço, mas se serve de um ou de outro para desterritorializar o território. Os movimentos de desterritorialização não são separáveis dos territórios que se abrem sobre um alhures, e os processos de reterritorialização não são separáveis da terra que restitui territórios. São dois componentes, o território e a terra, com duas zonas de indiscernibilidade, a desterritorialização (do território à terra) e a reterritorialização (da terra ao território). Não se pode dizer qual é o primeiro. [...]. (DELEUZE, 1992, p. 103)

Há uma infinidade de movimentos sobre um solo, em um determinado ambiente. Pensar é estar na terra e, também, relacionar-se com ela. Ocorrem diagramas de possibilidades, de intensidades e onde as verdades são contingentes. Não há transcendência, e sim, imanência, sem verdades absolutas e fixas. Imanência como o

[...] horizonte dos acontecimentos, o reservatório ou a reserva de acontecimentos puramente conceituais: não o horizonte relativo que funciona como um limite, muda com um observador e engloba estados de coisas observáveis, mas o horizonte absoluto, independente de todo o observador, e que torna o acontecimento como conceito independente de um estado de coisas visível em que ele se efetuará. [...] (DELEUZE, 1992, p. 46)

Assim, os territórios se sustentam em conceitos a partir de personagens que efetuam territorializações e desterritorializações. Para Deleuze e Guattari, os personagens conceituais são acontecimentos (IBIDEM, p. 133). O autor ainda nos diz que os conceitos são territórios, e não objetos. Entendo que todo conceito tem sua história e que se constrói em relação com outros conceitos,

Um conceito é uma heterogênese, isto é, uma ordenação de seus componentes por zonas de vizinhança. É ordinal, é uma *intensão* presente em todos os traços que o compõem. [...] O conceito é um incorporal, embora se encarne ou efetue nos corpos. Mas, justamente, não se confunde com o estado de coisas no qual se efetua. [...] o conceito diz o acontecimento, não a essência ou a coisa. É um Acontecimento puro, uma *hecceidade*, uma entidade: o acontecimento de Outrem, ou o acontecimento do rosto (quando o rosto, por sua vez é tomado como conceito). Ou o pássaro como

GUASQUEANDO O TEMPO

Uma Fabricação de Natureza no Pampa

acontecimento. O conceito define-se pela *inseparabilidade de um número finito de componentes heterogêneos percorridos por um ponto em sobrevoo absoluto, a velocidade infinita*. Os conceitos são “superfícies ou volumes absolutos”, formas que não tem outro objeto senão a inseparabilidade de variações distintas. [...]. O conceito é bem ato de pensamento neste sentido, o pensamento operando em velocidade infinita (embora maior ou menor). [...].

O conceito é, portanto, ao mesmo tempo absoluto e relativo: relativo a seus próprios componentes, aos outros conceitos, ao plano a partir do qual se delimita, aos problemas que se supõe deva resolver, mas absoluto pela condensação que opera, pelo lugar que ocupa sobre o plano, pelas condições que impõe ao problema. É absoluto como todo, mas relativo enquanto fragmentário. *É infinito por seu sobrevoo ou sua velocidade, mas finito por seu movimento que traça o contorno dos componentes*. [...]. (DELEUZE, 1992, p. 28,29 e 30). (Grifos do autor).

Quando trago a territorialidade pampeana como uma composição histórica, como no capítulo 2, quero me referir exatamente ao que venho desenvolver aqui. Uma relação com a terra, num manejo, num guasqueio de ser e viver que se opera em conceitos/territórios. Para além de acontecimentos que são pegos pela história como sucessão e que não são o interesse desta tese, tento ir ao encontro daqueles que podem “escapar à história”, como diz Deleuze (2000). Ou seja, procuro captar, de um acontecimento, seu estado de coisas, mas entendendo que o acontecimento em seu devir escapa à história; colocar as lentes sobre ela, procurando as condições daquilo que vem sendo tomado como verdade. Como nos disse Foucault (2008b), o desafio é distinguir os acontecimentos e analisá-los em sua engrenagem, como se engendram e se ligam.

Quando o fotógrafo Fabini nos fala acima da conexão dos *gauchos* com a terra, de sua relação com a terra, e a natureza sendo a religião deste *gaucho*, fico implicada a pensar novamente na fotografia apresentada acima pelo autor. Que relação se coloca nesse imagético? Que conexão podemos trazer a partir da imagem e de seu dito? Que natureza está aí colocada? Vou insistir em algo que apontei nos parágrafos anteriores. Destaco a posição central do gaúcho no cenário e sua atuação nesse conjunto. Temos um homem pensando, colocando-se mais à vontade, pés em contato com o chão, sem chapéu, roupas mais descontraídas e tomando mate. Pausa para descansar, pausa para matear, pausa para “pensar”. Fabini ainda diz que a natureza é a religião dos uruguaios.

GUASQUEANDO O TEMPO

Uma Fabricação de Natureza no Pampa

Tomei religião na sua etimologia, como forma de agir, em que nossa atuação pode ser capaz de harmonizar ou desarmonizar o universo. Relacionei ao sujeito que se conecta com e entre os elementos da imagem, da natureza. Que natureza? Parece-me que Fabini coloca esse humano ligado à natureza ou conectado com ela, mas, ainda assim, destaco que não é um humano apresentado como natureza, mas ligado e conectado a seus elementos. Aqui, me concentro no que Fabini nos indica como natureza – numa natureza que compõe suas fotografias. Nesse caso, temos, entre outros elementos, um elemento humano em tempo de pausa, em pensamentos. Um gaúcho no aconchego da casa, pensativo, talvez. Fabini nos traz a representação da cultura do gaúcho nesta cena, a cultura representada na fotografia, a qual está imersa no que chama de natural (o que me faz pensar que esse natural é trazido como cultural). É, então, uma trama importante para o campo da educação ambiental, potencializando-se a partir do pensar nas posições de sujeito que vamos assumindo. As fotografias nos ensinam: temos, nessa pedagogia do olhar, uma forma de como vamos nos educando para olhar o ambiente. Sendo assim, vejo a importância de evidenciar a potência do entrelaçamento que se faz entre cultura e natureza. A fotografia educa para possíveis educações para o ambiente, sendo um desafio para nós, educadores ambientais, que podemos pensar num trançar interessante – na esteira de Nietzsche (2008), a natureza está em transformação em suas manifestações, implicando, inclusive, em fazer cultura. Uma natureza em ascensão, como ação/devir.

A fotografia abaixo também pode nos ajudar nesse sentido.

GUASQUEANDO O TEMPO
Uma Fabricação de Natureza no Pampa



FRERS, 2012, p. 78 e 79.

GUASQUEANDO O TEMPO

Uma Fabricação de Natureza no Pampa

Esta fotografia foi indicada pela fotógrafa Celine Frers, quando, no momento da entrevista, lhe solicitei que me apontasse imagens de seu trabalho, relativas à natureza ou ao Pampa, que poderiam ser destacadas por ela. Além de seu livro, Frers prontamente selecionou esta e mais outra imagem³⁰. A fotografia trazida acima se associa ao que trago neste capítulo. Temos, novamente, sujeitos *gauchos* que estão no momento de descanso. “Los *gauchos* descansam em *la matera* [...]”, diz Frers sobre a foto (FRERS, 2012, p. 78). Outra vez o aconchego da casa, como disse Ramil, acima: “[...] o tempo é meu lugar / o tempo é minha casa / a casa é onde quero estar [...]”. Um tempo que se faz casa, se faz pausa, se faz pensamentos. Uma imbricação entre cultura e natureza naquilo que é trazido como cena no imagético. Vejo que o que tomamos por natureza não pode mais ser pensado enquanto natureza fechada em áreas protegidas, por exemplo, ou enquanto uma natureza de campos verdes onde se sobressaem paisagem e não humanos. Aqui, a cultura gaúcha é retratada numa perspectiva de natureza; uma natureza que se faz casa; uma casa que se faz natureza. Como estamos nos colocando diante de tais imagens? Como disparar o pensamento para problematizar essa imbricação entre cultura e natureza? Como potencializar educações ambientais que se coloquem a problematizar nossas relações entre dois elementos disparatados, como nos ensinou e ainda ensina a modernidade? Visto isso, parti para uma melhor análise da fotografia.

Uma *matera*; um recinto para matear; um lugar de pausa, de descanso; lugar rústico e simples. Elementos humanos; não humanos; utensílios; ferramentas. Existe uma composição aquecida por um tímido fogo. Na lareira, de tamanho grande, há uma pequena cambona, mas o mate está “parado”. Dois gaúchos miram uma galinha que cisca. Um calendário marca dias e meses, sinaliza um ano. Outros calendários, mais “gastos”, também fixados na parede, foram sobrepostos e parecem ir registrando passagens. Assim como os desenhos na lareira, na lateral e na chaminé, há marcas ou registros que fixam passagens dessas vidas. “Feitos” de uma vida, de vidas, maneiras de se

³⁰ A outra imagem indicada por Celine Frers está analisada no Capítulo 5 e reproduzida na p. 144 desta tese.

GUASQUEANDO O TEMPO

Uma Fabricação de Natureza no Pampa

organizar, maneiras de organizar o espaço-tempo. De um osso, foi feito cabide; de outro, enfeite em cima da lareira. O osso que adorna a lareira fazia parte da coluna vertebral de algum cavalo. É um costume campeiro guardar o “pedaço de osso”, podendo destacar a afetiva relação humano-cavalo, bem como o domínio sobre a natureza.

Um ambiente que inspira uma convivência mais “livre” entre humanos e não humanos, como é trazido através da galinha que, solta, pôde adentrar, ciscar e percorrer o recinto. Um ambiente que inspira, também, silêncio e pensamentos. As cores são neutras e sóbrias. Talvez, cores que inspirem a austeridade de que falou Fabini, anteriormente. A seriedade do silêncio, do “rigor” dos pensamentos, numa junção de quietude que associa simplicidade, rusticidade, fogo, animais humanos e não humanos, lenha e utensílios. Todos destacados pela singela luz solar que penetra pela janela e sugere um certo conforto ambiental. A temperatura deve estar fria, a estação do ano deve ser de frio, mas, na mateira, nos parece *más caliente*, mais confortável, parece haver maior conforto térmico do que no ambiente externo, embora continuem vestidos e protegidos, inclusive com suas boinas.

Há um tempo, nesta imagem, que mescla natureza e cultura e que remete a casa como lugar; silêncio; pensamentos; melancolia. Vieira (2017) ajuda a ilustrar, além da fotografia e por meio da música, a articulação entre cultura e natureza, o que reforça a importância de pensarmos as práticas culturais como pedagógicas para o campo da educação ambiental. Assim como o cenário fotográfico vem nos ensinando, a autora nos lembra de que o cenário musical também faz isso:

[...] vimos fabricar-se uma paisagem fria e invernal ante uma poetização do frio na constituição desse cenário. Compreendemos que o frio (na música pampeana) apresenta-se não só como elemento natural, mas também cultural, dando rosto a um tipo específico de sujeito, o gaúcho. [...]. (VIEIRA, 2017, p. 21)

A lida dos *gauchos* e sua relação com a terra continuam presentes nesta foto. Embora esses homens estejam parados e descansando, em silêncio e em pausa, um gaúcho segura uma faca; o outro tem uma mão machucada e um

GUASQUEANDO O TEMPO

Uma Fabricação de Natureza no Pampa

curativo em um dos dedos. Dados que podem indicar sua lida junto aos outros elementos do ambiente, como o trato com a ave, as lenhas depositadas “soltas” na madeira, ossos expostos em decoração ou em uso; uma paisagem que se integra na janela e por um vidro transparente. O vidro separa, mas o vidro também deixa ver, pode integrar olhares a uma paisagem de árvores. O momento é de pausa, o tempo é de silêncio, pausa, silêncio em pensamentos.

[...] Pensar é experimentar, mas a experimentação é sempre o que se está fazendo – o novo, o notável, o interessante, que substituem a aparência de verdade e que são mais exigentes que ela. O que se está fazendo não é o que acaba, mas menos ainda o que começa. A história não é experimentação, ela é somente o conjunto das condições quase negativas que tornam possível a experimentação de algo que escapa à história. Sem história, a experimentação permaneceria indeterminada, incondicionada, mas a experimentação não é histórica, ela é filosófica. (DELEUZE, 1992, p. 133)

Além de Larrosa (2015), que em capítulos anteriores contribuiu com seus ensinamentos sobre experiência, aqui trago Deleuze e Guattari. O que os filósofos nos trazem sobre experiência se faz pertinente neste momento da tese. A partir do que o dito e o não dito evidenciaram, apresento o silêncio como possibilidade de experiência. Talvez seja interessante lembrar o que sustentei no capítulo anterior sobre a possibilidade de nos implicarmos em zonas vagas, necessários vazios cheios de pensatividade. Assim como pela pensatividade, podemos “fazer as imagens falarem no silêncio” (capítulo 5, p. 6). Provoco-me, então, no quanto as imagens podem falar “no silêncio”, mas também, neste andamento da tese, “do silêncio”. Pelo não dito e, a partir dos ditos que seguem no decorrer deste texto, faz-se interessante pensar no silêncio como experiência. Como disse Deleuze (Ibidem), pensar é experimentar, então, nos provoquemos no que o *corpus* discursivo trouxe como silêncio/quietude/um calar contido numa forma de ser que parece se provocar em pensamentos. Um tempo-espaco de pensatividade.

Celine Frers, falando sobre a última fotografia apresentada, nos diz sobre essas pessoas que “vivem na natureza”, que vivem no Pampa:

GUASQUEANDO O TEMPO

Uma Fabricação de Natureza no Pampa

Pessoas que vivem em sintonia com a natureza [...] tem a mesma sensibilidade, tem a mesma honestidade... muito ligadas a natureza... os gaúchos [...] encontrei num posto a 100 km de estrada de terra de qualquer outra estrada principal... eles, os dois. Ali tem todos os componentes desse imaginário do Pampa. É como se imagina o Pampa. Um posto perdido, a hora da sesta, esse tempo entremeio... entremeio... entremeios e todos os calendários típicos [...]. Isso é atual, se passa atualmente. [...]. isso é o Pampa. Não há estilo turístico lá, não há... é mais produtivo do que qualquer outra coisa. Se colocam quietas, sem agitações, confusões. (FRERS, 2017, Entrevista)

A fotógrafa nos fala de uma natureza no Pampa, onde as pessoas vivem em “sintonia”. Há um “entremeio” que chama a atenção. Um tempo entre tempos. Como foi dito por ela, “esse entremeio... entremeio... entremeios e todos os calendários típicos”. Os calendários em nossa cultura ocidental são marcadores e indicadores da utilização do tempo, assim como os relógios. Celine Frers aponta para os calendários, mas destaca o tempo “entremeios” que os gaúchos fazem. Parece-me necessário evidenciar que o dito e as duas fotos até agora apresentadas neste capítulo nos trazem olhares e leituras de um “tempo”.

Entremeios ou tempos como possibilidades de entregar-se aos pensamentos, ao silêncio, a uma espécie de quietude. Há um silêncio contido nessa forma de ser em que há “sensibilidade” e “honestidade” – nos diz a fotógrafa, destacando, ainda, a sintonia dessas pessoas com a natureza. Noto que Frers se coloca, de certo modo, apaixonada e idealista com o que toma por natureza; Pampa; modo de ser gaúcho. Mas, na procura do caráter constituinte que esses ditos e não ditos nos trazem, quero ser cuidadosa lembrando que, envolvidos na cultura, assumimos verdades. Sendo assim, a associação entre sintonia, sensibilidade, honestidade e entremeios pode ser discutida para além de uma naturalização com seus possíveis efeitos sobre a natureza e a “sintonia” entre humanos e o restante da natureza. Entendo que a relação entre a terra e seus elementos com movimentos de territorialidades, desterritorialidades e reterritorialidades se configure de forma peculiar no que é tomado por Pampa, diante de um processo cultural moderno e ocidental que se impõe pela pressa e rapidez; pelo efêmero e descartável; pela utilização de diferentes tecnologias e mídias. Logo, o espaço-tempo do Pampa se mostra em elementos distintos das exigências da occasio moderna (capítulo 4). Há, no Pampa, evidência de uma

GUASQUEANDO O TEMPO

Uma Fabricação de Natureza no Pampa

vinculação com a terra e, a partir das atividades domésticas, atividades laborais e atividades de lazer, isso é dito e mostrado pelo não dito. Atividades que produzem enunciações de sintonia, conexão, quietude, solidão, entremeios, lentidão, silêncio.

No entanto, lembro que essas fotografias nos ensinam sobre natureza. Assim, nos ensinam sobre uma natureza no Pampa. Ou seja, o olhar dos fotógrafos nos traz seus entendimentos de Pampa, natureza, conexão, tempo e modo de ser gaúcho. São narrativas que trazem os seus “focos”. E nós? O que fazemos com isso? De que forma pensamos sobre o que está sendo focado? Sobre o que é colocado em cada fotografia? Como nos provocamos em pensatividade a partir dessas imagens? Ou não há implicação? De que forma pensamos sobre o que a fotografia nos traz? Que invenções estéticas entram em jogo nessas cenas? Que ensinamentos há sobre o ambiente aí implicados?

Existe um discurso romântico de natureza, trazido no capítulo 2. Uma natureza idealizada e que é retratada no campo; que pode ser vista *neste* Pampa que está no campo, com gaúchos que aí se encontram e aí vivem. E é nessa terra e sob esses ditos de uma natureza romântica que uma natureza vem sendo trazida ou fabricada pelas fotografias – o que também vem sendo colocado a partir dos ditos dos fotógrafos, que alegam a importância dessa manutenção ou continuidade cultural que contrasta com os modos de vida urbanos. Lembro-me de Guimarães, quando problematiza sobre isso.

Será que os seres humanos só podem ser vistos como destruidores do mundo natural? É possível generalizar a degradação ambiental do nosso tempo a toda e qualquer forma de vida humana? Seria também interessante pensarmos na preservação de culturas e modos de vida mais sintonizados com a natureza? Mas isso não faria com que grupos humanos não pudessem compartilhar, por exemplo, dos possíveis “ganhos” que as “novas” tecnologias nos possibilitam? Como podemos aliar a preservação cultural e ambiental com a necessária conexão global que se torna quase um imperativo dos nossos tempos? (GUIMARÃES, 2008, p. 95)

Para a educação ambiental, percebo a importância de nos implicarmos no devido aprofundamento dessas dicotomias entre o urbano e rural (abordadas

GUASQUEANDO O TEMPO

Uma Fabricação de Natureza no Pampa

nos capítulos anteriores), mas quero evidenciar que, para além da dita dicotomia, existem muitas e variadas invenções culturais. No Pampa, temos um processo cultural querendo ser preservado pelos fotógrafos que aí registram seu olhar na tentativa de manutenção desse modo de ser gaúcho. Para tal, Guimarães muito bem nos coloca em alerta. As fotografias nos trazem um Pampa rural, e é preciso perguntar: existe Pampa fora do rural? Existe gaúcho fora do rural?

Conforme o *corpus* de pesquisa, há uma natureza recortada pelos fotógrafos e suas lentes, *no campo, habitada* por gaúchos. Ou ainda, como nos apresentou Zé Paiva, uma natureza em áreas protegidas. Há uma pedagogia nessas imagens. São imagens que nos provocam, seja pelo poético e lírico, seja pela intenção de representação e manutenção cultural. Nessa aprendizagem, as fotografias indicam *uma* natureza no Pampa que se faz *no campo dos* gaúchos e, ainda, principalmente junto àqueles que mantêm sua tradição cultural. Porém, vejo que nessas composições de cultura e natureza, entre ditos e não ditos, se destaca a relação com o tempo.

As próximas fotografias nos exemplificam um pouco mais do que venho colocando. Vejamos duas fotos de Celine Frers.

GUASQUEANDO O TEMPO
Uma Fabricação de Natureza no Pampa



FRERS, 2012, p. 82.

GUASQUEANDO O TEMPO
Uma Fabricação de Natureza no Pampa



FRERS, 2012, p. 97

GUASQUEANDO O TEMPO

Uma Fabricação de Natureza no Pampa

A primeira nos mostra um gaúcho; um carro que foi conduzido através de uma porteira; uma porteira de ferro; um pôr do sol; um alambrado; uma estrada. A posição do gaúcho é o destaque com *el coche* mais ao fundo. Uma porteira para ser fechada: o homem está parado e escorado sobre ela. Olha ao longe. Novamente a lentidão, novamente a pausa. Esboçando um leve sorriso, há uma quietude. Silêncio, lentidão, tempo, pensamento.

A segunda fotografia traz um grupo mateando no intervalo de trabalho. Mato, árvore, homens, mate, fogo, cambona, pastagem, lentidão, tempo, silêncio. Embora estejam quase todos os rostos voltados para o mesmo lado, parecendo escutar alguém, o *punctum* é a quietude, a prontidão, a atenção. Novamente silêncio, lentidão, tempo, pensamento.

Na sequência de pensar as fotografias, sigo abaixo, com Fabini. Na *matera*, conforme a legenda (FABINI, 2012, p. 60), dois gaúchos “tomam mate e fumam enquanto esperam o almoço”. A rusticidade está presente; ambiente de pouco acabamento; paredes marcadas; mobiliário simples; uma bacia de louça; um pano pendurado; toalhas sobre a mesa e apoio; os homens sentados; mate; cigarro. O *punctum* se dá num olhar. Em primeiro plano, o olhar do gaúcho incomoda, implica e parece intrigar-se sobre “nossa” presença nesse espaço-tempo. Silêncio, lentidão, tempo, pensamento.

Na continuação, temos outra fotografia. O ambiente de um comedouro. Segundo Fabini (2012, p. 64), trata-se de pai e filho, trabalhadores de uma estância. Rusticidade e simplicidade compõem o conjunto. Um jogo de luzes entre o claro e escuro mostra formas e sombras. Uma mesa baixa, panelas, uma delas apoiada em papel. Novamente, um olhar intrigante, um olhar que nos mira e outro olhar que se vai longe. A quietude de um encontro entre dois homens para comer. Silêncio, lentidão, tempo, pensamento.

GUASQUEANDO O TEMPO
Uma Fabricação de Natureza no Pampa



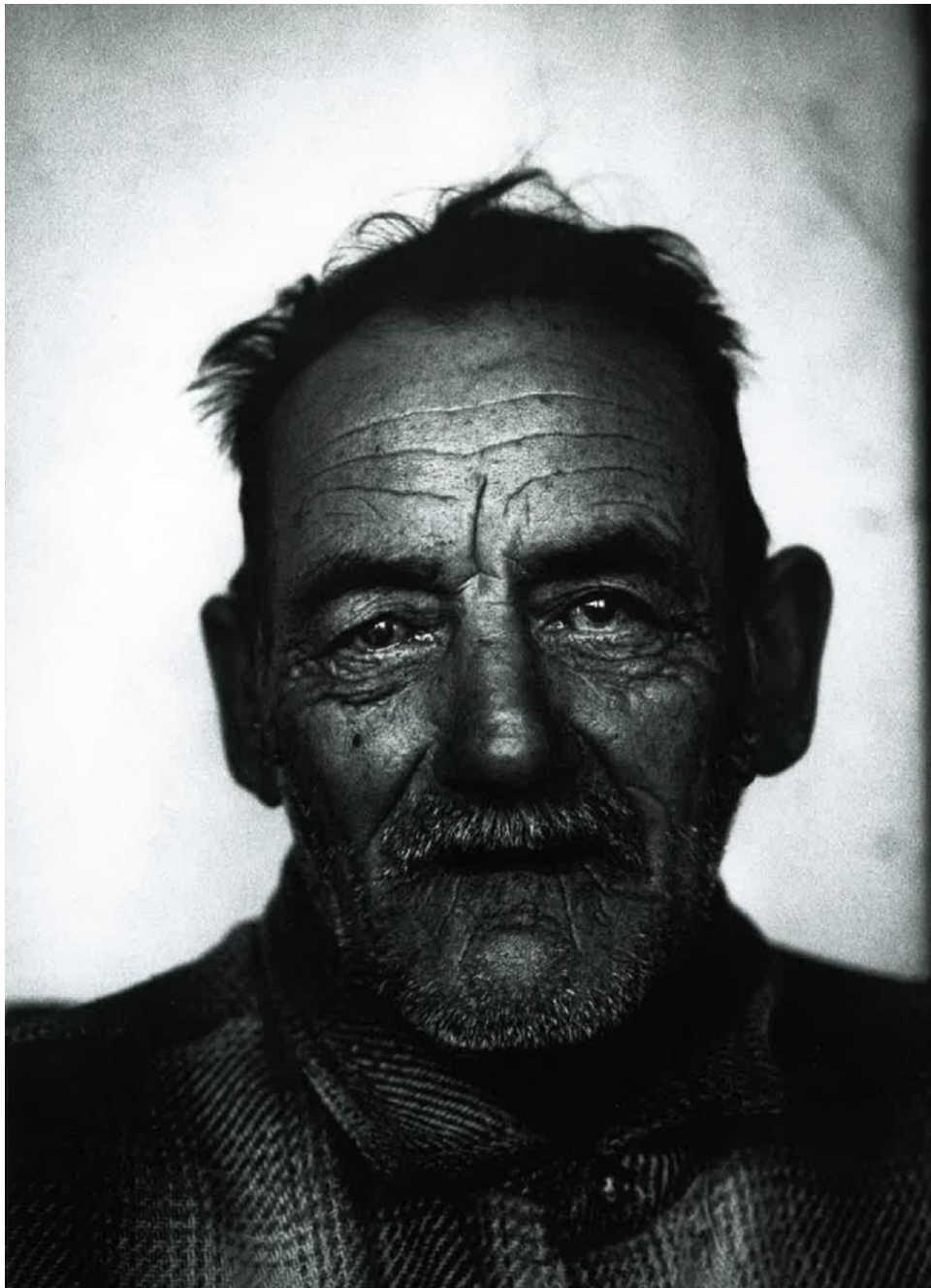
FABINI, 2102, p 60

GUASQUEANDO O TEMPO
Uma Fabricação de Natureza no Pampa



FABINI, 2012, p. 64

GUASQUEANDO O TEMPO
Uma Fabricação de Natureza no Pampa



FABINI, 2012, p. 31

GUASQUEANDO O TEMPO

Uma Fabricação de Natureza no Pampa

A imagem da página anterior traz um rosto. Um retrato. De imediato, um *punctum*. Uma visível marca vertical na testa, um vinco forte e profundo. Essa marca nos atravessa e parece sinalizar um tempo. Se pensarmos no desenho que esse vinco faz com as outras linhas horizontais de sua testa, podemos “ver” um “T”. Um T de tempo? Um rosto marcado. Cabelo curto e desalinhado. Olhos profundos e úmidos. Mais um olhar que nos mira; mais um olhar de quietude, de vagarosidade, de silêncio. Barba e bigode parecem vestir esse rosto como a lã em seu tronco. Vincos na pele que nos apontam frio, vento, cerração, fadiga, calor, lida ou muitas lidas. Um rosto em silêncio. Silêncio, lentidão, tempo, pensamento.

Larrosa (2015) nos lembra do quanto o silêncio é também um efeito de poder. O poder pode fazer intimidar e calar; como também, a partir de critérios de legitimidade, fazer falar. São movimentos sobre a terra. Deleuze e Guattari (1992) nos lembraram, no início do capítulo, das inúmeras possibilidades de relações que aí podem se instaurar (ou não). Sobre a terra, se assentam esses sujeitos que nos mostram tempos de lentidão e silêncio. Assim, vou pelos caminhos que possam sustentar um olhar para essa terra numa relação com essa lentidão e com o silêncio. Numa relação com o tempo e sua experiência. Enunciações que fui trazendo pelo não dito e pelo dito.

Eu me criei no campo [...] e me criei com os gaúchos. [...] no campo, eu saía a cavalo todos os dias com os gaúchos e sempre me encantou, isso. Isso também era a natureza... isso... de criar-me dormindo com as estrelas... todas essas coisas, vivi [...]. Para mim a natureza é a vida [...]. menos gente, mais isolado, mais devagar, mais lento. Sinto como que... não sei... sinto a essência da vida... esse lugar... essas pessoas, essas pessoas que estão em lugares como esse, por exemplo, dos gaúchos do livro, porque segue tendo aí, com os gaúchos do Pampa, essa gente que está no meio da natureza, arraigada na cultura, são mais simples na forma de pensar, sem tanta volta, mais devagar, sentem a natureza de forma mais existencial [...]. (FRERS, 2017, Entrevista)

Neste dito de Frers, evidencio algumas enunciações que já foram trazidas em não ditos anteriores. A fotógrafa trouxe seu encantamento em “sair a cavalo, dormir com as estrelas”. Trabalhar e analisar possíveis enunciações de um enunciado que se forjou em natureza, tempo, conexão, campo/terra me fez

GUASQUEANDO O TEMPO

Uma Fabricação de Natureza no Pampa

destacar esse dito na seguinte ligação colocada: humanos – campo – não humanos. Frers, fazendo essa ligação, reforçou mais uma vez ditos já apresentados, sobre lentidão, isolamento e vagareza desse Pampa, dizendo que isso é natureza. Temos, então, uma “terra” que é mostrada numa associação entre humanos, campo e não humanos, em um “tempo” destacado como diferente, mais simples e mais lento. Há uma territorialidade pampeana e uma composição histórica que vão sendo tomadas como verdade ou verdades. Barthes já dizia que as imagens são construídas historicamente (2006). Lembro que as verdades são contingentes e ocorrem em diagramas de possibilidades, assim, vamos aprendendo sobre uma natureza no Pampa. Uma natureza que se apresenta em “seu” tempo, o qual vai sendo trazido em quietude, lentidão, silêncio, pensamento.

Importante desenvolver um pouco mais o que fui tomando como tempo. As contribuições de autores como Gilles Deleuze e Félix Guattari foram fundamentais em tal sustentação. Assim, o tempo por referência pode ser identificado de duas maneiras:

[...] por um lado o tempo como todo, como grande círculo ou espiral que recolhe o conjunto do movimento no universo; por outro lado o tempo como intervalo, que marca a mais pequena unidade de movimento ou de acção. O tempo como todo, o conjunto do movimento no universo, é o pássaro que plana e que está sempre a alargar o seu círculo. Mas a unidade numérica do movimento é o batimento de asas, o intervalo entre dois movimentos ou duas acções que cada vez se torna mais pequeno. O tempo como intervalo é o presente variável acelerado e o tempo como todo é a espiral aberta nas duas extremidades, a imensidade do passado e do futuro. Infinitamente dilatado, o presente tornar-se-ia o próprio todo; infinitamente contraído, o todo passaria pelo intervalo. [...] (DELEUZE, 2009, p. 57)

Deleuze desenvolveu essa outra modalidade de tempo, um tempo mais informal, a partir de três sínteses que foram por ele discriminadas. O hábito, a memória e a repetição (eterno retorno), instaurando uma outra concepção para compreendermos o tempo. Não mais de forma retilínea e em linearidade, mas por saltos, rupturas e variadas velocidades (DELEUZE, 1974). Apresenta-nos o tempo de Cronos e o tempo sob a égide de Aion. Um tempo subjetivo, ao invés de objetivo e cronológico. Não mais a linha, ou o círculo, mas pensar o tempo

GUASQUEANDO O TEMPO

Uma Fabricação de Natureza no Pampa

em espiral, ou seja, passado, presente e futuro não mais como segmentários e contínuos. Mas o tempo como multiplicidade.

[...] E a multiplicidade, [...] segue a lógica do rizoma, a saber: cada ponto se conecta com qualquer outro, ele é feito de direções móveis, sem início ou fim, mas apenas um meio, por onde ele cresce e transborda, sem remeter a uma unidade ou dela derivar, sem sujeito nem objeto. O que vem a ser o tempo quando ele passa a ser pensado enquanto multiplicidade pura ou operado numa multiplicidade pura? [...]. (PELBART, 2011, p. 231)

Tempo? Pampa? Natureza? Sujeitos? Multiplicidade? Pensar o material empírico enquanto multiplicidade? Neste capítulo e em anteriores, vimos um sujeito pampeano dito e mirado numa forma de ser e estar mais “conectada” com a natureza. Uma natureza dada como equilibrada; como religião; como ligação; como sintonia. Alguns desses elementos foram mostrados em outros capítulos, produzindo dualidades e/ou diferenças. Assim, fui me provocando em análises que, sustentadas nos ensinamentos foucaultianos, me mostraram um sujeito pampeano preso a sua identidade pelos saberes e às formas de poderes que categorizam esse indivíduo (1995) – e que neste texto vou tentando problematizar em relação a um “tempo”.

Um tempo focado e revelado pelos fotógrafos que chegaram a *esta* terra. Uma *terra* que fez parte de suas infâncias e que, de alguma forma, os constitui. Um Pampa que foi recortado por esses fotógrafos como terra de gaúchos e terra de natureza. De tal modo, chamaram a atenção para outro tempo nesse Pampa: um tempo que foi trazido por eles em suas fotografias e nos seus ditos, um tempo que destacaram como um estado de interação com essa natureza. Perguntei-me: como se dá essa interação? Como está colocado, esse humano, em interação com a natureza?

Considerando as enunciações em conexões e tempos diferentes que ocorrem nesse Pampa, percebi que aqui havia uma singularidade de situação, o que possibilitou, como átomo dessa formação discursiva de natureza, pensar e destacar um enunciado, perseguindo uma fabricação discursiva de natureza. Uma natureza onde o humano se encontra *sintonizado* numa experiência de tempo diferente dos urbanos. E aqueles que não estão no campo? Nessa

GUASQUEANDO O TEMPO

Uma Fabricação de Natureza no Pampa

possibilidade discursiva de *natureza* do Pampa, quem nele não está não se encontra conectado à natureza? Pode haver conexão fora desse Pampa? Apesar de ver várias possibilidades discursivas para o que tomamos como natureza, percebo a força com que os entrevistados trazem um Pampa como espaço de *conexão*. Um espaço de natureza. Ou, ainda, uma *terra* de *sintonia* e de *lentidão* entre humanos (gaúchos), campo e não humanos. O que está sendo tomado, então, por natureza?

Insisto que, para além das dualidades como humanos conectados ou desconectados; humanos sintonizados ou não sintonizados, um olhar interessante pode estar presente a partir da problematização da posição assumida por esses sujeitos que vêm fabricando esse discurso de natureza. Notei que os sujeitos fotógrafos e suas fotografias partem de um entendimento de que existe uma sintonia maior com a natureza, partindo de suas vivências que se fizeram nas terras do Pampa e das vivências que procuraram focar em suas fotografias, reproduzindo-as e ensinando aos outros a partir delas. Dessa forma, trazem em suas fotos um humano em seu processo cultural numa composição de natureza. *Como natureza?*

Nos ditos, temos o humano que sintoniza com a natureza – colocado no Pampa, e vem ser evidente também nos não ditos; e o humano que não sintoniza com a natureza – fora do Pampa, o que vem reforçar os ditos humanistas que foram trazidos no capítulo 4, de uma visão de natureza romântica situada no campo. Mas, é essa possibilidade de uma formação discursiva, essa possibilidade de fabricação discursiva – que coloca humanos (gaúchos), campo (Pampa) e não humanos como conectados em um tempo diferente – que eu quero problematizar melhor a partir de agora. Percebi um tempo e uma natureza sendo demonstrados e, indo mais fundo a essa discursividade, cheguei com essas enunciações ao enunciado de Natureza-Tempo. Um tempo que, como coloquei anteriormente, se mostrou em quietude, lentidão, pensamentos, silêncios. Um tempo que fui aproximando da possibilidade de experiência.

Temos um tempo mais distanciado de Cronos, ou da ordem cronológica presente no modo de existir moderno. Faço uma aproximação do tempo como experiência, relacionando-o, também, à possibilidade de uma pensatividade.

GUASQUEANDO O TEMPO

Uma Fabricação de Natureza no Pampa

“Pensar é estar sobre a terra” (p.159) e, na análise dessa relação, fui pinçando as enunciações apresentadas, investindo nessa perspectiva do tempo como experiência.

Todo corpo, toda coisa pensa e é um pensamento, na medida em que, reduzida às suas razões intensivas, exprime uma Idéia cuja atualização ela determina. Mas o próprio pensador faz de todas as coisas suas diferenças individuais; é neste sentido que ele é encarregado das pedras e dos diamantes, das plantas “e dos próprios animais”. O pensador, o pensador do eterno retorno, sem dúvida, é o indivíduo, o universal indivíduo. É ele que se serve de toda a potência do claro e do confuso, do claro-confuso, para pensar a Idéia em, toda a sua potência como distinta-obscura. Além disso, é preciso lembrar constantemente o caráter múltiplo, móvel e comunicante da individualidade; seu caráter implicado. A indivisibilidade do indivíduo diz respeito apenas à propriedade das quantidades intensivas de não se dividirem sem mudar de natureza. Somos feitos de todas essas profundidades e distâncias, dessas almas intensivas que se desenvolvem e se reenvolvem. Chamamos de fatores individuantes o conjunto dessas intensidades envolventes e envolvidas, dessas diferenças individuantes e individuais, que não param de penetrar umas nas outras através dos campos de individuação. A individualidade não é o caráter do Eu, mas, ao contrário, forma e nutre o sistema do Eu dissolvido.
(DELEUZE, 1988, p. 240)

Para Deleuze, a individuação é um processo que atinge toda a abrangência do ser. Tudo que o ser se apropria vai ser um resultado de individuação geradora de presente vivo, um tempo de individuação. Essa é a primeira síntese do tempo do autor, que aparece como uma síntese passiva e constituinte do EU, tendo a sensibilidade como operadora. É o hábito: “Um hábito é uma disposição de expectativa com relação a alguma coisa que se repete. Um hábito é um presente vivo que contrai o passado e antecipa o futuro”. (GUALANDI, 2003, p. 73). Podemos pensar, aqui, na relação entre sujeito e mundo, sem a possibilidade de separá-lo de seu mundo externo, pois faz parte de si. É um sujeito que se torna articulação com o mundo. É acontecimento enquanto produção do hábito.

[...] Somos água, terra, luz e ar contraídos, não só antes de reconhecê-los ou de representa-los, mas antes de senti-los. Em seus elementos receptivos e perceptivos, como também em suas vísceras, todo o organismo é uma soma de contrações, de retenções e de expectativas. No nível desta sensibilidade vital primária, o presente vivido já constitui

GUASQUEANDO O TEMPO

Uma Fabricação de Natureza no Pampa

no tempo um passado e um futuro. Este futuro aparece na necessidade como forma orgânica da expectativa; o passado da retenção aparece na hereditariedade celular. [...] (DELEUZE, 1988, p. 77)

Já na sua segunda síntese, o tempo é multiplicidade; o ser é multiplicidade. O instante é uma variação, uma atualização do tempo eterno. Aqui, o presente e o futuro estão contidos no passado. Nessa segunda síntese do tempo, há a produção de subjetividade, em que as relações de sentido estão sempre relacionadas a relações de não sentido. São muitas combinações possíveis, o que possibilita uma infinidade de possibilidades (diagrama de possibilidades), havendo sempre a relação entre o atual e o virtual. A realidade ou a memória se fazem a partir de combinações na coexistência entre o atual e o virtual, enquanto multiplicidade.

Com a terceira síntese do tempo, Deleuze (1988) apresenta o ser do devir. O ser é tempo. Traz o futuro a partir da repetição do eterno retorno. Ou seja, o “[...] eterno retorno é o tempo global que compreende todos outros tempos e que utiliza a morte entrópica para desfazer a ordem linear do tempo em uma gênese produtora de diferença [...]” (GUALANDI, 2003, p. 78). O que se repete é a diferença para Deleuze. Não se repete a cópia, o idêntico, mas sim, a diferença. Então, o ser e a própria estrutura estão subordinados ao tempo. Sob a esteira de Nietzsche, esse autor apresenta o eterno retorno como o Caos originário, a *Natura naturans*, na qual o que volta é o não mesmo; o desigual. O que retorna e repete é o outro-ser do devir. Temos, assim, o eterno retorno da diferença. É o futuro que se repete, mas não simplesmente como resultado, mas como obra de processos que recusam hábito, memória e agente (PELBART, 2000), portanto, impossível de ser antecipado.

É aí que Deleuze (1988) nos traz o tempo como exterioridade, pois corresponde ao por vir; acontecimentos novos; subjetivações por vir na intuição do eterno retorno que se faz pensamento, em que temos o ser-tempo (totalidade infinita).

[...] Aquilo que, no Cosmo, retorna eternamente não é a forma acabada do *Dasein* humano [consciência humana] mas a diferença singular, jamais completamente atualizada, que prolonga um indivíduo além de

GUASQUEANDO O TEMPO

Uma Fabricação de Natureza no Pampa

sua identidade e de sua morte “pessoal”. A ultrapassagem da morte na afirmação do eterno retorno é o que define o objetivo ético autêntico do Pensamento, o fim supremo da Cultura. (GUALANDI, 2003, p. 82) [grifo do autor]

Dessa forma, e seguindo esses ensinamentos, adotei o tempo como brecha, acontecimentos, subjetividades por vir, devires. Pude pensá-lo para além de uma variação, como possibilidade de diferenças diante dos planos de imanência, pois todo corpo pensa e toda coisa pensa: o “ato de pensamento é sempre e ao mesmo tempo o efeito de um encontro contingente e o produto de uma construção metódica que transforma o acaso em necessidade” (IBIDEM, p. 95). Organizando o que até agora apresentei, chamo atenção aos planos de imanência. Criamos os planos de imanência, pois um plano se dá a partir do diagrama de possibilidades, movimentados pelos territórios, nos quais os conceitos são flexíveis, havendo movimento. Situamo-nos no plano de imanência e organizamos um pensar para além das interações que estabelecemos como intensidades, como corpos. É assim que um plano de imanência estará sempre sendo guasqueado e trançado... no pensamento como devir.

Há uma necessidade de conceber uma exterioridade que não seja transcendente. Uma exterioridade na imanência. E o pensamento, embora mergulhado em verdade(s), liga-se à possibilidade de não adequação ao objeto. É na imanência que o pensamento habita e tem seu campo de experimentação (DELEUZE, 1995). Aqui na tese, pensar a imanência requer pensar no traçar dos planos, no seu trançar e guasquear. Sob a imanência absoluta, pensamos, experienciamos – inventamos culturas; inventamos naturezas. Isso requer ou recai no que se está fazendo, inclusive numa capacidade de desacelerar esse absoluto. Mergulhados em imanência, a captamos, interagimos e coexistimos. O pensamento está presente como campo de experimentação. Assim, me permiti pensar a partir da tese e seu *corpus*, num tempo no Pampa. Um tempo como “recorte”, que fiz para poder pensá-lo. Os sujeitos pampeanos se implicam e se produzem em imanência. Longe de provocar um suposto enquadramento, fui à tentativa de problematizar esse modo de ser em sua implicância com o

GUASQUEANDO O TEMPO

Uma Fabricação de Natureza no Pampa

tempo. Pontuando esse fazer-se pensamento, associo-o ao fazer-se experiência de Deleuze, e aqui também quero retomar Foucault. É na experiência da imanência que os modos de subjetivação vão se configurando, constituindo-se um presente. “[...] para Foucault, o que conta é a diferença do presente e do atual. O atual não é o que somos, mas antes o que nos tornamos, o que estamos nos tornando, isto é, o Outro, o nosso devir-outro. O presente, ao contrário, é o que somos e, por isso mesmo, o que já deixamos de ser.” (DELEUZE, 1992, p. 135).

Desta forma, vi com interesse esse pensar sobre uma Natureza-Tempo no Pampa como uma invenção de dimensão histórica das práticas desses sujeitos em relação ao “seu si” nessa atualidade, para a qual nos provoca Foucault como um resultado de processos de subjetivação que podem ser deslocamentos de uma dimensão universal. Aproximando ainda, do que trouxe no capítulo 3, na agonística ou incitação ao deslocar e escapar. Assim, coube a pergunta: poderia tomar essa Natureza-Tempo como espaço para uma agonística do pensamento que contra-realize os diagramas de poder que hegemonomizam nossa cultura ocidental, em modos de vida mais acelerado, consumista, agitado? Sem querer fechá-la em respostas afirmativas, quero potencializá-la com os ensinamentos de Foucault em seu terceiro domínio. Seria essa possível contra-realização (aqui trazida por mim como Natureza-Tempo, como modo de vida e sua implicância com o tempo) o que chamou atenção dos entrevistados e os fizeram dizer que nessa forma de ser, no Pampa, há mais conexão com a natureza?

Ratto (2008, p. 145) nos ajuda quando diz: “[...] A miséria do pensamento está dada por excesso de sentido e não por falta. O pensamento pensa por uma forte irritação com o excesso do já-pensado.” Diante do excesso de informação e da pressa com que as pessoas organizam suas vidas na modernidade, o autor problematiza a inviabilidade de experiência a partir disso. “[...] Sentidos, valores e verdades já não podem ser efetivamente recriados, a menos que tais transformações não coloquem em risco aquilo que lhes é determinante, o império da impermanência e fugacidade.” (Ibidem, p. 151). Nesse caminho, aproximo a *quietude* e *lentidão* pampeana trazidas, aqui, numa construção de existência

GUASQUEANDO O TEMPO

Uma Fabricação de Natureza no Pampa

desse gaúcho, em *seu* silêncio, em sua experiência do tempo, como uma experiência estética que mexe com o tempo e uma possibilidade de pensatividade.

Seguindo essas colocações e sem esquecer-se do quanto o sujeito pampeano se constitui imerso em nossa cultura ocidental e sua *occasio*, pensei no quanto e em como esse sujeito moderno pode fazer-se experiência, sujeito de uma natureza, de um tempo, de uma Natureza-Tempo. Assim, seguindo Foucault (2012), tentei mostrar de que maneira esse sujeito foi colocado no *corpus* e, ainda, como esse *corpus* pode estar instituindo um discurso de natureza. Levando-me a pensar de que maneira esse material empírico trouxe esse sujeito como uma possibilidade de experiência dele mesmo em relação ao “seu si”, em relação a uma natureza.

O capítulo 3 nos ajudou a pensar nesse sujeito como uma experiência historicamente construída, numa correlação entre campos de saber, normatividades e formas de subjetividade. Destacando neste capítulo, na análise das possibilidades da relação consigo, em um constituir-se em relação ao “seu si”; sua pensatividade, quietude, silêncio, tempo, natureza. Para tanto, tomo essa possibilidade de experiência modificadora de si como um exercício de si, como uma Natureza-Tempo que vai, em alguma medida, na contramão de um “tempo moderno”. Quem sabe contra-realizando algumas hegemonias bastante marcantes da cultura ocidental e suas verdades?

Uma Natureza-Tempo no Pampa em experiências que, diante das tramas culturais modernas, se fazem singulares num espaço-tempo de pensatividade, singulares num guasqueio de pensatividade, em quietude, silêncio, lentidão, tempo, pensamento. Sujeitos que vivem em territorialidades fixando regras de comportamento e de conduta e que são mostrados, pelo dito e imagético, com certos valores estéticos que deslocam o que vem caracterizando nossa modernidade com suas velocidades e efemeridades – ou como nos disse Ratto (2008), acima, um império de impermanência e fugacidade.

Há uma trama discursiva sobre natureza que me fez pensar sobre essa fabricação de um discurso de natureza no Pampa, o qual foi evidenciado sob o

GUASQUEANDO O TEMPO

Uma Fabricação de Natureza no Pampa

enunciado de Natureza-Tempo – forte e interessante para ser analisado sob o prisma da educação ambiental, pois os ditos e não ditos (enquanto estratégias discursivas) são produzidos em regimes de verdade em que assumimos “algumas naturezas”, se mostrando numa Natureza-Tempo como possibilidade de invenção. Uma invenção de um Pampa fotográfico, guasqueado em tramas e tranças entre cultura e natureza no foco de uma história local que articula saberes e poderes. Registros de olhares e lentes fotográficos; uma construção a partir da prática cultural da fotografia. Tal construção nos vem pela arte, numa linguagem fora dos padrões da lógica formal. Wenders nos aponta:

[...] cuando fotografiamos o filmamos un lugar, ¿establecemos com él una relación distinta de la que teníamos antes, cuando habíamos pasado por delante y simplemente nos habíamos quedado mirándolo? ¿Se crea una especie de “relación de propiedad”? ¿Qué se lleva consigo la persona que há hecho una fotografia em um lugar? (WENDERS, 2005, p. 153)

Uma fabricação discursiva corroborada pela fotografia. Fotógrafos e suas fotografias que nos ensinam sobre essa forma de ser numa dita natureza no Pampa. Invenções que podem ser colocadas em suspenso: como penso sobre essas produções fotográficas? Que movimentos de pensamento me provocam? Como me provoco a partir disso em relação à cultura e à natureza? Aqui, reforcei a importância do campo de saber da educação ambiental, o qual pode nos impulsionar a exercitar o pensamento para as diferentes formações discursivas em funcionamento. Neste momento, o foco foi a partir das lentes fotográficas em questão que evidenciaram um discurso de natureza romântico, mas que também trouxeram um Pampa que contrastou com a rapidez e efemeridade dos modos de existência moderna. Imagens que nos calam. Humanos que parecem olhar para si mesmos. Um tempo que me levou, como pesquisadora, ao silêncio, à quietude, à lentidão, à melancolia, a pensamentos meus, a pensamentos de um Pampa. Gaúchos em sua terra, em sua casa, em uma territorialidade; uma imbricação de natureza e cultura representada por imagens de um Pampa que se mostrou em hábitos, memória e possibilidades.

GUASQUEANDO O TEMPO

Uma Fabricação de Natureza no Pampa

Considerações Finais

Nesta contingência pampeana onde várias forças entraram em jogo, fui trazendo um trato com o material no foco das lentes de uma educação ambiental que “tomasse as coisas com filosofia”, como Foucault nos impulsiona (Lindon, 2015, p.183). Uma educação ambiental como uma prática para pensarmos sobre o próprio pensamento.

O que é a filosofia senão uma maneira de refletir, não exatamente sobre o que é verdadeiro e o que é falso, mas sobre nossa relação com a verdade? [...]. É filosofia o movimento pelo qual, não sem esforços, hesitações, sonhos e ilusões, nos separamos daquilo que é adquirido como verdadeiro, e buscamos outras regras do jogo. É filosofia o deslocamento e a transformação dos parâmetros de pensamento, a modificação dos valores recebidos e todo o trabalho que se faz para pensar de outra maneira, para fazer outra coisa, para tornar-se diferente do que se é [...]. (FOUCAULT, 2000, p. 305)

Tomar a educação ambiental com filosofia, então, me inspirou na busca de deslocamentos que catassem possibilidades nos caminhos na educação ambiental, que é um campo que se coloca em verdades e que pode deslocar-se em verdades. Experiências de pensamento num exercício que se produziu no fazer dessa pesquisa. Um exercício no debruçar-se teórica e metodologicamente e mergulhar no *corpus* de análise. Relações estéticas que se passam no Pampa foram evidenciadas e trazidas como manifestações de existências estéticas, atualmente importantes na problematização dos discursos de natureza. Como Foucault nos disse, nesse atual que passa pela problematização do “que estamos nos tornando”.

Fui trilhando uma educação ambiental que assumisse a modernidade ocidental, tão marcada pelas universalidades, como podendo ser focada a partir das histórias locais e, nesse caso, na experiência estética que movimenta uma perspectiva de constituição de tempo-espço no Pampa. Nesse jogo de forças colocado, a análise pela educação ambiental me proporcionou uma forte aproximação com a filosofia, assumindo essa educação ambiental como trânsito nos limites do político, ético e estético. Um campo de saber que produz e pode se assumir como vertente impulsionadora do “cuidado de si”. Para isso, procurei

GUASQUEANDO O TEMPO

Uma Fabricação de Natureza no Pampa

no pensar sobre o pensamento um direcionamento para a educação ambiental. Uma provocação em busca do impensado, do desconhecido. Educação ambiental como diagnóstico do presente, problematizando nossa possibilidade de ação no atual, no impulso pelo impensado e no exercício da suspeita, de pensarmos sobre a verdade e nos conduzirmos. Em perspectiva ética de construção de si, de cuidado de si. Uma educação ambiental que se desafie pela potência do pensamento:

É disso que se trata quando somos fisgados pela potência do pensamento, dilatando os poros por onde passa a vida. Que sejamos tentados a estranhar os elementos que, extremamente bem encaixados, nos incomodam o olhar; que possamos tencionar o dito consensual vendo que ali, onde reina a verdade, é onde nossas forças merecem se instalar. É ali que a vigilância epistemológica e o cuidado teórico devem criar vasão ao pensamento. (HENNING, 2018, p. 9)

Dar vasão ao pensamento, provocando um exercício filosófico que nos permita pensar diferentemente. Num sentido propositivo, como nos estimula Ratto (2008, p. 46), procurando pensar o pensamento naquilo que faça sentido “por interesse e importância”. Pensar nas condições em que problematizamos o que somos e o mundo no qual vivemos e, assim, pensar por atravessamentos críticos. No entanto, o que tomei por atravessamentos críticos? Segui os passos de Foucault. Então, persegui uma educação ambiental atravessada pela crítica, por ela instrumentalizada, sustentada como um campo do devir, nos passos de uma crítica foucaultiana que

[...] deve ser um instrumento para aqueles que lutam, resistem e não querem mais as coisas como estão. Ela [a crítica] deve ser utilizada nos processos de conflitos, de enfrentamentos, de tentativas de recusa. Ela não tem de impor a lei à lei. Ela não é uma etapa em uma programação. Ela é um desafio em relação ao que é. (FOUCAULT, 2012, p. 32) [nota minha]

Como educadora ambiental, não objectivei, nesta tese, alegar o que a educação ambiental deveria fazer ou realizar; mas antes, nos passos de Foucault, fui à tentativa desse campo fazer-se como devir. Logo, houve a necessidade da crítica que se propõe em análise, recusa e enfrentamento ao

GUASQUEANDO O TEMPO

Uma Fabricação de Natureza no Pampa

modelo de pensamento que implica formas de ser e estar na modernidade. Antes da prescrição, a incerteza e a instabilidade necessária para vazios, quietudes, silêncios, zonas vagas para o pensamento. Um “entremeio”? Guasqueando uma analítica que abrisse o trançado na possibilidade de rupturas num pensar de si e, assim, “propositiva por interesse e importância” (Ratto, 2008).

Quis trazer uma educação ambiental que fosse capaz de colocar em suspenso “um tento de trança” de nossa história enquanto pensamento moderno, numa analítica que beirasse a resistência e que se fizesse suspeita diante dos acontecimentos. Quem sabe pudesse, a partir de um movimento enquanto pesquisadora ou através de um compartilhar com leitores, implicar e estimular processos que pensem investimentos em desbloqueios e no deslegitimar de jogos de poder. Focando na analítica, me entusiasmei e me atrevi na possibilidade de rupturas, com os perigos, desafios e – muitas! – limitações aí implicadas.

Assim, nos passos dos dois intercessores deste capítulo, persegui uma elaboração que tomasse meu enunciado pela filosofia e se mostrasse em uma educação ambiental como campo do devir. Uma versão que perseguisse o “pensamento do lado de fora” (DELEUZE, 1988) ou como forma de “resistência” (FOUCAULT, 2012b), na busca pela possibilidade da diferença, do pensamento como experiência. O que implicou em descolar e desacomodar funcionamentos nos mais diferentes campos ou temporalidades, movimentar temporalidades e experiências na tentativa de desestruturar o que está colocado e naturalizado. Uma possibilidade de experimentar-se em rachaduras e resistências diante do que nem questionamos mais num determinado campo de saber-poder. Desafio! Como diria Godoy (2008), transfigurar a apatia e tranquilidade da vontade de verdade no campo da educação ambiental. Busquei uma educação ambiental que se movimentasse pela vontade de deslocamentos nos modos como enxergamos o próprio campo e, também, os discursos que aí se encontram naturalizados, como o de natureza. Guimarães colabora,

Os modos como enxergamos e nos relacionamos com a natureza são frutos do momento histórico em que vivemos. Podemos compreender, portanto, que em diferentes tempos e espaços são configuradas

GUASQUEANDO O TEMPO

Uma Fabricação de Natureza no Pampa

inúmeras formas de vermos e lermos a natureza, e de estabelecermos relações com ela. Muitas vezes, não percebemos que os nossos atos, as maneiras de narrar acontecimentos, os modos de vermos a nós mesmos e aos outros e, ainda, nossas escolhas cotidianas, tudo isso, são negociações que vamos estabelecendo diariamente com os significados que nos interpelam através da cultura (GUIMARÃES, 2008, p.87).

As fotografias como expressões, nos trazem variados focos de variados domínios culturais. Diferentes expressões de arte podem ser potentes para a educação ambiental, podendo ser a repetição do mesmo, como podendo, também, fazer-se em experiência, provocando uma pensatividade para além do já pensado. Um movimento que se coloque em pensamento sobre como vimos nos educando e educando nosso olhar a partir do imagético. Uma experimentação que foi minha neste pesquisar, buscando uma educação ambiental que insistisse em se provocar nessa fabricação cultural de imagens em diferentes cotidianos e gestos. Diferentes atos e gestos, trazidos em relações estéticas – nas quais Foucault (1995) nos ajudou a pensar desde o capítulo 1, com a possibilidade da vida como obra de arte. Movimentos de força, movimentos de poder, estabelecendo diariamente significados que nos interpelam através da cultura. Movimentos que podem homogeneizar as relações humano / ambiente fundamentando verdades e, no contrapelo, pensar sobre produções artísticas como a fotografia, lançando-se em sua problematização e análise. “[...] entender a cultura como prática de significação implica vê-la como estando intimamente conectada às relações de poder que estão em jogo nas práticas sociais” (GUIMARÃES, 2007, p.240).

Sendo assim, não seria o campo da educação ambiental um espaço de experimentos? Em deslocamento a um campo que possa se colocar com “a verdade”? Permitindo a emergência de novos caminhos, vejo que a educação ambiental pode ser tomada como possibilidade de ensaio e seu exercício, numa experiência modificadora de si no jogo da verdade.

[...] O “ensaio” – que é necessário entender como experiência modificadora de si no jogo da verdade, e não como apropriação simplificadora de outrem para fins de comunicação – é o corpo vivo da filosofia, se, pelo menos, ela for ainda hoje o que era outrora, ou seja,

GUASQUEANDO O TEMPO

Uma Fabricação de Natureza no Pampa

uma “ascese”, um exercício de si, no pensamento. (FOUCAULT, 2012, p. 15 e 16).

Educação ambiental como “corpo vivo” da filosofia, pensando maneiras de proceder nos discursos, em como nos colocamos diante das verdades. Um exercício que pode ser potencializado através do estranhamento com as verdades, educação ambiental como atividade filosófica. Que verdades são essas que assumimos como legítimas? Como nos colocamos nos jogos de poder? Como nos desafiamos? Como exploramos o que pode ser mudado em nosso pensamento como diz Foucault em mais uma passagem

[...] Mas o que é filosofar hoje em dia – quero dizer, a atividade filosófica – senão o trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento? Se não consistir em tentar saber de que maneira e até onde seria possível pensar diferentemente em vez de legitimar o que já se sabe? Existe sempre algo de irrisório no discurso filosófico quando ele quer, do exterior, fazer a lei para os outros, dizer-lhes onde está a sua verdade e de que maneira encontra-la, ou quando pretende demonstrar-se por positividade ingênua; mas é seu direito explorar o que pode ser mudado, no seu próprio pensamento, através do exercício de um saber que lhe é estranho. [...] (FOUCAULT, 2012, p. 15)

Por esses caminhos, a educação ambiental pode se apropriar de práticas culturais (como a fotografia) para explorar como pensamos, estando numa aproximação estética entre cultura e natureza, pensando e se fazendo em possibilidades de experiência. Ratto nos lembra que fazer-se com filosofia é “fazer-se em experiência” (Ratto, 2008, p. 140). Uma educação ambiental que se associe às práticas artísticas, fazendo-se em experiência e, quem sabe, podendo “produzir aberturas no pensamento, não oferecendo modelos ou propostas diretamente [...], mas nos exigindo certa conversão de olhar ao que estamos tão acostumados a ver, trazendo “uma atitude de olhar, uma postura artística diante da vida e da contradição da existência” (LOPONTE, 2016, p. 185)” [nota da autora].

Assim, torna-se importante lembrar:

O pensamento, para o verdadeiro filósofo, é vivido como uma forma de insurreição em pelo menos dois sentidos. O primeiro deles diz respeito

GUASQUEANDO O TEMPO

Uma Fabricação de Natureza no Pampa

ao fato de que o que faz pensar, o que move o exercício do pensamento é a própria quebra de sua formalidade disciplinada. Não penso por uma boa intenção de conhecimento do mundo. Penso porque o mundo não me dá outra chance – quando sou afetado por aquilo que desbanca meus sentidos habituais – senão me pôr a pensar. É do assombro, da interrogação, dos problemas que o mundo inscreve em meu corpo que o pensamento se constitui. No entanto, esse pensamento não se produz num vácuo, a partir de um ponto zero de sentidos, valores e verdades. Ao contrário disso, ele só se torna possível por uma experiência de inconformidade, com o excesso de pressupostos sentidos, valores e verdades comuns. [...]. Mas há, ainda, um segundo sentido em que se põe essa insurreição do pensamento em tal perspectiva filosófica. É na própria doxa, no senso comum, na opinião, no que pode haver de mais regular e disciplinado, que se abrem fendas, brechas, frestas pelas quais o pensamento pode mover-se. deste modo, o pensamento que pensa não busca – senão por uma estratégia eventual – opor-se, confrontar, produzir um antagonismo com vistas à instalação de uma “boa nova”. O que o pensamento pensante coloca na berlinda é justamente o processo de constituição do já pensado, de maneira que se recoloca em processo o que parecia terminantemente concluído. Trata-se de um jogo interminável, de uma perseguição sem finalidade última, de uma carícia infinitamente prolongada. (RATTO, 2008, p. 145)

O que o autor nos traz vai ajudando a sustentar uma movimentação por um campo de saber como a educação ambiental enquanto ensaio, enquanto provocação ao que tomamos por pensamento, por experiência. Uma movimentação filosófica que nesta tese pensou esse campo e um problema de pesquisa em deslocamentos. Nos jogos de poder, somos chamados a nos reconhecer como sujeitos de uma educação ambiental; sujeitos de uma natureza; sujeitos de uma cultura. Na analítica desta tese, percorri uma fabricação discursiva de natureza no Pampa que evidenciasse jogos de força e pudesse pensar sobre o pensamento, se provocar pelo impensado, que se provocasse nessa perseguição. Ou seja, uma tentativa de (me) provocar no território da educação ambiental, empreendimento que permitisse o pensar sobre como nos constituímos; na problematização foucaultiana “do que estamos nos tornando”.

Portanto, um enunciado de Natureza-Tempo pode ser interessante para pensarmos sobre verdades sobre naturezas, verdades sobre tempos e verdades sobre educação ambiental. Invenções e experiências que, além de históricas, podem ser filosóficas – “tomadas com filosofia”. Tomar a vida com filosofia, tomar a vida com arte. Mário Quintana poeticamente me ajudou a ilustrar:

GUASQUEANDO O TEMPO

Uma Fabricação de Natureza no Pampa

Amigos, não consultem os relógios
quando um dia eu me for de vossas vidas
em seus fúteis problemas tão perdidas
que até parecem mais uns necrológios...

Porque o tempo é uma invenção da morte:
não o conhece a vida – a verdadeira –
em que basta um momento de poesia
para nos dar a eternidade inteira.

Inteira, sim, porque essa vida eterna
somente por si mesma é dividida:
não cabe, a cada qual, uma porção.

E os anjos entreolham-se espantados
quando alguém - ao voltar a si da vida –
Acaso lhes indaga que horas são...
(QUINTANA, 2017)

FLOR DE PENSAMIENTO
Considerações Finais da Tese

CONSIDERAÇÕES FINAIS

FLOR DE PENSAMIENTO

FLOR DE PENSAMIENTO
Considerações Finais da Tese



Flor de Pensamiento (2018)

FLOR DE PENSAMIENTO

Considerações Finais da Tese

Na *artesanía gaucha* do Pampa, a flor do pensamento é bastante utilizada, na *plataría* ou na *guasquería*. Diz a lenda que, de início, seu perfume era intenso e doce, o que atraía muitas pessoas. Ocorre que, para sua colheita, se fazia necessário adentrar nos trigais que acabavam pisoteados. Assim que pensando sobre isso, a flor solicitou às forças divinas que perdesse seu aroma, na tentativa de tornar-se menos interessante e disputada, evitando os estragos nos vizinhos *trigales*. Uma narrativa que me lembrou um cuidar “de si”; um cuidado em conhecer-se; um cuidar “do outro”. Um exercício de pensar-se e constituir-se.

Nesse sentido, trouxe tal metáfora no encerramento desta tese, pensando na flor como alguém que se provoca diante do cuidado de si, diante do cuidado do outro. A flor como provocação – como foi o sentido desta tese. Provocações em situar-se diante das verdades que assumimos e tomamos como hegemônicas. Um exercício de pesquisa que trouxe pensamentos de um Pampa; pensamentos sobre pensamentos de um Pampa numa tese de educação ambiental. Em um desafio “de si”, pelo impensado, pelas possibilidades de experiências de pensamento. Existências estéticas foram colocadas sob análise na tentativa de tomá-las com filosofia. Um trabalho que se fez em experimento no pensar de outra maneira; em tentativa de tornar-se diferente do que se é na inspiração de uma flor de *pensamiento*: um pensar sobre o pensamento.

Pensar é experimentar, e esta pesquisa se provocou num “tempo” para pensar práticas de si, na procura pela desnaturalização de critérios de uma estética de si que possam estar em jogo no Pampa. A mobilização se fez pela pergunta de pesquisa **“como os fotógrafos e suas fotografias fabricam uma natureza pampeana na atualidade?”**. A fotografia foi tomada como prática cultural que ensina e como uma fabricação cultural que pode nos provocar em exercício. Implicarmo-nos sobre o que pensamos – no que estamos nos tornando – e tencionando algumas manifestações estéticas sob o foco da educação ambiental.

O primeiro capítulo da tese apresentou a pesquisadora e os caminhos metodológicos que foram percorridos, juntamente com a relevância do tema para o campo de saber da educação ambiental. A associação entre Pampa, educação

FLOR DE PENSAMIENTO

Considerações Finais da Tese

ambiental e fotografia, a partir do problema de pesquisa, proporcionou uma análise e problematizações que contribuíssem para pensarmos sobre como constituímos discursos e em como vimos fabricando um discurso de natureza. Para tanto, houve o investimento em pensar sobre modelos e tendências totalizantes; houve o investimento em tomar as imagens como práticas culturais que nos falam; forças que nos ensinam e constroem representações de natureza. Entendendo o discurso como prática que se produz a partir de forças discursivas e não discursivas, tomei como questões de pesquisa: Como se estabelece a relação entre natureza e cultura na constituição do Pampa?; Como se constitui o sujeito pampeano?; Como se entrelaçam os ditos e as fotografias pampeanas na fabricação de uma natureza?.

Assim, houve o aprofundamento e a busca genealógica da formação histórica do Pampa e da fabricação de conceitos de natureza. Nos capítulos 2 e 3, percorri referenciais que ajudassem na compreensão da formação discursiva de natureza pelos caminhos da história do presente de Michel Foucault. Investiguei a fabricação de conceitos de natureza e também o surgimento da figura cultural do gaúcho.

Com os ditos e não ditos, eu tive um *corpus* de análise que possibilitou problematizações e potencializou um pensar sobre a esteira do campo de saber da educação ambiental. A partir dos modos de existência evidenciados no material empírico, procurei a função do objeto discursivo implicado em verdade(s) dada(s) em certo tempo-espço.

A tese produziu 3 enunciados, analisados nos capítulos 4, 5, e 6, havendo a preocupação em questionar as regras de seu surgimento. Assim, o objetivo foi trazer as enunciações mapeadas, ligando e tornando potente a composição dos enunciados que foram, então, descritos. Destaco que cada enunciado foi trazido como partícula de um discurso de natureza no Pampa e, também, procurei mergulhar no material empírico, distribuindo enunciações e imagens com o aporte da discussão teórica e definindo enunciados. Muitas vezes, foi preciso coragem para adensar o pensamento em caminhos que se apresentavam novos e abismais; porém, foi preciso meter-se no abismo, como Nietzsche impulsionou no capítulo 1.

FLOR DE PENSAMIENTO

Considerações Finais da Tese

O primeiro enunciado foi trabalhado no capítulo 4 – **Uma Campeira Conexão/Uma Urbana Desconexão**, cujo material trouxe um humano campeiro destacado como conectado à natureza; e seu duplo, um humano urbano e desconectado dela. Nesse sentido, entrevistas e fotografias demarcaram a necessidade de delimitar o “natural” em áreas protegidas. Houve, neste capítulo, a problematização de algumas dualidades naturalizadas na modernidade e instituídas como verdades, como o que tomamos por urbano e rural; natural e não natural; natural e cultural; conectado com a natureza e não conectado com a natureza. Existências estéticas também foram pinçadas no material empírico, na mira de uma natureza no Pampa.

No capítulo 5 – **Um Duplo Campeiro**, houve evidência de um humano que se faz duplo no modo de ser campeiro. Há, nesse espaço rural, um duplo e, rastreando suas pistas, houve a problematização da dicotomia entre natureza e cultura – o que me fez colocar em suspenso a construção binária. Procurei discuti-la a partir das análises de imagens e ditos de entrevistas, me colocando nesse jogo como um “olho sujeito” (DIDI-HUBERMAN, 2010). Dessa forma, pensei numa natureza que se atualiza, na qual experiências humanas no Pampa me potencializaram no pensar em dicotomias bastante hegemônicas da modernidade, como a de cultura e natureza.

Pelo enunciado de **Natureza-Tempo**, desenvolveu-se o capítulo 6. Esse terceiro enunciado foi tomado como uma invenção no Pampa e alguns processos de subjetivação foram problematizados numa relação entre território e terra, uma territorialidade pampeana constituída pelo dito e não dito dos fotógrafos, trazidos em enunciações que sustentaram um tempo para o Pampa. O tempo, aqui, foi trazido como rizoma, tempo subjetivo sob a égide de Aion (DELEUZE, 1988), como possibilidade de existência estética. A vida está em manifestações estéticas, fazendo-se em experiências (FOUCAULT, 2012), trazida numa experiência com o tempo, num guasqueado de cultura e natureza. Os ensinamentos deleuzianos me potencializaram no movimento entre hábito, memória e devir. Com isso, ditos e imagético entrelaçaram-se para dar a ver um conjunto de enunciações que constituíram o enunciado de Natureza-Tempo do Pampa. Elementos de lentidão, silêncio, tempo e pensamento me inclinaram no

FLOR DE PENSAMIENTO

Considerações Finais da Tese

trançar de uma rede que envolve um modo de ser e existir. Como modo de existência, tornou-se curiosa e interessante essa produção de objetividade e subjetividade pampeana, mediante processos culturais modernos de acelerados e compulsivos consumismos e efemeridades. Foi evidenciada uma fabricação de experiência estética com a vida, uma relação com o tempo em pensatividade, num exercício em relação ao que é tomado por uma natureza.

Nesta tese, o olhar da educação ambiental deu-se a partir do entendimento desse campo como impulsionador do pensamento, como exercício da suspeita. Uma provocação ao pensar o que vimos pensamos e em como nos constituímos; uma educação ambiental pelo viés da estética, que possibilite pensar o impensado e estimule um agir sobre nossa atuação, inclusive em relação “aos tempos” que assumimos; uma provocação que possa se desafiar pelo impensado e, quem sabe, transvalorar o que está dado e constituído. Guattari, com a revolução molecular, nos lembra que ela

[...] no sólo tiene que ver con las relaciones cotidianas entre hombres y mujeres, homosexuales y heterosexuales, niños, adultos, etc. Interviene también y ante todo en *las mutaciones productivas en cuanto tales*. La revolución molecular es portadora de *coeficientes de libertad* inasimilables e irrecuperables por el sistema dominante. Esto no significa que dicha revolución molecular sea automáticamente portadora de una revolución social capaz de dar a luz una sociedad, una economía y una cultura liberadas del CMI [Capitalismo Mundial Integrado]. (GUATTARI, 2004, p.69) [nota minha]

Ou seja, as articulações micropolíticas se tornam importantes e fortes onde não há um único caminho real para trocas e câmbios. Uma educação ambiental que problematize e se proponha a diagnosticar nossos tempos foi entendida nesta tese como um campo de saber que aposta numa multiplicidade de vias possíveis na circulação entre o político, o ético e o estético, pois não há um sentido único. A analítica da relação entre cultura e natureza pode dar-se em caminhos de experiência, e é Henning quem nos convida:

[...] O convite para os espíritos livres é outro, muito distinto do agir compulsivo. O convite é para a solidão e a embriaguez do pensamento. Somente tensionando-o é que alimentamos a possibilidade de pensar por si mesmo. É daí que o conceito de problematização se une a essa

FLOR DE PENSAMIENTO

Considerações Finais da Tese

necessária solidão. É daí que é preciso o silêncio, mas um silêncio que nos empurre para vida, para as forças criativas que a problematização pode nos trazer. (HENNING, 2018, p. 6 e7)

Então, a Educação ambiental se faz como caminhos de experiência possíveis. Ainda, aparecem as tentativas micropolíticas de atuação nos jogos de poder; a invenção de possibilidades nas entranhas de poder enquanto produtivo. Dessa forma, é importante pensar como nos assumimos enquanto sujeitos da educação ambiental, que exercitam seu agir muitas vezes através do imagético. “Talvez nossas práticas pedagógicas necessitem exercitar deslocamentos não apenas da imagem em si mesma, mas também dos nossos focos.” (GUIMARÃES, 2013, p. 49). Como a fotografia pode ajudar esse campo de saber para pensar outras educações ambientais possíveis? Penso que um bom começo possa ser o exercício da suspeita. Buscar uma zona vaga, um necessário vazio para o pensamento, silêncio e pensatividade que podem implicar em deslocamentos e fabricações estéticas com a vida, com o mundo.

Um campo de saber que pode se desafiar a pensar sobre si como experiência estética, permitir-se ao ensaio. Desdobrar-se em suspeita e problematizações mergulhadas em perspectivas críticas como Foucault (2006) apontou no capítulo 6. Uma crítica que não se faz prescritiva, nem etapa e nem programação, mas como “um desafio em relação ao que é”, com possibilidades de recomposições no diagrama de possibilidades.

Quem sabe uma recomposição de práticas de educação ambiental? Desafiar-se em micropolíticas que movimentem um pensar sobre os ensinamentos de Guattari (1995) acerca da ecologia mental, social e ambiental. É, então, a contribuição ecosófica nos possibilitando pensar sobre o pensamento dessas articulações complementares, contribuindo para uma educação ambiental que possa se colocar em experiência

[..] na relação com os indivíduos, com os semelhantes, mas leva em conta o dessemelhante, a dissidência, a diferença de ordem humana, animal e vegetal, e com a relação com o cosmos, e com os valores incorporais tais como a música, as artes plásticas, etc. Acredito que é a vontade de construir a vida, a consciência de maquinar a existência, incluída as mediações artificiais que são a ciência e a arte, o que levará

FLOR DE PENSAMIENTO

Considerações Finais da Tese

a sair deste alento modernista e pós-modernista que conhecemos” (GUATTARI, 2015, p.216).

Seguindo nessa linha argumentativa, percebemos que a Educação ambiental está assumindo posições tomadas com filosofia. Uma possibilidade de educação ambiental guasqueando política, ética e estética, assumindo-se como filosofia e como exercício da suspeita: suspeitando e inventando modos de vida; uma arte do existir possível à existência de cada um – possibilidades e modos que Foucault nos trouxe como ensinamento.

Devemos desmascarar nossos rituais e fazê-los aparecer como são: coisas puramente arbitrárias, ligadas ao nosso modo de vida burguês. É bom – e isso é o verdadeiro teatro – transcendê-los através do modo do jogo, através de um modo lúdico e irônico; é bom ser sujo e barbudo, ter cabelos compridos, parecer uma moça quando se é um rapaz (e vice-versa). É preciso pôr “em jogo”, exhibir, transformar e derrubar os sistemas que nos ordenam pacificamente. Quanto a mim, é o que tento fazer no meu trabalho. (FOUCAULT, 2000, p.193)

Portanto, é assim que meu trabalho de pesquisadora e de educadora ambiental fez o esforço de colocar-se nesse lugar. Num lugar de busca pelo desprendimento, cuidando do presente para que não caia em domínios universais. Uma procura pela criação de estéticas da existência para além dos sistemas; a procura por vidas não assujeitadas, vidas que não se conformam com formas padronizadas de ser e existir. Política, ética e estética articulando e problematizando o cotidiano e as perguntas que fazemos sobre a vida, sobre o mundo.

Uma educação ambiental para pensar a vida! A vida como experiência estética! Quem sabe a vida como obra de arte?

Chegando ao final desta tese, gostaria de afirmar o quanto esta pesquisa me alegrou e impulsionou no desejo de estudar e pesquisar ainda mais o campo educacional atravessado pelo campo da arte. Neste momento, trabalhar com o foco da educação ambiental e a fotografia aguçou o desejo de continuar os estudos na intersecção entre esses dois campos de estudo, tomando a filosofia como linha dorsal de meus investimentos investigativos.

FLOR DE PENSAMIENTO

Considerações Finais da Tese

Minha intenção é concluir esta etapa e investir em novos estudos que me possibilite aprofundar as discussões da ética em Foucault e da potência da estética da existência para a educação ambiental. E assim, dar continuidade a essa busca pessoal, no entendimento de que no cuidado de si se joga a possibilidade de um exercício de liberdade. De tal modo, continuar pesquisando o campo da educação tomado com filosofia. Estudos e pesquisas onde eu possa continuar buscando a não conformidade e a derrubada de sistemas que nos dispõe pacificamente.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

AMARAL, Marise. **Histórias de viagem e a produção cultural da natureza: a paisagem do Rio Grande do Sul segundo os viajantes estrangeiros do século XIX.** Porto Alegre. UFRGS. 2003.

AMORIM, Eduardo. Disponível em: <http://guasqueiro.blogspot.com.br/> (acesso em 10/08/2016).

ARTAUD, Antonin. Disponível em: <https://razaoinadequada.com/2013/04/17/artaud-a-questao-que-se-coloca/> (acesso em 14/10/2017).

ASSUNÇÃO, Fernando. **El Gaucho** – Estudio Socio-Cultural. Uruguay. Direccion General de Extension Universitaria, 1978.

BANDEIRA, Julio; LAGO, Pedro. **Debret e o Brasil.** Obra Completa. Capivara. 2013.

BARROS, Roberto. **Naturalização da cultura ou ocidentalização da natureza?** In: Lins, Daniel. Nietzsche / Deleuze: Natureza / Cultura. São Paulo. Lumme. 2011.

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara – nota sobre a fotografia.** Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 2015.

_____, Roland. **Mitologias.** São Paulo. Difel, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida.** Rio de Janeiro. Zahar, 2001.

BEHAN, Hans. **Fortuna.** Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Fortuna_or_Fortune.jpg (Acesso em 04/10/17).

BORSCHÉ, Tilman. **Qual Natureza nós queremos?** In: Lins, Daniel. Nietzsche / Deleuze: Natureza / Cultura. São Paulo. Lumme. 2011.

BRASIL. 2006. Decreto Federal Nº 5758 de 13/04/2006. **Plano Estratégico Nacional de Áreas Protegidas.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/decreto/d5758.htm (Acesso em 26/10/2017).

BRAUN, Jayme. **Cusco Baio.** Disponível em: <https://www.letras.mus.br/jayme-caetano-braun/cusco-baio/>. (Acesso em 23/07/2017).

CAPEs. **Portal de Periódicos CAPEs.** <http://www.periodicos.capes.gov.br/> (Acesso em 31/07/2016).

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, Isabel, C. M. **A Invenção Ecológica: narrativas e trajetórias da educação ambiental no Brasil**. Porto Alegre. UFRGS. 2002.
- CARVALHO, Marcos. **O que é Natureza**. São Paulo. Brasiliense. 1991.
- DELEUZE, Gilles. **A Imagem-Movimento**. Lisboa. Assírio & Alvim. 2009.
- _____, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro. Editora 34. 2000.
- _____, Gilles. **Conversações: 1972-1990**. São Paulo. Editora 34. 2010.
- _____, Gilles. **Diferença e Repetição**. Rio de Janeiro. Graal. 1988.
- _____, Gilles. **Mil Platôs – capitalismo esquizofrenia**. Rio de Janeiro. Editora 34. 1995.
- _____, Gilles; GUATTARI, Félix. **O Que é Filosofia?**. Rio de Janeiro. Editora 34. 1992.
- _____, Gilles. **Lógica do Sentido**. São Paulo. Perspectiva. 1974.
- DESCARTES, René. **Discurso do método**. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- DIAS, Genebaldo. **Educação Ambiental: Princípios e Práticas**. São Paulo. Gaia. 1992.
- DIDI-HUBERMAN. **O Que Vemos, O Que Nos Olha**. São Paulo. Editora 34. 2010.
- DROIT, Roger Pol. **Michel Foucault: Entrevistas**. Rio de Janeiro. Graal, 2006.
- ESTRADA, Enrique. **Radiografia de la Pampa**. Argentina. Allca, 1996.
- FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro. Forense. 2002.
- _____, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo. Editora Loyola. 2008b.
- _____, Michel. **Arqueologia das Ciências e Histórias dos Sistemas de Pensamento / Ditos e Escritos II**. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 2000.
- _____, Michel. **As Palavras e as Coisas**. São Paulo. Martins Fontes. 2007.
- _____, Michel. **Estratégia, Poder – Saber / Ditos e Escritos IV**. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 2006.
- _____, Michel. **Ética, Sexualidade, Política / Ditos e Escritos V**. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2004.

REFERÊNCIAS

- _____, Michel. **História da Loucura**. São Paulo. Perspectiva. 1978.
- _____, Michel. **História da Sexualidade 2**. O uso dos prazeres. São Paulo. Graal. 2012.
- _____, Michel. **Microfísica do Poder**. São Paulo. Graal. 2008.
- _____, Michel. **O Sujeito e o Poder**. Apêndice da 2ª edição. Michel Foucault entrevistado por Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow. In.: DREYFUS, Hubert e RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 1995.
- _____, Michel. **Sobre a genealogia da ética: uma visão do trabalho em andamento**. Entrevista de Hubert Dryfus e Paul Rabinow com Michel Foucault em Berkeley. 1983. In: ESCOBAR, C.H. (ORG.) Michel Foucault (1926-1984) – O Dossier: últimas entrevistas. Rio de Janeiro. Taurus. 1984.
- _____, Michel. **Vigiar e Punir** – História da violência nas prisões. RJ. Vozes, 2012b.
- FABINI, Luis. **Gauchos**. Uruguai. Pressur Corporation AS. 2012.
- FISCHER, Rosa. **Trabalhar com Foucault: arqueologia de uma paixão**. Belo Horizonte. 2012.
- FLUDD, Robert. 1617-19. **Homem Vitruviano**. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Frontpage_-_Robert_Fludd_-_Utriusque_cosmi_Historia_-_1617-19.png. (Acesso em 05/10/17).
- FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta: ensaio sobre uma futura filosofia da fotografia**. Rio de Janeiro. Relume Dumará. 2009.
- FRERS, Celine. <http://www.celinefrers.com/fineart/gauchos#&gid=1&pid=13>. (Acesso em 08/09/2017).
- FRERS, Celine. **Tierra de Gauchos**. Argentina. My Especial Book. 2012.
- GABEIRA, Fernando. **Vida Alternativa: uma revolução do dia a dia**. Porto Alegre. L&PM. 1985.
- GODOY, Ana. **A menor das ecologias**. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo. 2008.
- _____, Ana. **O modelo da natureza e a natureza do modelo**. São Paulo em Perspectiva. Vol. 14, n.4, Out/Dez. 2000.

REFERÊNCIAS

GOLIN, Tau. **Identidades** – Questões sobre as representações socioculturais no gauchismo. Passo Fundo. Clio, Méritos, 2004.

GRÜN, Mauro. **Ética e Educação Ambiental: A conexão necessária**. Campinas. Papirus. 1996.

GUALANDI, Alberto. **Deleuze**. São Paulo. Estação Liberdade. 2003.

GUATTARI, Félix. **As Três Ecologias**. São Paulo. Papirus. 1995.

_____, Félix. **Plan sobre el planeta – Capitalismo mundial integrado y revoluciones moleculares**. Madrid. Traficantes de Sueños – Mapas. 2004.

_____, Félix. **Qué es la ecosofia?** Buenos Aires. Cactus. 2015.

GUIMARÃES, Leandro. **A importância da história e da cultura nas leituras da natureza**. Inter-Ação: Rev. Fac. Goiás. Educ. UFG. 2008.

_____, Leandro Belinasso. **Notas sobre o dispositivo da sustentabilidade e a formação de sujeitos verdes**. IN: SARAIVA, Karla e MARCELLO, Fabiana de Amorim.(org). Estudos Culturais e Educação: desafios atuais. Canoas. ULBRA, V.1, p. 219-232. 2012.

_____, Leandro Belinasso. Preve, Ana Maria. **Fotografias de deslocamentos no Ambiente: fugas em uma prática educativa**. Ciências Humanas e Sociais em Revista. Rio de Janeiro. EDUR. Vol. 35, n 2, jul / dez, p. 48-59. 2013.

_____, Leandro Belinasso. **Pesquisa em Educação Ambiental: olhares atentos a cultura**. In: WORTMANN, Maria Lucia; SANTOS, Luis Henrique Sacchi dos; RIPOLL, Daniela; SOUZA, Nadia; KINDEL, Eunice Aita (Orgs). Ensaio em Estudos Culturais, Educação e Ciência. Porto Alegre. UFRGS. 2007.

GÜIRALDES, Ricardo. **Dom Segundo Sombra**. Porto Alegre. L&PM. 1997.

HENNING, Paula Corrêa. **Provocações para este tempo... a Educação Ambiental nos atravessamentos midiáticos**. In.: PREVE, Ana Maria H.; GUIMARÃES, Leandro B.; BARCELOS, Valdo e LOCATELLI, Julia S. (org). Ecologias Inventivas: conversas sobre educação. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2012. P. 241-253.

HENNING, Paula Corrêa. **Educação Ambiental: o silêncio como potência criadora**. Em Análise. 2018.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Manual Técnico da Vegetação Brasileira**. 1992.

REFERÊNCIAS

ftp://geoftp.ibge.gov.br/documentos/recursos_naturais/manuais_tecnicos/manual_tecnico_vegetacao_brasileira.pdf (Acesso em 23-10-15)

Imagem **Flor de Pensamiento**. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/itafloress/galleries/72157624957405461/?rb=1>. Acesso em 04/01/2018.

KUNTZE, Tadeusz. **Fortuna** – disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Fortuna_\(mitologia\)#/media/File:Tadeusz_Kuntze_01.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Fortuna_(mitologia)#/media/File:Tadeusz_Kuntze_01.jpg) (acesso em 04/10/17).

LARROSA, Jorge B. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. In: Revista Brasileira da Educação. Nº19. Rio de Janeiro. ANPED. 2002.

_____, Jorge. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte. Autêntica. 2015.

LATOURETTE, Bruno. **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro. Editora 34. 1994.

LESSA, Luis Carlos Barbosa. **A História do Chimarrão**. Porto Alegre. Evangraf, 2013.

LINDON, Mathieu. **O que amar quer dizer**. São Paulo. Cosac Naify. 2015.

LOPONTE, Luciana; MOMOLI, Daniel; CAPRA, Carmem. **Para pensar o horizonte da arte e da educação na contemporaneidade**. Revista GEARTE, Porto Alegre, v. 3, n. 2, p. 179-191, maio/ago. 2016. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/gearte> (acesso em 21/9/2017).

MANTEGNA, Andrea. **Occasio** - Disponível em: <https://i.pinimg.com/736x/d1/2f/da/d12fda38eaae8d857e1b39cfcbcb2378--andrea-mantegna-renaissance-art.jpg> (acesso em 04/10/17).

MESTRI, Mario. **Fazendas, Cercas e Legalidade**. Disponível em: <http://anovademocracia.com.br/no-13/1022-fazendas-cercas-e-legalidade>. (Acesso em 16/5/2016)

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. <http://www.mma.gov.br/biomas/pampa>. (Acesso em 13-10-15).

MIZRAHI, Beatriz Gang. **A Vida criativa em Winnicott: um contraponto ao biopoder e ao desamparo no contexto contemporâneo**. Rio de Janeiro. Garamond, 2010.

MORAES, Mauro. **Lástima**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/mauro-moraes/1033243/>. Acesso em 22/2/2018.

NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. São Paulo. Companhia das Letras. 2012.

REFERÊNCIAS

_____, Friedrich. **Sobre Verdade e Mentira no sentido extramoral**. São Paulo. Hedra. 2008.

_____, Friedrich. **Vontade de Potência**. Porto Alegre. Editora Globo. 2010.

_____, Friedrich. **Crepúsculo dos Ídolos ou Como Se Filsofa Com o Martelo**. São Paulo. Companhia das Letras. 2006.

PAIVA, Zé. **Natureza Gaúcha**. São Paulo. Metalivros, 2008.

PELBART, Peter Pál. **O Tempo Não-Reconciliado**. in: ALLIEZ, Éric (org.). Gilles Deleuze: Uma Vida Filosófica. São Paulo. Editora 34. 2000.

PELBART, Peter Pál. **Vida Capital: ensaios de bioplítica**. São Paulo. Iluminuras. 2011.

PESAVENTO, Sandra. **História do Rio Grande do Sul**. Mercado Aberto. 1997.

PILLAR, Valerio. **Campos Sulinos** - conservação e uso sustentável da biodiversidade. MMA, Brasília, 2009.

PNEA. PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL. **Lei de Educação Ambiental**. Site: <http://www.mma.gov.br/educacao-ambiental/politica-de-educacao-ambiental/programa-nacional-de-educacao-ambiental> (acesso em 22/5/2015).

QUINTANA, Mario. **Ah! Os Relógios**. <http://www.citador.pt/poemas/ah-os-relogios-mario-quintana>. Acesso em 12/12/2017.

RAMIL, Vitor. **A ilusão da casa**. <https://www.youtube.com/watch?v=NitmCqrD25Y>. Acesso em 05/12/2017.

RANCIÈRE, Jacques. **O Destino das Imagens**. Rio de Janeiro. Contraponto. 2012.

RATTO, Cléber Gibbon. **Compulsão à Comunicação – ensaios de ética, educação e silêncio**. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação. RS/BR. 2008.

RECLUS, Élisée. **Do sentimento da natureza nas sociedades modernas**. São Paulo. Imaginário. 2010.

REIGOTA, M. **A Educação Ambiental frente aos desafios apresentados pelos discursos contemporâneos sobre a natureza**. Educação e Pesquisa. São Paulo. v. 36, nº2, p. 539-553, maio/agosto, 2010.

ROUSSET, Clement. **A lógica do pior**. Rio de Janeiro. Espaço e Tempo. 1989.

REFERÊNCIAS

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **1779-1853 - Viagem ao Rio Grande do Sul**. Editora do Senado Federal, 2002.

SARMIENTO, Domingo Faustino. **Facundo**. 1999. Argentina. Disponível em: <http://www.educ.ar/sitios/educar/recursos/ver?id=92781> (acesso em 26/5/2016).

SCIELO. **SciELO - Scientific Electronic Library Online**. Disponível em: <http://search.scielo.org/?q=&where=> (acesso em 20/07/2016).

SUERTEGARAY, Dirce; PIRES DA SILVA, L.A. **Tchê Pampa: histórias da natureza gaúcha**. In: PILLAR, V. *Campos Sulinos - conservação e uso sustentável da biodiversidade*. MMA, Brasília, 2009.

TESCHAUER. Carlos. **História do Rio Grande do Sul dos dois primeiros séculos**. Porto Alegre. Selbach. 1926.

THOMAS, Keith. **O Homem e o Mundo Natural: mudanças de atitudes em relação às plantas e aos animais, 1500-1800**. São Paulo. Companhia das Letras. 1988.

VEIGA NETO, Alfredo. **Currículo, Disciplina e Interdisciplinaridade**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte - v.17 - n.2 - 1996. Disponível em: <http://ceve.org.br/biblioteca/curriculo-disciplina-interdisciplinaridade>. (Acesso em 10/11/2016).

_____, Alfredo. **Há Teoria e Método em Michel Foucault? Implicações educacionais**. In: Cadernos de Educação | FaE/PPGE/UFPel | Pelotas [34]: 83 – 94, 2009.

VERISSIMO, Erico. O Tempo e o Vento, parte II: **O Retrato**, vol II. São Paulo. Companhia das Letras, 2004.

VEYNE, Paul M. **Como se Escreve a História; Foucault revoluciona a História**. Brasília. Universidade de Brasília. 2008.

VEYNE, Paul. **Foucault: seu pensamento, sua pessoa**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 2011.

VIEIRA, Virgínia Tavares. **Naturalismo Poético Pampeano – uma potência musical do pensar**. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental. RS/BR. 2017.

VINCI, Leonardo Da. 1490. **Homem Vitruviano**. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Homem_Vitruviano_\(desenho_de_Leonardo_da_Vinci\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Homem_Vitruviano_(desenho_de_Leonardo_da_Vinci)). (Acesso em 05/10/17).

REFERÊNCIAS

WENDERS, Wim. **El acto de ver - textos y conversaciones**. España. Universidad Francisco de Vitoria. 2005.